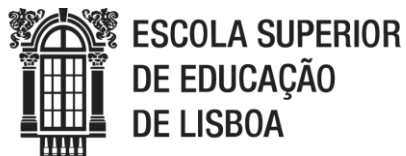


## **MOTIVAÇÃO, ENSINO E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA DE PORTUGAL NO 2.º CEB**

**Ana Rita Couteiro Rodrigues**

Relatório de Investigação apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do EB e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do EB

**2017**



## **MOTIVAÇÃO, ENSINO E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA DE PORTUGAL NO 2.º CEB**

**Ana Rita Couteiro Rodrigues**

Relatório de Investigação apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para  
obtenção de grau de mestre no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do EB e de Português e  
História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do EB

Orientador: Prof. Doutor Alfredo Dias

**2017**

“Quem ensina aprende ao ensinar,  
e quem aprende ensina ao aprender”

Paulo Freire (1999)

## **AGRADECIMENTOS**

Chegada ao fim esta tão grande caminhada, não podia deixar de agradecer a todos aqueles que caminharam comigo e me ajudaram a alcançar esta meta.

Em primeiro lugar, agradecer à minha família, por todos os esforços que fizeram para que pudesse formar-me e realizar um sonho de menina. E ao Filipe, meu namorado, por todo o apoio e paciência nos momentos mais stressantes.

Ao Professor Doutor Alfredo Dias, que se mostrou logo disponível para colaborar comigo neste trabalho, que sem dúvida não é só meu. Agradeço-lhe pela dedicação e apoio ao longo de todo o processo.

À Joana Letras, minha companheira de estágio, com a qual partilhei alegrias, tristezas e inseguranças, e que pela excelente pessoa que é, foi tão fácil trabalhar ao longo destes 2 anos.

Às professoras cooperantes, Paula, Zezinha e Lourdes, por terem aberto as portas das suas salas e aos seus alunos que me deram a oportunidade de aprender e crescer com eles.

E por fim à ESE, da qual levo bons ensinamentos, ao longo destes cinco anos de formação.

## **RESUMO**

A apresentação do presente relatório surgiu no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada II, integrada no plano de estudos do Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia no 2º Ciclo do Ensino Básico, com vista à sua finalização. Nele é apresentado um estudo realizado num contexto de 2º Ciclo, com duas turmas do 6º ano de escolaridade, no ano letivo 2016/2017.

Tendo em conta as características dos alunos, foi possível definir uma problemática que orientou o estudo aqui apresentado, centrada na motivação, ensino e aprendizagem dos alunos na disciplina de História e Geografia de Portugal.

Assim, a partir do estudo desenvolvido pretendeu-se compreender de que forma a utilização de recursos nas aulas de História e Geografia de Portugal que vão ao encontro dos interesses dos alunos, aumentam a motivação e influenciam a participação, o empenho e os resultados nos alunos.

A metodologia considerada para o estudo aproxima-se do paradigma da metodologia de investigação-ação e o quadro teórico mobilizado corresponde aos conceitos e conceções que justificam a motivação como fator influenciador no processo ensino-aprendizagem, que explicitam a influência da motivação na participação em sala de aula e de que forma estes dois conceitos podem ser dinamizados indo ao encontro das finalidades da disciplina de História e Geografia de Portugal.

Em relação aos resultados obtidos, determinou-se que a utilização de recursos, que vão ao encontro dos interesses e gostos dos alunos, na disciplina de História e Geografia de Portugal apresentam potencialidades, sendo elas: (i) aumentar a motivação dos alunos; (ii) aumentar os níveis de participação nas aulas; (iii) melhorar os resultados.

Após a análise destes resultados, concluiu-se que as potencialidades associadas a esta estratégia, podem dar um contributo relevante ao processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Motivação; Participação; Ensino; Aprendizagem; História e Geografia de Portugal

## **ABSTRACT**

The following report was developed in the scope of Supervised Teaching Practice II as part of the Master's Teaching in the 1st Cycle of Basic Education and Portuguese and History and Geography of Portugal in the 2nd Cycle of Basic Education. In this report, it is presented a study performed in two distinct sixth grade classes, during the school year of 2016/2017.

Considering the characteristics of the students involved, it was possible to establish a common problem that guided the study based on motivation and learning methods regarding History and Geography in 2nd Cycle of Basic Education.

This way, the study aimed to understand the usage of resources during the classroom based on the student's personal interests and how it can increase their motivation, participation, performance and results.

The used methodology is based on the paradigm of investigation-action and the used theoretical framework correspond to the line of thoughts that will justify motivation as a leading factor in the teaching-learning process and in which ways this two concepts can be used to better achieve the goals of History and Geography specifically.

Regarding the results obtained, it was determined that the usage of resources based on student's personal interests during History and Geography classes can in fact: (i) increase motivation among the students; (ii) increase active participation during class and (iii) can increase the student's final results.

After analysing the results, it was concluded that the potentialities associated with this strategy can significantly contribute to the teaching-learning process, specially in the History class.

**Keywords:** Motivation; Participation; Teaching; Learning; History and Geografy



## ÍNDICE GERAL

Introdução.....	1
1.ª parte.....	3
1. Descrição sintética da prática pedagógica desenvolvida no contexto do 1.º ceb .....	4
1.1. Contexto institucional .....	4
1.2. Caracterização do grupo-turma.....	6
1.3. A intervenção educativa.....	8
2. Descrição sintética da prática pedagógica desenvolvida no contexto do 2º ceb .....	11
2.1. Contexto institucional .....	11
2.2. Caracterização do grupo-turma.....	12
2.3. A intervenção educativa.....	15
3. Análise crítica da prática ocorrida em ambos os ciclos.....	18
2.ª parte.....	21
4. Definição e fundamentação da problemática e dos objetivos do estudo .....	22
4.1. Motivação e aprendizagem .....	23
4.2. A participação do aluno no processo de ensino e aprendizagem.....	27
4.3. A motivação e a participação na aprendizagem da hgp.....	30
5. Metodologia.....	34
6. Apresentação dos resultados.....	37
6.1. Dados do questionário inicial .....	37
6.2. Dados do questionário final .....	43
6.3. Dados da participação dos alunos .....	46
6.4. Dados das aprendizagens dos alunos .....	48
7. Conclusões.....	50

Reflexão final .....	52
Referências .....	54
Anexos .....	57
Anexo A. Horário da turma do 1.ºceb .....	60
Anexo B. Avaliação diagnóstica 1.º ceb.....	61
Anexo C. Objetivos e estratégias gerais de intervenção.....	75
Anexo D. Indicadores de avaliação do 1ºceb .....	77
Anexo E. Avaliação das aprendizagens de português .....	79
Anexo F. Avaliação das aprendizagens de matemática.....	83
Anexo G. Avaliação das aprendizagens de estudo do meio .....	87
Anexo H. Avaliação das aprendizagens das expressões.....	88
Anexo I. Horários 2.º ceb .....	92
Anexo J. Avaliação diagnóstica 2.ºceb - português.....	94
Anexo K. Avaliação diagnóstica 2.ºceb - hgp .....	100
Anexo L. Avaliação diagnóstica 2.ºceb – competências sociais .....	109
Anexo M. Questionário inicial .....	111
Anexo N. Objetivos e estratégias gerais de intervenção 2º ceb.....	114
Anexo O. Indicadores de avaliação 2º ceb .....	115
Anexo P. Questionário final .....	116
Anexo Q. Dados da participação dos alunos .....	118
Anexo R. Minificha de avaliação .....	120

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Esquema síntese da problemática do estudo .....	22
Figura 2. Pirâmide das necessidades de Maslow .....	24
Figura 3. O que é a História? .....	38
Figura 4. Para que serve a história? .....	39
Figura 5. O que mais gostas de estudar na disciplina de história? .....	40
Figura 6. Qual o modo de ensinar do professor que mais gostas? .....	41
Figura 7. Participaste muitas vezes nas aulas? .....	42
Figura 8. As aulas ajudaram-te a gostar mais, menos ou não mudou nada em relação à disciplina de HGP? .....	44
Figura 9. Para que serve a História? .....	44
Figura 10. Dados relativos à participação dos alunos .....	45
Figura 11. Dados relativos às competências da disciplina de HGP .....	47
Figura 12. Dados relativos às competências da disciplina de HGP. ....	48
Figura K1. Taxa de sucesso em percentagem das competências gerais dos alunos da turma A nas fichas de avaliação .....	107
Figura K2. Taxa de sucesso em percentagem das competências gerais dos alunos da turma B nas fichas de avaliação .....	107

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Potencialidades e fragilidades identificadas no 1.º CEB .....	7
Tabela 2. Potencialidades e fragilidades identificadas no 2.º CEB .....	14
Tabela B1. Dados da avaliação diagnóstica de Português do 1.º CEB .....	61
Tabela B2. Dados de avaliação diagnóstica de Matemática do 1.º CEB .....	65
Tabela B3. Dados de avaliação diagnóstica de Estudo do Meio do 1.º CEB .....	67
Tabela B4. Dados de avaliação diagnóstica de Expressão Musical do 1.º CEB .....	68
Tabela B5. Dados de avaliação diagnóstica de Expressão Motora do 1.º CEB .....	69
Tabela B6. Dados de avaliação diagnóstica de Expressão Plástica do 1.º CEB .....	72
Tabela B7. Dados de avaliação diagnóstica das Competência Sociais do 1.º CEB .....	73
Tabela C1. Objetivos e estratégias gerais de intervenção do 1.ºCEB .....	75
Tabela D1. Indicadores de avaliação do 1.º CEB .....	77
Tabela E1. Dados da avaliação das aprendizagens de Português no 1.º CEB .....	79
Tabela F1. Dados da avaliação das aprendizagens de Matemática no 1.º CEB .....	83
Tabela G1. Dados da avaliação das aprendizagens de Estudo do Meio no 1.º CEB ....	87
Tabela H1. Dados da avaliação das aprendizagens da Expressão Dramática no 1.º CEB .....	88
Tabela H2. Dados da avaliação das aprendizagens de Expressão Plástica no 1.º CEB .....	89
Tabela H3. Dados da avaliação das aprendizagens da Expressão Musical no 1.º CEB .....	90
Tabela H4. Dados da avaliação das aprendizagens da Expressão Motora no 1.º CEB .....	91

Tabela J1. Avaliação das competências de leitura dos alunos da turma A .....	94
Tabela J2. Avaliação das competências de leitura dos alunos da turma B .....	95
Tabela J3. Avaliação das competências de escrita dos alunos da turma A .....	96
Tabela J4. Avaliação das competências de escrita dos alunos da turma B .....	98
Tabela K1. Dados da ficha de avaliação 1 da turma A .....	101
Tabela K2. Dados da ficha de avaliação 2 da turma A .....	102
Tabela K3. Dados da ficha de avaliação 3 da turma A .....	103
Tabela K4. Dados da ficha de avaliação 1 da turma B .....	104
Tabela K5. Dados da ficha de avaliação 2 da turma B .....	105
Tabela K6. Dados da ficha de avaliação 3 da turma B .....	106
Tabela K7. Média das taxas de sucesso das competências gerais dos alunos das turmas A e B .....	108
Tabela L1. Avaliação das competências sociais dos alunos da turma A .....	109
Tabela L2. Avaliação das competências sociais dos alunos da turma B .....	110
Tabela N1. Objetivos e estratégias gerais de intervenção no 2.º CEB .....	114
Tabela O1. Indicadores de avaliação do 2.º CEB .....	115
Tabela Q1. Dados da participação dos alunos da turma A .....	118
Tabela Q2. Dados da participação dos alunos da turma B .....	119

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CEB – Ciclo do Ensino Básico

HGP – História e Geografia de Portugal

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PE – Projeto Educativo

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PI – Projeto de Intervenção

PT – Português

TEIP – Território Educativo de Intervenção Prioritária



## INTRODUÇÃO

No âmbito da Unidade Curricular, Prática de Ensino Supervisionada (PES) II, surge a apresentação do presente relatório final com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal do 2º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação. Este relatório tem como objetivo a descrição e análise reflexiva e fundamentada da intervenção pedagógica realizada em dois contextos educativos distintos, bem como a apresentação de uma investigação concretizada paralelamente à prática educativa.

O trabalho encontra-se organizado em nove capítulos que, apesar de serem distintos, apresentam uma relação entre si. O primeiro e segundo capítulo referem-se à caracterização dos contextos socioeducativos nos quais decorreram a prática educativa, onde é realizada uma caracterização global da instituição, da turma, do modo de gestão e de avaliação das atividades. A partir da caracterização são definidas potencialidades e fragilidades, um conjunto de questões problemas e apresentada uma problemática, para cada um dos contextos. Segue-se a apresentação de objetivos gerais e estratégias de intervenção, bem como a avaliação realizada durante o processo de intervenção. Neste sentido, surge o terceiro capítulo, onde é realizada uma análise crítica à prática ocorrida em ambos os ciclos, de forma a estabelecer uma comparação e reflexão sobre os mesmos.

O quarto capítulo apresenta uma Introdução à investigação concretizada durante a prática do 2º Ciclo, sendo referida a definição e apresentação do problema objeto de estudo. O quinto capítulo remete para a fundamentação teórica dos conceitos fundamentais associados à problemática.

Posteriormente, o sexto capítulo destina-se à descrição da Metodologia, isto é, dos métodos utilizados para a recolha e análise dos dados reunidos durante as diferentes fases do trabalho desenvolvido, sendo fundamentada a sua importância e função. O sétimo capítulo consiste na apresentação e discussão dos resultados do estudo, tendo em conta a explicitação do processo de avaliação e dos indicadores considerados para o efeito.

Por fim, o oitavo capítulo, contempla as conclusões finais, relacionando-se de forma crítica e conscienciosa, as diferentes dimensões do trabalho efetuado. O nono

capítulo, apresenta uma reflexão final, em que se descreve o contributo da prática pedagógica para o desenvolvimento das competências profissionais e a identificação dos aspetos mais significativos ao longo do processo de formação.

O relatório termina com a apresentação das referências bibliográficas consultadas para a elaboração do trabalho e a apresentação dos anexos que surgem ao longo do corpo do texto, de forma a complementá-lo.

## **1.<sup>a</sup> PARTE**

# **1. DESCRIÇÃO SINTÉTICA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DESENVOLVIDA NO CONTEXTO DO 1.º CEB**

A intervenção educativa realizada numa sala de aula de 2.º ano de escolaridade do 1.º CEB, ocorreu numa escola da Área Metropolitana de Lisboa, tendo-se iniciado no dia 31 de outubro de 2016 e terminado no dia 13 de janeiro de 2017. Nesta descrição sintética da prática desenvolvida no 1.º ciclo começa-se por fazer a caracterização do contexto institucional, para, em seguida, se proceder à caracterização do grupo-turma e, finalmente, apresentar as principais linhas da intervenção educativa.

## **1.1. Contexto institucional**

A prática pedagógica do 1.º CEB decorreu numa turma de 2.º ano de uma **instituição** de ensino privada que integra valências desde a educação pré-escolar ao ensino secundário. Pela consulta do Projeto Educativo (PE) da instituição verifica-se que o modelo de ensino e de aprendizagem tem como referência a Pedagogia Inaciana.

A Pedagogia Inaciana inspira-se na experiência de vida de Santo Inácio de Loyola (1491-1556) e preconiza o crescimento pessoal, emocional, espiritual, relacional e de serviço aos outros (site da instituição, 2017). Este modelo pedagógico sustenta-se em cinco dimensões-chave: 1) Contexto; 2) Experiência; 3) Reflexão; 4) Ação; 5) Avaliação (PE, 2016). Nesse sentido, o modelo inaciano, adotado pela instituição, procura a formação integral e completa do aluno através do “desenvolvimento integrado das áreas cognitiva, pessoal, social, artística, afetiva e religiosa” (site da instituição, 2017). Como tal, o PE é composto pelo Plano Académico, pelo Plano Pastoral, pelo Plano de Formação Humana e pelo Plano de Atividades de Complemento Curricular.

No que diz respeito ao currículo do 1.º CEB, no PE é referido que as áreas de Língua Portuguesa e de Matemática são essenciais na formação do aluno, pelo que lhes é atribuído mais tempo de carga horária semanal. O Estudo do Meio é trabalhado seguindo a metodologia do Trabalho por Projeto. Relativamente às áreas das Expressões, nomeadamente, a Expressão Musical, a Expressão Plástica e a Expressão Motora, são lecionadas por docentes especializados. O currículo integra ainda o Inglês, desde o 1.º ano de escolaridade, a Formação Humana e a Formação Cristã, sendo todas estas

disciplinas obrigatórias. A instituição disponibiliza como Atividades de Componente Curricular: atividades aquáticas/piscina, voleibol, rãguebi, futebol, ténis, dança criativa, ginástica, judo, karaté, teatro, música e Hip Hop (site da instituição, 2017).

No que diz respeito aos **pais e aos encarregados de educação**, a docente reúne-se, individualmente, com os encarregados de educação, uma vez por semana, em horário definido por si, mediante marcação prévia. Para além deste meio, há uma comunicação regular através do e-mail institucional da docente.

Relativamente ao **horário da turma** (cf. Anexo A), um dia normal de aulas começa às 8h30 e termina às 16h15, havendo diversas rotinas fixas, cada uma delas associada a uma área curricular, nomeadamente, o Trabalho de Texto, o Conselho Cooperação, Tempo de Estudo Autónomo, Apresentação de Produções e a Matemática Coletiva. Como já foi referido, nem todas as componentes letivas são lecionadas pela professora titular, como é o caso das Expressões (Musical e Motora), Formação Crista, Inglês e Natação, que são da responsabilidade de professores especialistas. Existem ainda duas componentes que são lecionadas de forma cooperada entre a professora titular e o professor especialista: Formação Humana e Expressão Plástica. Nos momentos de Tempo de Estudo Autónomo, realizados à segunda-feira, os alunos com mais dificuldades trabalham, na sala de aula, com uma professora de apoio.

No que concerne ao tipo de **atividades** propostas e realizadas pelos alunos destacam-se: a realização de fichas, em Tempo de Estudo Autónomo; o melhoramento de textos dos alunos, em grande grupo; apresentações orais formais realizadas pelos alunos; e, momentos de exposição oral, nos momentos de Matemática Coletiva. A professora recorre a vídeos da escola virtual nos momentos de Matemática Coletiva, ao material linguístico produzido pelos alunos, produz sínteses dos conteúdos abordados, bem como fichas para os alunos realizarem em Tempo de Estudo Autónomo. Segundo a docente, em entrevista, as metodologias a que recorre procuram que as aprendizagens sejam centradas no aluno, aproximando-se do modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna. Contudo, a professora não segue um modelo pedagógico integralmente, adaptando as atividades, sempre que necessário, às particularidades e necessidades de cada aluno e às características do grupo, entendido no seu conjunto

A **avaliação** das aprendizagens dos alunos, segundo a professora cooperante, segue as modalidades da avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. No início do ano letivo, a professora aplicou uma ficha de avaliação diagnóstica de Português e de Matemática. Terminada a abordagem de um conteúdo, a professora realiza uma ficha formativa, procurando compreender que dificuldades ainda existem. A avaliação sumativa é trimestral, correspondendo a um teste escrito em cada uma das áreas referidas.

## **1.2. Caracterização do grupo-turma**

A **turma** onde decorreu a prática pedagógica do 1.º CEB é um 2.º ano de escolaridade composto por 23 alunos, sendo que 13 são raparigas e 10 são rapazes, com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos (Registos Biográficos dos alunos, 2016).

Nesta turma de 23 crianças, do 2.º ano, não existem alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), no entanto, segundo a docente titular, em diferentes momentos de trabalho e reflexão sobre a turma que tiveram lugar durante o período de observação, existem quatro alunos com mais dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita. Todos os alunos têm o Português como língua materna, à exceção de um, que tem o Castelhana. A maioria dos progenitores é licenciada e encontram-se empregados maioritariamente no setor terciário (Registos biográficos dos alunos, 2016).

Os alunos são interessados e participativos nas tarefas dentro e fora da sala de aula, todavia, apresentam algumas dificuldades em relação ao comportamento e à capacidade de interagir com os pares. Alguns alunos têm dificuldades de aprendizagens acentuadas e necessitam de um acompanhamento mais próximo do adulto.

De salientar é a sua participação na gestão e manutenção do espaço e na planificação das aprendizagens. São tarefas dos alunos, por exemplo, o registo do tempo, das presenças, distribuição do lanche, entre outros. A planificação da semana é realizada em cooperação entre a professora e os alunos e o trabalho a realizar ao longo da semana é gerido por cada aluno.

A relação entre professora e os alunos pauta-se por respeito mútuo. A professora recorre a linguagem objetiva, clara e específica da área abordada no momento.

De acordo com a caracterização do contexto educativo, as informações disponibilizadas pela professora cooperante e a avaliação diagnóstica realizada nas

diferentes áreas – Português, Matemática, Estudo do Meio, Expressões e Competências Sociais (cf. Anexo B) – foi possível identificar as **potencialidades e fragilidades** do grupo (Tabela 1):

Tabela 1.

*Potencialidades e Fragilidades identificadas no 1.º CEB.*

	Potencialidades ao nível de...	Fragilidades ao nível de...
Competências transversais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade Reflexiva;</li> <li>• Capacidade de pesquisa de informação;</li> <li>• Organização no Plano Individual de Trabalho;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acompanhamento do trabalho que está a ser desenvolvido pela maioria dos membros da turma;</li> <li>• Trabalho em grupo;</li> </ul>
Competências Sociais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Autonomia na organização dos materiais;</li> <li>• Capacidade de reflexão e interação na resolução de conflitos entre pares e em pequenos grupos;</li> <li>• Pensamento crítico e capacidade de comunicação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incumprimento das regras de sala de aula;</li> <li>• Necessidade de relembrar as tarefas de gestão da sala;</li> <li>• Incumprimento das regras de interação conversacional oral;</li> </ul>
Português	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura fluente;</li> <li>• Apresentação de Produções – competências de expressão oral desenvolvidas;</li> <li>• Compreensão leitora (maioritariamente compreensão literal);</li> <li>• Gosto pela leitura;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ler com entoação;</li> <li>• Fronteira de frase;</li> <li>• Estruturação de ideias nos textos;</li> <li>• Interpretação de textos ou frases simples;</li> <li>• Desconhecimento de regras básicas de ortografia;</li> <li>• Desconhecimento de algumas regras gramaticais</li> </ul>
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contagens de dinheiro;</li> <li>• Identificação de polígonos e não polígonos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilização de Algoritmos;</li> <li>• Estratégias de cálculo mental e de resolução de problemas;</li> </ul>
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Associação de um órgão ao sentido;</li> <li>• Reconhecer os meses do ano e os dias correspondentes a cada um;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não foram encontradas fragilidades nos temas abordados;</li> </ul>
Expressões	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cantar com afinação, andamento e ritmo adequados;</li> <li>• Tocar uma canção no xilofone.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Coordenação motora (alguns alunos);</li> <li>• Motricidade fina.</li> </ul>

Nota: Elaboração própria

Esta caracterização permitiu a definição de um conjunto de questões orientadoras de intervenção pedagógica: i) *Como estimular o cumprimento e a interiorização de regras de comportamento em sala de aula?*; ii) *Como diminuir os comportamentos de indisciplina para rentabilizar o tempo de aprendizagens?*; iii) *Que tipo de atividades promover para desenvolver a competência de resolução de problemas?*; iv) *Que tipo de atividades promover para que os alunos recorram a estratégias de cálculo mental?*; v) *Que estratégias mobilizar para que os alunos melhorem a competência de produção de textos?*

### **1.3. A intervenção educativa**

A análise destas questões permitiu definir como **problemática** central de intervenção *a indisciplina enquanto condicionante dos ritmos de trabalho da turma e das aprendizagens dos alunos*. Podemos justificar este facto, em parte, pelo ano de escolaridade em causa, pois sendo uma turma de 2.º ano, algumas regras de comportamento na sala de aula ainda não estão interiorizadas. No entanto, esta dimensão assumia uma relevância significativa no grupo pelo que se transformou no centro da nossa preocupação e intervenção.

Tendo em conta a caracterização anteriormente apresentada, foram então definidos os **objetivos gerais** da intervenção:

1. Desenvolver a competência de cálculo mental.
2. Desenvolver estratégias de resolução de problemas.
3. Melhorar competência de produção textual.
4. Melhorar o comportamento na sala de aula.

Para cada um destes objetivos gerais foram definidos objetivos específicos das diferentes áreas abrangidas, assim como as respetivas **estratégias** de intervenção que garantiram o desenvolvimento das ações implementadas (cf. Anexo C).

Importa referir, que apesar dos objetivos estarem associados a diferentes áreas, foram promovidas aprendizagens significativas, de modo a que um mesmo conteúdo fosse integrado e trabalhado de diferentes formas nas várias áreas do saber.

Todas as decisões tomadas tiveram em consideração o plano de trabalho da turma, sendo objetivo a continuidade das rotinas implementadas. Contudo, uma das principais

estratégias foi a implementação de novas rotinas, tais como a implementação de uma tira de cálculo mental e a escrita de um texto, semanal, e o “Problema da Semana”.

Como forma de **avaliação do projeto** e a fim de verificar se os objetivos específicos, bem como os gerais, foram alcançados, identificaram-se vários indicadores de avaliação a cumprir ao longo da intervenção (cf. Anexo D). No entanto, também foi efetuada a **avaliação das aprendizagens** dos alunos nas diferentes áreas disciplinares.

No que diz respeito à área do **Português**, a avaliação baseou-se nas produções escritas dos alunos (de forma individual, a pares ou em coletivo), tendo em conta os processos de escrita: planificação, revisão e melhoramento de texto. Na resolução de fichas de leitura de textos produzidos pelos alunos ou por textos de autor, sendo a correção feita em grande grupo, de forma a promover momentos de partilha de ideias e de reflexão em relação a possíveis erros.

No caso da **Matemática**, a avaliação foi promovida através da resolução de problemas semanais trazidos e dinamizados pelos alunos, sendo corrigidos em grande grupo, de modo a serem partilhadas diferentes estratégias de resolução. Resolução de somas ou subtrações de cálculo mental através da tira semanal e da exploração de material didático, através da promoção de um “mercado”, para a abordagem ao conteúdo “O dinheiro”.

Na área do **Estudo do Meio**, a avaliação incidiu sobre a ficha trimestral, sobre os momentos de reflexão em grande grupo e pela aplicação de uma ficha de trabalho relacionada com os conteúdos abordados em T. Projeto: “Os meses e dias do ano” e “O meu corpo”.

Por fim, as **Expressões** não permitiram a realização de uma avaliação com um carácter sistemático devido ao facto da intervenção ter sido muito reduzida nestas áreas do currículo. No entanto, a avaliação que, ainda assim, foi possível de concretizar baseou-se nas produções dos alunos de forma individual ou em pequenos grupos, grelhas de observação direta e momentos de auto e heteroavaliação.

Numa breve síntese dos resultados alcançados podem ser destacados: (1) Na área do Português (cf. Anexo E) a participação ativa dos alunos nos momentos de expressão oral, respeitando, na maioria, as regras de interação; melhoria do processo de planificação durante a escrita de textos; melhorias nas questões de organização da informação; (2) Na

Matemática (cf. Anexo F) os alunos demonstraram sem capazes de reconhecer a paridade dos números, de ler e escrever números por extenso, ordens e classes, resolver operações de adição ou subtração em momentos de cálculo mental e de resolução de problemas; recolher e organizar dados; realizar contagens com euros e cêntimos; (3) No Estudo do Meio (cf. Anexo G) Os alunos foram capazes de reconhecer os cuidados que se deve ter com os dentes, a importância de lavar os dentes e reconheciam a existência de diferentes tipos de dentes. (4) Por fim, em relação às Expressões (cf. Anexo H) melhoria na utilização da tesoura e no corte, bem como nas ilustrações, em que demonstraram mais cuidado em respeitar as linhas do desenho; boas capacidades de improvisação e de cooperação com os colegas de grupo; reconhecimento do andamento e pulsação de uma música e relacionar as mudanças no ritmo como um auxiliar dos movimentos coreográficos; cumprimento das instruções dadas pelo professor e reação rápida aos diferentes estímulos.

## **2. DESCRIÇÃO SINTÉTICA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DESENVOLVIDA NO CONTEXTO DO 2º CEB**

A intervenção realizada no 2.º CEB ocorreu em duas turmas de 6.º ano, iniciou-se no dia 20 de março e concluiu-se no dia 2 de junho de 2017. Mantendo a mesma estrutura na caracterização deste segundo contexto, começaremos por incidir a nossa análise no contexto institucional.

### **2.1. Contexto institucional**

A prática pedagógica do 2.º CEB, decorreu numa **escola** localizada na zona suburbana de Lisboa, num Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), pertencendo a um agrupamento de escolas público. Este agrupamento integra um Jardim de Infância, uma escola do 1º CEB e uma escola de 2.º e 3.º CEB, a lecionação de Cursos Educação e Formação, Cursos Vocacionais e Unidades de Multideficiência (1.º e 2.º Ciclos) (Regulamento Interno do Agrupamento, 2013).

A **população escolar** que frequenta este Agrupamento de Escolas é composta sobretudo por habitantes de origem portuguesa, acolhendo, no entanto, população de origem estrangeira, proveniente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, do Brasil, da Europa de Leste e do continente Asiático. Esta instituição escolar integra alunos provenientes do Bairro da Cova da Moura e do Bairro 6 de Maio, meios em que as condições das habitações são precárias (Projeto Educativo do Agrupamento, 2013-2017)

Os **órgãos de administração e gestão** do agrupamento são: o Conselho Geral, o Diretor, o Conselho Pedagógico e o Conselho Administrativo. Relativamente aos recursos físicos disponibilizados, destaca-se a diversidade de salas de aula equipadas com computador, projetor e quadros interativos, a Biblioteca, a Papelaria, o Bar, a Sala de Alunos, uma Sala de Computadores e o Refeitório. Quanto às ofertas extracurriculares destaca-se a existência de clubes (Judo, Teatro, Patinagem, Futsal) e um núcleo de Desporto Escolar. Os alunos podem também frequentar a Aula Aberta, que consiste num momento fora do horário curricular, no qual podem esclarecer as suas dúvidas com um professor de História e Geografia de Portugal (HGP), Português (PT) ou Ciências da Natureza. No que diz respeito aos recursos humanos, salienta-se a existência de um núcleo

de Psicologia, de uma equipa de NEE e de professores tutores destacados para apoiar alunos repetentes.

As duas turmas onde decorreu a prática pedagógica são do 6.º ano de escolaridade. No que diz respeito ao **meio socioeconómico e cultural** em que vivem, a maioria dos alunos das duas turmas é proveniente dos bairros sociais envolventes ao meio local em que a escola se insere, pertencendo a uma classe média-baixa. Demonstram respeito uns pelos outros e em sala de aula é notória a “coesão” como turma. Nos intervalos, relacionam-se tendo em conta a faixa etária ou o género. As habilitações literárias da maioria dos progenitores são desconhecidas e a situação profissional dos encarregados de educação varia, maioritariamente, entre desempregado e trabalhador do setor terciário.

## **2.2. Caracterização do grupo-turma**

A primeira turma (A) é composta por 21 alunos, sendo 9 raparigas e 12 rapazes, com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos (Plano Anual de Trabalho, 2016). Existem cinco alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), dois dos quais possuem um Currículo Específico Individual, não estando presentes nas aulas de HGP e PT. A segunda turma (B) é composta por 22 alunos, sendo 8 raparigas e 13 rapazes, com idades entre os 10 e os 13 anos. Nesta turma, quatro alunos estão sinalizados com NEE, sendo que um deles, possui um Currículo Específico Individual, não estando presente nas aulas de HGP e PT.

Os **horários** das turmas (cf. Anexo I) estão organizados de acordo com as diretrizes do Ministério da Educação, pelo que existe um número de horas semanais para cada disciplina definido por lei. As aulas decorrem sempre em salas diferentes ao longo da semana, o que, para além de ser causa de alguma desorganização por parte dos alunos, não permite ao grupo-turma apropriar-se da sala enquanto espaço de trabalho

Relativamente às **atividades** desenvolvidas, durante o período de observação, não foi possível observar muitas para além da realização de fichas de avaliação e a sua correção, tendo em conta o momento em que se iniciou a nossa intervenção. No entanto, destaca-se a leitura e realização de exercícios de compreensão de textos dos manuais escolares, a escrita de um texto coletivo, a dramatização de um texto trabalhado em aula, um exercício de compreensão oral, a visualização de vídeos e a escuta de áudios e a

realização de exercícios na plataforma online – Escola Virtual. A maior parte das atividades citadas foi dinamizada em grande grupo. Segundo a docente cooperante, em conversas informais e através de entrevista, as propostas que realiza aos alunos são semelhantes às que foram observadas, tendo em atenção as dificuldades dos alunos, apoiando-os e motivando-os através da adequação às suas necessidades.

A **avaliação** dos alunos é de carácter formativo e sumativo. A avaliação formativa é contínua e sistemática, incidindo em competências transversais, sociais ou específicas de cada disciplina. No que diz respeito à avaliação sumativa, esta ocorre em dois momentos do período, através da realização de fichas de avaliação de acordo com os conteúdos lecionados durante esse período. No final de cada um dos períodos, há também um momento de autoavaliação, em que os alunos refletem e justificam a nota que pensam merecer.

Após o período de observação, realizámos uma **avaliação diagnóstica** das diferentes áreas: PT, HGP e Competências Sociais (cf. Anexo J, K e L). Tendo em conta a incidência do estudo, que será apresentado posteriormente, é relevante a apresentação descritiva da avaliação de HGP, no entanto, no que respeita ao questionário, a sua análise só será apresentada no ponto de apresentação dos resultados. Esta ocorreu por observação direta, pela análise dos dados das fichas de avaliação e pela realização de um questionário (cf. Anexo M).

De uma forma geral, em ambas as turmas, os alunos mostram-se interessados na aprendizagem de diferentes conteúdos e, pela realização do questionário, reconhecem que HGP é uma disciplina importante, porque nos ajuda a reconhecer o passado. Não obstante o reconhecimento deste interesse e da importância da HGP, ele nem sempre tinha correspondência com o seu comportamento e atitude na sala de aula, nem com o acompanhamento ao estudo que é exigido. Daqui se inferiu que a questão da motivação estava mais relacionada com o *como ensinar HGP* do que nos seus conteúdos. Analisando os dados das fichas de avaliação realizadas pela professora cooperante e a competência geral envolvida nas diferentes questões, apesar dos dados muito inconstantes, concluiu-se que, na turma A, a principal fragilidade relaciona-se com a competência de Recolha de Informação, enquanto que na turma B, está relacionada com a competência de Comunicação Histórica.

A caracterização do contexto educativo, as conversas informais com a professora cooperante e a avaliação diagnóstica apresentada no ponto anterior, possibilitaram a definição de **Potencialidades e Fragilidades** (cf. Tabela 2).

Tabela 2.

*Potencialidades e Fragilidades identificadas no 2.º CEB.*

	Potencialidades ao nível de...	Fragilidades ao nível de...
Português	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interesse pelo estudo de conteúdos de gramática.</li> <li>• Leitura expressiva, com entoação e fluência adequada, respeitando a pontuação.</li> <li>• Domínio da estrutura do texto narrativo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreensão oral.</li> <li>• Competência de escrita – pontuação e ortografia.</li> <li>• Compreensão leitora (análise crítica e justificação de opinião).</li> <li>• Hábitos de leitura;</li> <li>• Modos e tempos verbais;</li> <li>• Discurso direto /indireto.</li> </ul>
História e Geografia Portugal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atenção durante as aulas.</li> <li>• Reconhecimento da importância da HGP.</li> <li>• Manifestação do gosto pela disciplina.</li> <li>• Competências no domínio da compreensão de fenómenos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação.</li> <li>• Desempenho nas fichas de avaliação.</li> <li>• Competência de recolha da informação (turma A).</li> <li>• Competência de comunicação histórica e geográfica (turma B).</li> </ul>
Transversal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interesse por todos os temas do currículo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hábitos de estudo, quase inexistentes;</li> <li>• Trabalhos de casa raramente realizados;</li> </ul>
Competências Sociais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Respeito pela professora e pelos colegas.</li> <li>• Reconhecimento das regras da sala de aula.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de material.</li> <li>• Pontualidade.</li> <li>• Situações de indisciplina.</li> </ul>

Nota: Elaboração própria

No âmbito da disciplina de HGP, destaca-se o bom desempenho dos alunos em questões que envolvem a competência da compreensão de fenómenos. Por outro lado, os alunos da turma A apresentam mais fragilidades ao nível da recolha de informação, enquanto que, na turma B, é ao nível da comunicação histórica. Em ambas as turmas, é notória a inexistência de hábitos de estudo, a pouca participação durante as aulas e a pouca motivação para acompanharem as aulas de HGP.

### 2.3. A intervenção educativa

Após a definição das potencialidades e fragilidades referidas foi possível a identificação de **questões-problema**, orientadoras da intervenção pedagógica. São elas: i) *Que atividades propor para melhorar as competências de compreensão oral?*; ii) *A que estratégias recorrer para desenvolver hábitos de estudo?*; iii) *Como melhorar a competência de escrita?*; iv) *Que estratégias mobilizar para motivar os alunos?*; v) *Como aumentar a participação dos alunos na sala de aula?*; vi) *Como fomentar a motivação para que os alunos estudem fora da sala de aula e realizem os trabalhos de casa?*

Assim, é possível definir como **problemática** central de intervenção: *Que estratégias mobilizar para motivar os alunos, a fim de garantir uma maior participação nas atividades e aumentar o sucesso das suas aprendizagens?* – uma vez que a motivação é fundamental para a realização de aprendizagens efetivas pelos alunos, bem como determina a sua postura, o nível de participação em sala de aula e o trabalho realizado fora da escola. Neste sentido, se a motivação dos alunos for considerada e fomentada, ou seja, se foram tidos em conta os seus interesses, as potencialidades e a adequação das atividades aos seus níveis de desenvolvimento, será possível promover aprendizagens nos domínios em que apresentam mais fragilidades.

Tendo em conta o ponto anterior, foram definidos os seguintes **objetivos gerais** de intervenção:

1. Desenvolver a Compreensão Oral.
2. Desenvolver a Competência de Escrita e de Compreensão Leitora.
3. Melhorar os Níveis de Motivação para HGP.

Foram também definidos objetivos específicos das diferentes áreas abrangidas, assim como, estratégias de intervenção para cada um deles (cf. Anexo N). Das estratégias gerais, importa destacar os princípios orientadores de intervenção: diferenciação pedagógica, integração curricular, valorização da participação dos alunos, dos conhecimentos prévios e interesses.

Em HGP, das **estratégias** implementadas, importa referir a definição de questões orientadoras de aula, a visualização de vídeos/documentários, a resolução de exercícios, a análise de documentos e fontes históricas, a promoção de diálogos com os alunos e a realização de sínteses no final de cada sessão. Todas estas estratégias foram promovidas

de forma a concorrer para o desenvolvimento de competências essenciais em HGP: Recolha de Informação, Compreensão Histórica e Comunicação Histórica.

Em relação à **organização e gestão do tempo** escolar, manteve-se a rotina de abertura da lição e escrita do sumário no início de casa aula. No entanto, instituiu-se a definição de questões orientadoras em cada sessão de HGP, que são respondidas no fim da mesma, com uma pequena síntese.

Como forma de desenvolver aprendizagens mais significativas e motivar os alunos, recorreu-se a **materiais educativos** que foram ao encontro dos interesses dos alunos, nomeadamente, meios audiovisuais como o *PowerPoint* e Vídeos. No entanto, o manual foi também um recurso bastante utilizado, visto ser o recurso mais acessível ao contexto e o principal auxiliar de estudo dos alunos.

Para a **avaliação do projeto**, tendo em conta os objetivos gerais e específicos definidos, identificaram-se vários indicadores de avaliação a cumprir ao longo da intervenção (cf. Anexo O). No entanto, também foram avaliadas todas as **aprendizagens dos alunos** nas diferentes áreas, recorrendo às modalidades de avaliação formativa e sumativa.

Importa destacar a avaliação em HGP, que incidiu em observação direta, no registo do nível de participação dos alunos nas aulas, no registo da realização dos trabalhos de casa propostos, na realização de fichas de trabalho e de uma minificha de avaliação. Desta minificha, foi ainda possível avaliar através da taxa de sucesso das competências e da taxa de sucesso nos vários conteúdos abordados. Foi também aplicado um questionário final (cf. Anexo P), de forma a comparar os dados iniciais com os dados finais.

Em síntese, dos resultados alcançados no Português verificou-se que a maioria dos alunos melhorou, nos momentos de discussão de ideias, a sua justificação de pontos de vista e os argumentos utilizados; revelaram dificuldades em ler um texto fluentemente e a ser expressivos, no entanto, a maioria demonstrou ser capaz de ler com um tom adequado e, de um modo geral, foi notório o interesse e gosto pela leitura; conseguem responder a questões de natureza literal, de reorganização e de significado sem muitas dificuldades, tal como verificado na avaliação diagnóstica; melhoria na seleção da

informação principal a incluir num resumo, bem como os comentários aos textos dos colegas.

Quanto aos resultados alcançados nas aprendizagens na disciplina de História e Geografia de Portugal, estes serão alvo de análise mais detalhada na 2.<sup>a</sup> Parte deste estudo. Todavia, importa desde já identificar os conteúdos trabalhados, os quais se centraram nos seguintes conteúdos previstos no programa de HGP: O golpe militar de 28 de Maio; Salazar e o Estado Novo; a Constituição de 1933; a oposição ao Estado Novo.

### **3. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA OCORRIDA EM AMBOS OS CICLOS**

Descritas as práticas desenvolvidas no 1.º e 2.º ciclos, importa agora estabelecer uma análise crítica entre ambas, de forma a estabelecer comparações e encontrar aspetos em comum.

O meio social, é sem dúvida a principal diferença entre as duas práticas, tendo em conta que a prática do 1.º CEB ocorreu num contexto privado, num meio socioeconómico médio-alto e a prática do 2.º CEB num contexto público, localizado num meio socioeconómico médio-baixo. Isso faz com que os alunos sejam bastante diferentes, devido às suas vivências e influências do meio sociofamiliar em que estão inseridos. No entanto, considero que ambos os contextos tinham à sua disposição os recursos necessários para promover boas aprendizagens e desenvolver processos de ensino diferenciados. Como afirma Marturano (1998), “para um bom desenvolvimento cognitivo é necessária uma combinação de experiências de aprendizagem activa com o contexto social, em que o estilo de interacção e relacionamento promovam autoconfiança” (p. 132).

O primeiro aspeto a referir prende-se com os processos de ensino e de aprendizagem. No 1.º CEB, estes processos são centrados nos alunos, nos seus interesses e dificuldades, nos quais os alunos têm uma “voz ativa” e o professor assume um papel de mediador. Tendo em conta o contexto em questão, onde as aprendizagens desenvolvidas seguiam o modelo Movimento de Escola Moderna, em algumas áreas do saber, como era o caso do Estudo do Meio, as aprendizagens eram desenvolvidas através de Trabalho por Projeto, em pequenos grupos, permitindo aos alunos realizarem pesquisas relacionadas com um conteúdo do programa, apresentando-as posteriormente ao restante grupo. Havia também um momento de estudo individual (Tempo de Estudo Autónomo) em que cada aluno realizava fichas de trabalho, tendo em conta as suas dificuldades ou interesses. Por outro lado, no 2.º CEB, o professor tem um papel central no processo, as aulas são maioritariamente expositivas e muitas vezes focadas no manual. regra geral, trata-se do que Prats (2014) designa pelo método expositivo, que considera ser a “más común en la enseñanza de la Historia” (p. 53). Contudo, no contexto em que desenvolvi a prática, tendo em conta os recursos disponibilizados, a professora recorria,

por vezes, à escola virtual para visualizar vídeos ou resolver exercícios relacionados com algum conteúdo, em grande grupo.

Outro aspeto, prende-se com a promoção de interdisciplinaridade, conceito que procura a construção de um saber de uma forma globalizante. Segundo Beane (2003), a interdisciplinaridade é a “concepção de currículo que procura relações em todas as direcções” (p. 94), tentando promover a integração dos saberes. No 1.º Ciclo, este processo é facilitado devido à monodocência, pois é apenas um professor a gerir o currículo e a lecionar as diferentes áreas, podendo mais facilmente articular ou integrar os conteúdos. No 2.º ciclo, essa é uma realidade que nem sempre é promovida, devido à pluridocência, ou seja, cada professor leciona uma ou, no máximo, duas disciplinas, o que dificulta a articulação de conteúdos. No entanto, nas práticas observadas, o processo ocorreu de forma inversa, ou seja, no contexto de intervenção do 1.º Ciclo, a professora cooperante só lecionava as áreas do Português, Matemática e Estudo do Meio, sendo, as áreas das Expressões lecionadas por professores especialistas, o que levava a uma limitação na promoção de interdisciplinaridade. No caso do 2.º Ciclo, a professora cooperante lecionava as disciplinas de Português e História às duas turmas em que decorreu a prática, o que facilitou o processo, tendo sido possível trabalhar conteúdos de forma transversal entre estas duas áreas.

No que respeita às formas de relação pedagógica, em ambos os ciclos, este é um fator essencial, tendo em conta que “a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros” (Goldane, 2010, p. 13). No entanto, considero que este processo está mais facilitado no 1.º CEB do que no 2.º, tendo em conta o número de horas que um professor passa com os alunos. No caso do 1.º CEB, apesar de existirem alguns tempos não letivos por parte da professora cooperante, esta passa, mais ou menos, 20 horas semanais com os alunos. No 2.º CEB, com cada uma das turmas, a professora passa, por semana, cerca de 7/8 horas.

A gestão do currículo pode implicar diferenciação a vários níveis: os projetos curriculares de turma, os modos de ensinar e organizar o trabalho, o ritmo, a exigência das tarefas e o género de instrução (Roldão, 1999 & Heacox, 2006). Neste sentido, em ambos os contextos, os alunos com mais dificuldades, tinham apoio especializado e o trabalho que desenvolviam era adaptado às suas necessidades. No caso do 1.º CEB, a

diferenciação ocorria nos momentos de Tempo de Estudo Autônomo, em que os alunos realizavam tarefas adaptadas às suas necessidades. No 2.º CEB, só é possível assinalar preocupações de diferenciação nos momentos de avaliação sumativa, em que os alunos com NEE tinham testes adaptados às suas necessidades.

Guerra (2002) referencia “a avaliação como um conceito complexo que recobre uma diversidade de práticas e de representações, suportando uma grande diversidade de formas operativas em função dos vários contextos em que é exercida” (p. 45). Neste sentido, no que respeita aos processos de avaliação, em ambos os contextos, estes eram semelhantes, sendo de caráter formativo e sumativo. De âmbito formativo, sempre que determinado conteúdo era abordado, realizava-se uma ficha de compreensão, de forma a perceber o que os alunos aprenderam e as suas principais dificuldades, as competências sociais estavam constantemente a ser avaliadas e, no caso do 1.º CEB era avaliado, semanalmente, o Plano Individual de Trabalho do aluno e no 2.º CEB, eram contabilizados os trabalhos de casa propostos pela professora. No plano sumativo, no 1.º CEB era aplicado, trimestralmente, um teste em cada uma das áreas do saber e no 2.º CEB eram aplicados dois testes por período, também eles em cada uma das áreas disciplinares.

Importa ainda referir, que, no que diz respeito à gestão do currículo, apesar de ser diferente nos dois ciclos, ambos se cingem aos programas definidos e promovem atividades que vão ao encontro dos objetivos pré-definidos para cada ano de escolaridade, com a preocupação de alcançar uma finalidade comum: a lecionação de todos os conteúdos do programa no final de cada ano letivo.

Por fim, com as experiências nos dois contextos apresentados, foi possível refletir sobre a relação entre as características dos contextos e a influência do professor na promoção de experiências e aprendizagens. Como tal, considera-se que, apesar da influência que o meio possa ter sobre os alunos, cabe à escola e ao professor promover experiências diferenciadas e adaptadas às necessidades dos seus alunos, independentemente do meio social em que se inserem.

## **2.<sup>a</sup> PARTE**

#### 4. DEFINIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA E DOS OBJETIVOS DO ESTUDO

Através da realização da avaliação diagnóstica e da identificação de potencialidades e fragilidades no contexto do 2.º CEB, foi identificado como principal problema a falta de motivação para as aprendizagens na disciplina de HGP. Esta falta de motivação, refletia-se no nível de participação dos alunos, no desempenho no desenvolvimento de tarefas de sala de aula e de casa e nos resultados obtidos nos diferentes momentos de avaliação.

Assim, aquando da conceção do Plano de Intervenção (PI) nas duas turmas de 2.º CEB, entre as questões-problema então formuladas, encontram-se as seguintes: *Que estratégias mobilizar para motivar os alunos?* e *Como aumentar a participação dos alunos na sala de aula?* Assumindo a centralidade destas duas questões no PI, foi definida a seguinte questão-problemática, a qual se constituiu como o eixo central da intervenção delineada para este ciclo de ensino: *Que estratégias mobilizar para motivar os alunos, a fim de garantir uma maior participação nas atividades e aumentar o sucesso das suas aprendizagens?*

Como tal, tendo em conta que a motivação “é uma componente crucial na aprendizagem” (Sprinthall, 2000), e reconhecendo a relevância daquela problemática no ensino e aprendizagem da HGP, foi desenvolvida uma investigação relacionada com a motivação dos alunos nesta disciplina do 2.º CEB, definindo-se a seguinte problemática: **o envolvimento dos alunos na escolha das opções metodológicas e dos recursos a mobilizar durante o processo de ensino e aprendizagem da HGP, do 2.º CEB, promove a participação dos alunos, eleva o seus níveis de motivação e poderá refletir-se no seu sucesso escolar nesta disciplina (cf. Fig. 1).**

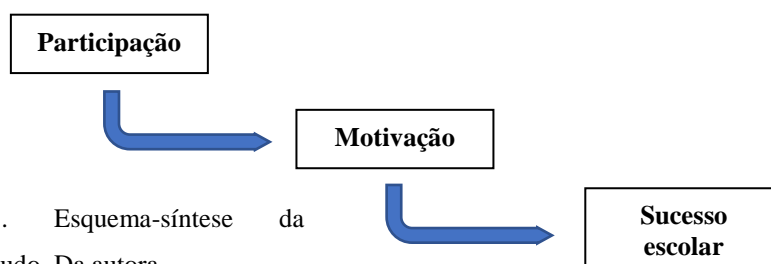


Figura 1. Esquema-síntese da problemática do estudo. Da autora.

No atual contexto educativo, o fator afetivo da motivação tem um papel fundamental no processo ensino-aprendizagem, visto que representa o motivo pelo qual o aluno vai querer investir para poder desenvolver estratégias que facilitam o processo de aprendizagem. Esta perspectiva adquire um particular significado se considerarmos as características específicas do contexto em que decorreu esta prática, a qual já foi descrita na 1.<sup>a</sup> Parte deste relatório.

Neste sentido, os principais objetivos deste estudo, dirigem-se para a necessidade de (1) compreender de forma mais aprofundada a influência da motivação no processo de ensino e aprendizagem; (2) refletir criticamente sobre as metodologias e recursos que melhor se adequam ao contexto em que ocorre a intervenção; e (3) promover formas de gestão participada do currículo, privilegiando o envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem da HGP. A grande finalidade, inerente a estes objetivos, pode ser definida como *melhorar a motivação/participação dos alunos e, conseqüentemente, o seu sucesso na disciplina de HGP, através da utilização de diferentes estratégias, que vão ao encontro dos interesses dos alunos*. Como tal, era espectável que, ao recorrermos à utilização de diferentes recursos, que tinham sido previamente escolhidos pelos alunos, o nível de participação nas aulas aumentasse, bem como o empenho na realização das tarefas e conseqüentemente, os resultados.

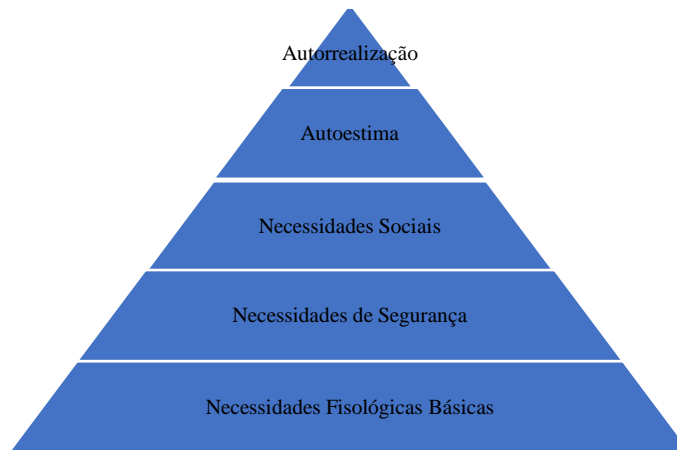
Considerando a problemática definida, é essencial proceder a uma análise fundamentada dos conceitos a ela inerentes.

#### **4.1. Motivação e aprendizagem**

A motivação e o lugar que desempenha nos processos de aprendizagem estão no centro deste estudo. Genericamente, o “conceito de motivação evoca automaticamente o de actividade: a procura de conhecimentos, seja qual for o tema que esteja a ser tratado. De um modo geral, isto engloba também a utilização de materiais e objectos com um fim concreto.” (Drew et al, 1994).

Por volta dos anos 40/50, foram desenvolvidas várias teorias sobre o conceito de motivação. Nomeadamente, a teoria de Abraham Maslow que ficou conhecida como a Teoria das Necessidades e que propõe que os fatores de satisfação do ser humano se

dividem em cinco níveis, dispostos em forma de pirâmide, como ilustrado na figura 2. (cf. Figura 2).



*Figura 2: Pirâmide das necessidades. Da autora, adaptado de Robbins (2005, p. 133)*

Na base da pirâmide, encontramos as necessidades de nível mais elementar, como as necessidades fisiológicas básicas e as necessidades de segurança, enquanto que no topo da pirâmide, estão presentes as necessidades de alto nível, como as necessidades sociais, de autoestima e de autorrealização. Robbins (2005, p. 133) apresenta uma definição para cada uma destas necessidades:

- 1) Necessidades Fisiológicas Básicas: incluem fome, sede, abrigo e necessidades corporais;
- 2) Necessidades de Segurança: incluem a segurança e proteção contra danos físicos e morais;
- 3) Necessidades Sociais: incluem a afeição, aceitação, amizade e sensação de pertencer a um grupo;
- 4) Autoestima: incluem fatores internos como o respeito próprio, realização e autonomia; e fatores externos como status, reconhecimento e atenção;
- 5) Autorrealização: inclui crescimento, autodesenvolvimento e alcance do próprio potencial. É a intenção de se tornar em tudo aquilo que a pessoa é capaz de ser.

De acordo com a teoria de Maslow, citado por Arends (2008) “apenas quando as necessidades físicas, de amor e de auto-estima estão satisfeitas é que os indivíduos se

esforçam por alcançar as necessidades de nível mais elevado. As implicações desta situação nas salas de aula são claras” (p. 140). Por exemplo, quando uma criança vai para a escola sem as necessidades de nível mais baixo (fisiológicas e de segurança) satisfeitas, é provável que não se sinta com energia para alcançar as necessidades de nível mais alto (autorrealização).

Como já referido, Maslow separou as cinco categorias de necessidades em patamares mais altos e mais baixos, sendo que as necessidades de nível mais alto são satisfeitas internamente, enquanto que as de nível mais baixo são satisfeitas externamente. Esta ideia, permite-nos classificar a motivação de duas formas: motivação intrínseca e motivação extrínseca.

A motivação intrínseca manifesta-se quando a experiência de fazer algo gera interesse e prazer, estando o motivo da atividade dentro da própria atividade, ou seja, o simples facto de a realizar já é gratificante (Reyna, 2009). Um aluno intrinsecamente motivado pretende melhorar a sua “prestação” pela satisfação que este facto lhe proporciona: o objetivo é aprender por aprender, porque se gosta de aprender.

Por seu lado, a motivação extrínseca ocorre quando se pretende obter algo, ou seja, o motivo para realizar a atividade é o desejo de alcançar algum objetivo fora da atividade (Reyna, 2009). Assim, o aluno age porque pretende alcançar recompensas, evitar punições ou por razões de competitividade. Ou seja, o objetivo é concretizar uma tarefa para obter uma compensação externa à própria atividade.

Estes dois tipos de motivação devem ser equacionados no processo de ensino e aprendizagem, tendo em conta a caracterização do contexto sociocultural e económico, e a realidade psicológica de cada uma das crianças do grupo-turma.

No que respeita ao contexto educativo, a motivação assume um papel preponderante no processo ensino-aprendizagem, porque representa o motivo pelo qual o aluno se vai esforçar para aprender. Tal como refere Caballero de Rodas (2010):

La motivación es una característica absolutamente indispensable para la adquisición significativa de los contenidos curriculares, porque modifica variables como la atención, la concentración, la persistencia y la tolerancia a la frustración, todas ellas presentes y determinantes del proceso de aprendizaje (p. 102).

Neste sentido, é imprescindível que os intervenientes do processo de ensino-aprendizagem definam estratégias que levem os alunos a investir e dedicarem-se durante o processo de forma a aprender mais e a ultrapassar possíveis dificuldades. “As estratégias que os professores utilizam para motivar o aluno individual e o trabalho que fazem para ajudar a turma a desenvolver-se enquanto grupo são os ingredientes para a construção de ambientes de aprendizagem produtivos” (Arends, 1995, p. 122).

Madeline Hunter (1982) concluiu que existem vários fatores que podem influenciar e modificar a motivação e que interagem entre si. São eles, o nível de preocupação do aluno ao atingir diversos objetivos, a tonalidade afetiva dada às tarefas, a dificuldade da tarefa e a proporção de sucessos, os interesses dos alunos, o conhecimento dos resultados através de feedback aquando da realização das tarefas, as estruturas de recompensa e motivos de sucesso (Arends, 1995).

O professor tem aqui um papel fundamental, pois, tal como afirma Curto (1999), o papel do professor não se cinge à transmissão de saberes a alunos passivos que armazenam informação. Pelo contrário, o professor deve ser capaz de motivar os alunos para as aprendizagens que pretende que estes concretizem, tendo em conta que, como o mesmo autor afirma, o bom funcionamento de uma aula depende do professor e do grupo de alunos, devendo, em conjunto, encontrar e definir regras que dão significado ao processo de ensino-aprendizagem.

Em relação à aprendizagem, Fita (2015) refere que esta implica uma interação do aluno com o meio, de modo a captar e processar os estímulos provenientes do exterior. Este autor menciona ainda, que uma consequência da aprendizagem é a transformação do estado inicial do aluno, “alcançando um estado final que se caracteriza por ser capaz de manter uma conduta que antes do processo era incapaz de gerar; o aluno é capaz de realizar algo que antes não podia ou não sabia fazer” (p. 67).

Em qualquer processo de aprendizagem podem ser definidas duas dimensões: o processo seguido e o produto/resultado final. No que respeita ao processo seguido, Fita (2015) classifica-o em três grupos: aprendizagem por receção, por descobrimento guiado e por descobrimento autónomo. No sistema educativo, as aprendizagens por descobrimento ocorrem nos primeiros anos de escolaridade e à medida que os alunos vão

avançando, vai aumentando a informação e os conteúdos, tornando-se mais frequentes as aprendizagens por receção.

Em suma, podemos afirmar que a motivação e a aprendizagem são conceitos que mantêm, entre si, uma interação que nos ajuda a melhor compreender o modo como os alunos aprendem e as opções do professor para ensinar, visto que, como Burochovitch & Bzuneck (2001) referem, a motivação tornou-se um problema de ponta na educação, tendo em conta que, em paridade com outras condições, a sua ausência representa uma queda, muitas vezes significativa do investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem. (p. 13).

#### **4.2. A participação do aluno no processo de ensino e aprendizagem**

O conceito de participação pode ter diversas interpretações, estando associado a uma perspetiva política ou educativa. De acordo com Canotilho (1981), é preciso ter em consideração a participação *lato sensu* (através de voto) e a participação *stricto sensu*, que é exercida diretamente pelos cidadãos no processo de tomada de decisão. Este autor menciona ainda três graus de participação: (1) participação não vinculante – manifestada ao nível dos processos de tomada de decisão, mas limitada; (2) tomadas de decisão – referente à participação que se situa ao nível das transferências de poder; (3) participação vinculante e autónoma – substituindo o poder de decisão tradicional.

Ainda segundo uma perspetiva política, Machado (1982) distingue entre *ser parte* e *ser participante*, pois, “enquanto parte, o indivíduo afirma a sua autonomia pessoal contra outros indivíduos, mas enquanto participante, ele representa e afirma o interesse de um grupo . . . [e] . . . aparece como portador de uma função no todo coletivo” (p. 122). Como tal, a participação é um processo consensual e conflitual, que contribui para a construção de uma organização, tendo em conta diversos objetivos e interesses.

Tendo em conta a sociedade democrática em que vivemos, a participação é um dos seus princípios básicos e exige um debate aberto entre todos. Só participando é que as pessoas melhoram a sociedade e é desde a escola que devem ser promovidas iniciativas ligadas à “vida democrática” (Guerra, 2003). Participar é, então, uma ação social que consiste em intervir de forma ativa nas decisões e ações relacionadas com a planificação, a atuação e a avaliação da atividade que se desenvolve (Guerra, 2003).

Neste sentido, Apple e Beane (2000) mencionam na sua obra “Escolas Democráticas” que:

é um facto que todos aqueles que se encontram envolvidos directamente numa escola democrática, inclusive os jovens, têm o direito de participar no processo de tomada de decisões. Por este motivo . . . as escolas democráticas pautam-se por uma ampla participação . . . Nas salas de aula, os alunos e os professores envolvem-se numa planificação participada, atingindo decisões que vão ao encontro das preocupações, aspirações e interesses mútuos. Este género de participação democrática, ao nível da escola e da sala de aula não é propriamente uma ‘engenharia do consentimento’ . . . mas uma tentativa genuína que honra o direito de as pessoas participarem na tomada de decisões que afectam a sua vida (p. 31).

O principal objetivo da participação não é puramente organizativo ou funcional, é também educativo, tendo em conta que a tarefa de participar contribui “para desenvolver a responsabilidade e a capacidade de dialogar, de planificar, de avaliar, de aprender e de trabalhar em equipa” (Vinãs e Domènech, citado por Guerra, 2002). Este completa-se com a dimensão social, na medida em que a escola é um espaço social, público ou privado, onde todos os cidadãos têm o direito de participar.

Neste sentido, a escola tem um papel essencial para que a participação seja efetiva, pois não basta que exista vontade, é necessária a existência de estruturas de participação. Gil Villa (citado por Guerra, 2003) aborda a participação na escola a partir de três contextos diferentes: o político (a gestão da escola); o académico (referente ao processo de ensino-aprendizagem); e o comunitário (respeitante às atividades extraescolares). No entanto, a participação deve ser proporcionada em cada um destes contextos, de forma a serem dadas opiniões e ideias, desenvolvidas atividades e avaliadas as atividades de forma reflexiva.

É ainda possível distinguir dois sentidos complementares nos processos de avaliação: sentido descendente e sentido ascendente da participação. No primeiro sentido, a escola deve promover a participação tendo em conta que se trata de um valor educativo e social, pois é a partir dela que surge uma aprendizagem importante para o exercício da

vida democrática. No segundo sentido, os alunos têm o dever de participar e de conseguir alcançar níveis mais elevados de participação (Guerra, 2003, p. 47).

Segundo Oliveira-Formosinho (2007), as crianças possuem um papel determinante no seu processo educativo, já que elas questionam, interrogam, investigam, levantam hipóteses, planeiam e partilham os conhecimentos entre si. Os objetivos são orientados para promover o desenvolvimento e conduzir ao envolvimento no processo de aprendizagem, permite estruturar experiências, de modo a construir aprendizagens significativas.

Como tal, de acordo com Perrenoud (2005), no que respeita à participação ativa dos alunos, esta pode ser justificada de duas formas: primeiro, como um “direito do ser humano”, em que as crianças, a partir do momento que têm condições para tal, têm o direito em participar nas decisões que lhes dizem respeito; segundo, como uma forma de educação para a cidadania. Assim, cabe ao professor estruturar o ambiente, escutar, observar e formular questões que vão ao encontro dos interesses e conhecimentos dos alunos, passando a ser um estimulador de todos os processos que lhes permitam crescer como pessoas e futuros cidadãos, desempenhando uma influência verdadeiramente construtiva.

Uma das principais formas de o professor o fazer é integrando os conhecimentos prévios dos alunos, que para Solé (1999) dizem respeito aos seus esquemas de conhecimento. Por sua vez, Coll (citado por Zabala et al, 1999) define esses esquemas como “a representação que uma pessoa possui em um determinado momento da sua história sobre uma parcela da realidade” (p. 82). Esta definição implica que os alunos possuam uma quantidade variável de esquemas de conhecimento que vão, desde informações sobre fatos, acontecimentos, experiências e casos pessoais, relacionados com a realidade de cada um. De acordo com Miras (1999), os esquemas de conhecimento de um aluno, no início da aprendizagem de um novo conteúdo, têm um certo nível de organização e de coerência interna e, ao mesmo tempo, um certo grau de organização, relação e coerência entre si.

Como tal, o professor tem um papel importante na valorização e reconhecimento dos esquemas de conhecimento dos alunos, sendo importante desenvolver métodos de

exploração dos mesmos. Por exemplo, através do diálogo entre professor e aluno, numa fase inicial da aula, onde o aluno tem uma voz ativa e pode exprimir as suas ideias.

### **4.3. A motivação e a participação na aprendizagem da HGP**

Sendo a motivação e a participação algo essencial para a sala de aula nos dias de hoje, importa agora perceber de que forma estas podem ser desenvolvidas e aplicadas num contexto educativo, mais concretamente na disciplina de HGP, de forma a ir ao encontro dos objetivos e finalidades do ensino e aprendizagem da História e da Geografia.

A utilização de diferentes estratégias de ensino ou de recursos é uma opção do professor, mas não garante que as metodologias mais “inovadoras” promovam uma “boa aula”. É essencial que os alunos estejam motivados e interessados em experienciar algo diferente. Para António Gil (1994), motivar os alunos é identificar os seus interesses para determinados conteúdos, sendo fundamental estabelecer “um relacionamento amistoso com o aluno”. Este autor menciona ainda que “isto pode ser feito mediante a apresentação do conteúdo de maneira tal que os alunos se interessem em descobrir a resposta que queiram saber o porquê, e assim por diante. Convém também que o professor demonstre o quanto a matéria pode ser importante para o aluno” (p.60).

Isto não significa que o chamado “método tradicional” de carácter mais expositivo, comum em aulas de História e Geografia (Prats, 2014), não seja eficaz. Este pode é ser alterado e promovido, como Lopes (1991) menciona sob a perspetiva de diálogo: “Essa forma de aula expositiva utiliza o diálogo entre professor e aluno para estabelecer uma relação de intercâmbio de conhecimentos e experiências”. (p. 42) A autora refere ainda que esta técnica, se for bem aplicada pelo professor, pode estimular a participação do aluno e desenvolver nele a “curiosidade científica”, o pensamento crítico e reflexivo.

Como tal, é essencial que exista um equilíbrio entre a teoria e a prática, ou seja, que o desenvolvimento de um determinado conteúdo seja acompanhado de atividades interessantes e desafiadoras, de modo a desenvolver as competências necessárias, que Paiva (citado por Libâneo, 1999) numera como “responsabilidade, iniciativa, flexibilidade de mudança de papéis, rápida adaptação a máquinas e ferramentas, e formas de trabalho que envolva equipas interdisciplinares heterogéneas . . . Desenvolvimento de

capacidades cognitivas e operativas, encaminhadas para um pensamento autônomo, crítico e criativo” (p. 29).

No caso da História, importa, por um lado desenvolver práticas que promovam o gosto pela descoberta, aproximando-as de práticas investigativas. Deste modo, e recuperando o que anteriormente se avançou sobre a relação motivação-aprendizagem, mais facilmente se coloca o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, de preferência colocando o aluno a aprender História, aprendendo a fazer História.

Citando Cândida Proença, Silva (2011) sublinha que “estes objetivos só podem ser atingidos se o ensino da História partir da iniciação do aluno no método de pesquisa histórico. O aluno terá pois de aprender como se faz a História” (p. 31).

Se se souber representar o papel que a História atribui, sobretudo aos professores, no teatro da lecionação e da socialização, ninguém teria mais legitimidade para questionar a utilidade do estudo do passado e o seu contributo para a globalização da cidadania seria insubstituível (Alves, 2001, p. 26).

De facto, entre as finalidades da História, para além do conjunto de saberes que ela mobiliza, são muitos os autores que sublinham que esta disciplina tem um importante papel no desenvolvimento de crianças e jovens civicamente competentes, para, enquanto cidadãos, intervirem na sociedade em que se inserem. Assim, para Pluckrose (1996), a História tem por finalidades compreender os valores da nossa sociedade e desenvolver atitudes e valores, como o respeito pelas informações, a tolerância face à variedade de opiniões. Alguns anos mais tarde, Félix (1998) sublinha o papel do ensino da História na necessidade de promover a formação para a cidadania, desenvolver o espírito de tolerância e adotar atitudes de respeito e solidariedade.

O cumprir destas finalidades exige do professor de História que garanta a centralidade do aluno nas atividades que se desenvolvem na sala de aula, mobilizando os conhecimentos prévios de que são portadores, fomentando a reflexão, o diálogo e o debate. Em suma, aprender História através de uma real participação do aluno na construção da sua própria aprendizagem e é o modo como o professor analisa as finalidades da História, e também da Geografia, que determina as decisões metodológicas que assume no ato de ensinar (Pagès & Santisteban, 2011).

No que diz respeito à Geografia, sublinhe-se, apenas, que esta disciplina desempenha um papel fundamental no estudo da sociedade e o conceito de espaço é hoje uma coordenada nuclear das teorias sociais. “Las condiciones geográficas son un conjunto interrelacionado en el que intervienen el medio natural/físico, la sociedad, las ocupaciones económicas, la cultura, creencias y otros valores de la población y las estructuras políticas” (Pagès & Santisteban, 2011, 253). No que concerne às suas finalidades, sublinhemos o compreender a sociedade, o construir de ideias espaciais e o relacionar o local com o global. Mas, também na Geografia, o cumprimento destas finalidades requer a adoção de metodologias que se aproximem do “fazer Geografia”, nomeadamente, recorrendo ao trabalho de campo, a análise de imagens e à leitura de mapas, promovendo a construção ativa do conhecimento geográfico.

Reconhecendo que na sala de aula do 2.º CEB é hoje muito difícil promover este tipo de atividades ativas, assume particular relevo a escolha dos recursos que, regra geral, acompanham os momentos expositivos que são dominantes nas aulas da disciplina de HGP.

Libâneo (1999) refere os recursos auxiliares de ensino, que devem ser diversificados e utilizados de forma articulada e a participação dos alunos na sala de aula. “Quando o aluno se sente estimulado, ele participa na aula e esta torna-se mais produtiva. Ele aprende mais e percebe que faz parte da construção como sujeito histórico” (p. 15). Nomeadamente, se a escolha dos recursos for feita com o conhecimento e parecer dos alunos, tendo em conta os seus gostos e interesses.

No entanto, no que respeita aos recursos, estes dependem um pouco da oferta do contexto educativo, mas nos dias de hoje, é cada vez mais frequente a existência de um computador e um projetor na sala de aula. Hernández e Sánchez (2016) afirmam que:

En el ámbito educativo, la presencia de las denominadas TIC y TAC abre un nuevo panorama que afecta a los docentes y a la metodología educativa en el proceso de enseñanza-aprendizaje, el cual debe favorecer la presencia de contenidos y herramientas digitales en el aula, siendo su utilización fundamental para que el alumnado alcance algunos de los objetivos educativos, ayudando a la adquisición de aprendizajes significativos, ya que ponen a

nuestra disposición un caudal infinito de recursos y posibilidades didácticas (p. 270).

O próprio programa de HGP do 2.º CEB sugere como opções metodológicas a utilização de novas tecnologias: “Sempre que os recursos materiais e humanos o permitam, deve ser incentivado o recurso às novas tecnologias de informação, nomeadamente meios informáticos e telemáticos. Considera-se oportuna a utilização do computador nomeadamente para: – processamento de informação e comunicação de ideias” (Ministério da Educação, 1991).

Em suma, cabe ao professor criar alternativas para modificar sua prática, de forma a que o aluno passe a ver a sala de aula como um espaço de vivência, onde ele pode discutir e sentir apoio para as diversas questões que o rodeiam e onde pode desenvolver competências que o ajudam a resolver problemas dentro e fora da escola (Masetto, 1997).

## 5. METODOLOGIA

Em qualquer contexto de intervenção, quando se pretende problematizar um fenómeno social e refletir criticamente sobre ele, é importante mobilizar as metodologias mais adequadas à compreensão desse mesmo fenómeno. Deste modo, neste capítulo, serão apresentadas as principais opções metodológicas levadas a cabo no processo de investigação.

Em primeiro lugar, é fundamental voltar a referir os principais objetivos deste estudo, tendo em conta a problemática já apresentada anteriormente. São eles: (1) Compreender de forma mais aprofundada a influência da motivação no processo de ensino e aprendizagem; (2) Refletir criticamente sobre as metodologias e recursos que melhor se adequam ao contexto em que ocorre a intervenção; e (3) Promover formas de gestão participada do currículo, privilegiando o envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem da HGP.

Uma vez que a problemática e os objetivos do estudo emergiram da prática desenvolvida em 2.º CEB, pode considerar-se que se aproxima de um projeto de investigação-ação, pois, segundo Guerra (2002) o “objetivo não é fundamentalmente o aumento do conhecimento sobre a realidade, mas a resolução de problemas. (p. 54). De acordo com Fonte (2012), a esta investigação faz parte vários objetivos: i) de investigação (relacionados com a produção de conhecimentos); ii) de inovação (que se prendem com as transformações ambicionadas); iii) de identificação de competências (ligados ao desenvolvimento de um processo de aprendizagem social). Reconhece-se, contudo, que o tempo limitado da intervenção realizada inviabiliza que a interação entre a ação realizada e a investigação produzida seja mais profunda.

No que respeita à metodologia, esta caracteriza-se por ser mista, pois apresenta um cariz qualitativo e quantitativo. A utilização de procedimentos de natureza quantitativa integrados com procedimentos qualitativos, numa investigação, é aceite por diferentes autores como um contributo para adquirir um olhar crítico mais amplo da realidade e como um meio de complementar a validade e a fiabilidade do estudo (Serrano, 2004).

Para a caracterização do contexto socioeducativo, já apresentado anteriormente, utilizaram-se diversas técnicas de recolha de dados que Moresi (2003) define como “o conjunto de processos e instrumentos elaborados para garantir o registro das informações, o controle e a análise dos dados” (p. 64). Como tal, durante o período de observação recorreu-se à observação direta participante e a entrevistas, sendo ainda de assinalar os momentos de diálogo com a professora-cooperante, cujas notas foram devidamente registadas, a análise de dados da avaliação dos alunos e a análise documental.

Ainda no que diz respeito à observação, realizaram-se observações naturalistas e sistemática, recorrendo a grelhas de registo de observação (Estrela, 1994). No que diz respeito à recolha de dados junto dos alunos foi utilizado o inquérito por questionário e, em relação à professora cooperante, foi realizada uma entrevista semiestruturada. A aplicação do questionário permitiu a obtenção de “informação detalhada e profunda sobre um dado tópico” (Coutinho, 2015, p. 25), nomeadamente, o gosto, o interesse e a finalidade que os alunos consideram ter pela disciplina de HGP.

No que respeita ao questionário, este era de tipo misto, constituído por perguntas de resposta aberta e fechada. De acordo com Arturo (2001) as perguntas de resposta aberta permitem que o inquirido seja livre de se expressar, utilizando as suas próprias palavras. As perguntas de resposta fechada são aquelas em que o inquirido apenas seleciona a opção que mais se adequa à sua opinião. Para a aplicação do questionário, foi realizado um pré-teste com uma turma fora da amostra participante, de forma a poder testar as perguntas estruturadas.

A pesquisa documental, que segundo Afonso (2005) é uma técnica que “consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados” (p. 88), centrou-se em documentos como o Regulamento Interno, os Registos Biográficos dos Alunos e o Plano de Atividades de cada uma das turmas, aos quais se acrescentaram os registos de avaliação realizados pela professora-cooperante e as planificações anuais com os conteúdos a lecionar.

Durante o período de intervenção, a recolha de dados foi essencial, tendo em que conta que possibilitou uma avaliação contínua dos alunos e do processo de ensino e aprendizagem implementado. As técnicas utilizadas, foram a observação participante através de grelhas de registo da participação, dos trabalhos de casa e da realização de

fichas em aula e na análise das produções dos alunos. No final do período de intervenção, foi também aplicado um questionário final aos alunos das duas turmas, solicitando a sua participação direta de forma a fazer um balanço das aulas e das estratégias implementadas. Este questionário, tal como o questionário inicial, era de tipo misto.

Através destas técnicas, após o período de intervenção, foi possível avaliar as aprendizagens dos alunos e os objetivos gerais traçados no Plano de Intervenção, tendo em conta que a avaliação “é um conjunto de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução” (Roldão, 2008, p. 39). Esta avaliação global da intervenção realizada possibilitou a realização de uma reflexão sobre todo o processo de intervenção, destacando-se os dados referentes à problemática do estudo desenvolvido. Nesta etapa, foi dada primazia à revisão da bibliografia, de modo a definir temas e conceitos associados à problemática definida para o presente estudo (Afonso, 2005).

Após a recolha de dados procedeu-se a uma análise cuidada de toda a informação reunida, através de técnicas de análise de dados qualitativos e quantitativos, nomeadamente de análise de conteúdo e análise estatística. De referir que a abordagem qualitativa se insere no mundo social dos indivíduos, de modo a perceber de que forma eles interpretam as diferentes situações e os significados que lhes atribuem. Por sua vez, a abordagem quantitativa abrange a realidade do estudo, no sentido em que só são considerados objetos de estudo ou fenómenos observáveis (Coutinho, 2015).

Muitos dos dados recolhidos, tanto para a prática educativa, como para o estudo realizado, foram reunidos e representados através de gráficos. Este processo facilitou a caracterização do contexto de intervenção, logo numa fase inicial, bem como possibilitou a sistematização dos dados para a realização da avaliação final, permitindo identificar a evolução de alguns indicadores sobre o impacto da intervenção.

Em relação à amostra utilizada para a concretização do estudo, todos os alunos das duas turmas participaram, num total de 40 alunos. Antes de iniciar o processo de investigação, os alunos foram informados dos objetivos e finalidade do estudo a realizar e questionados em relação à sua vontade, ou não, de participar. Os questionários aplicados aos alunos eram anónimos, bem como todas as informações recolhidas ao longo do processo.

## 6. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Na opinião de Ribeiro (1999), a “última fase de uma investigação consiste no tratamento de dados e na apresentação dos resultados” (p. 26). Primeiramente, foram categorizados os dados dos inquéritos das duas turmas, criando-se um conjunto de variáveis possíveis de serem analisadas estatisticamente. Segundo Fortin (2003), as estatísticas descritivas “permitem descrever as características da amostra na qual os dados foram colhidos e descrever os valores obtidos pela medida das variáveis” (p. 107). Foram também categorizados os dados da frequência de participação dos alunos nas aulas e os resultados da minificha aplicada. São os resultados obtidos, através da aplicação destes diferentes instrumentos que serão analisados neste ponto do relatório.

### 6.1. Dados do questionário inicial

Para a recolha de dados dos questionários foram consideradas todas as respostas dadas pelos alunos das duas turmas em conjunto, ou seja, os dados apresentados dizem respeito ao total de alunos da amostra, não fazendo distinção entre turmas. Assim, ao questionário inicial respondeu um total de 37 alunos.

As duas primeiras questões tinham como objetivo *definir o conceito de “história”*. Na primeira pergunta, **O que é a história?**, tendo em conta que era uma questão de resposta aberta, as respostas foram agrupadas em quatro dimensões: i) Dimensão Temporal; ii) Dimensão Espacial; iii) Dimensão de Aprendizagem; iv) Dimensão Socio afetiva.

É possível verificar pelo gráfico, que a maioria dos alunos associa a história a uma **dimensão temporal** (53%), referindo que a história é conhecer o passado e através dele perceber o presente, saber factos importantes que marcaram o país e conhecer as raízes dos nossos antepassados (Figura 3).

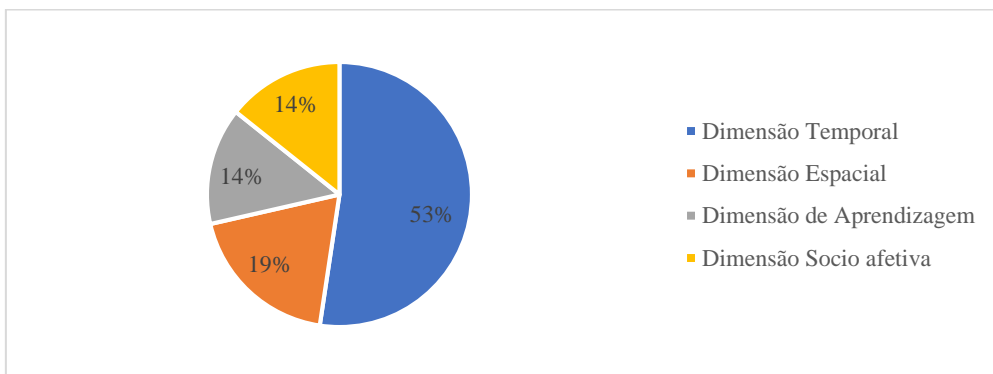


Figura 3: O que é a História? Da autora. Inquérito por questionário aos alunos.

Na opinião de Mattoso (1999), a história prepara o indivíduo para o uso consciente e crítico da informação, além disso, é muito mais do que a comemoração do passado e dos feitos históricos. A história é uma forma de interpretar o presente pois ajuda a decifrar a possível ordem do mundo. Consideram-se alguns exemplos de resposta à pergunta 1, relacionadas com esta primeira dimensão:

- *A história para mim é uma disciplina que serve para nós compreendermos o que erramos no passado e o que fizemos de bem para não voltarmos a repetir os mesmos erros;*
- *Para mim a história é entender as raízes dos nossos antepassados, identificar costumes de outros povos, conhecer os acontecimentos passados e relacioná-los com o presente.*
- *Para mim a história é aquilo que aconteceu no passado e que nos ajuda a não cometer outra vez os mesmos erros e a tomar melhores decisões.*

Verifica-se ainda que alguns alunos (19%) associam a história a uma **dimensão espacial**, referindo que através da história se conhece o país e o mundo, a uma **dimensão de aprendizagem** (14%) pois afirmam que a história é ler e compreender documentos e aprender coisas novas e por fim, a uma **dimensão socio afetiva** (14%), em que adjetivam a história como uma disciplina chata, gira e interessante, ou afirmando que não gostam.

No que respeita à segunda pergunta, **Para que serve a história?** esta caracterizava-se por ser uma questão de resposta fechada, na qual os alunos tinham de selecionar as três frases que consideravam ser mais próximas da sua opinião sobre a utilidade da história (Figura 4).

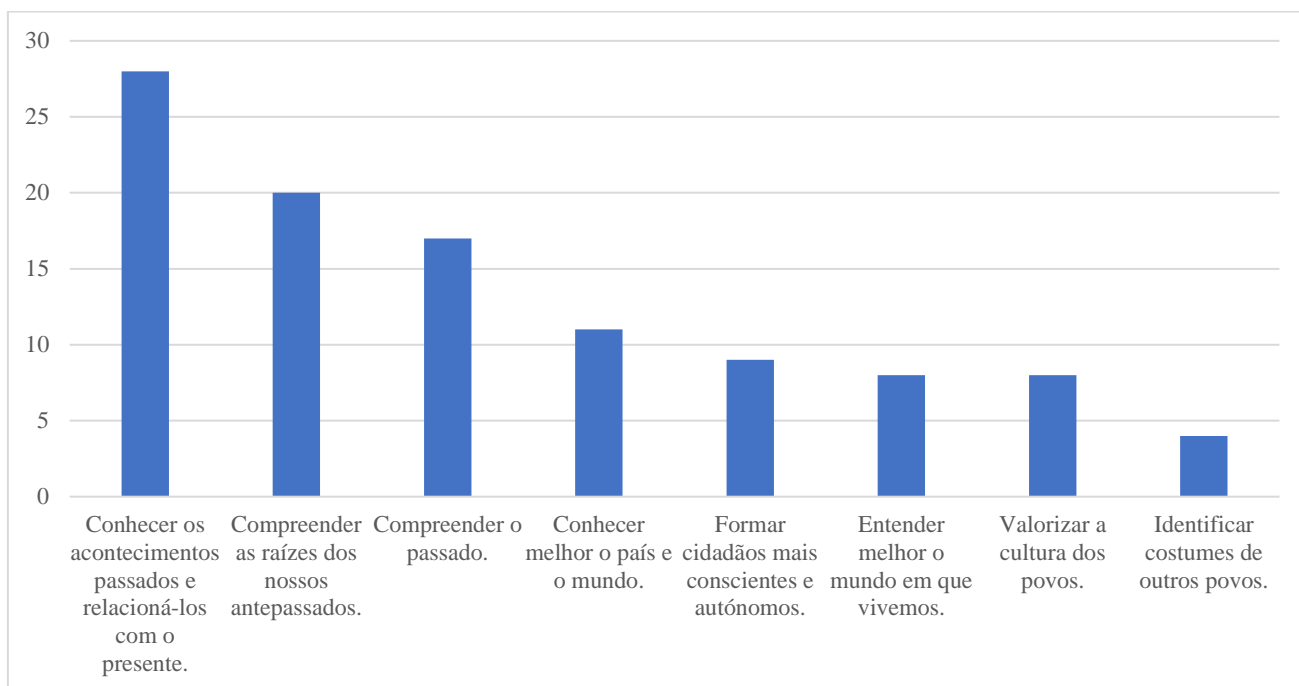


Figura 4: Para que serve a história? Da autora. Inquérito por questionário aos alunos.

Como podemos verificar, a maioria dos alunos considera que a história serve para conhecer o passado e relacioná-lo com o presente, compreender as raízes dos antepassados e compreender o passado. Ou seja, há uma preocupação em perceber o seu “Eu” e as suas origens. Alguns alunos indicam que a história serve para conhecer melhor o país e o mundo em que vivemos e que nos ajuda a ser cidadãos mais conscientes. Por fim, poucos alunos referem que a história serve para valorizar e conhecer os outros povos, demonstrando a pouca importância com os outros e o meio envolvente.

Em síntese, no que se refere a este objetivo, infere-se que os alunos têm uma conceção de história em que privilegiam claramente as suas dimensões temporal (em relevo evidente) e espacial. É significativo reconhecer esta perceção de alunos de 6.º ano de escolaridade, principalmente quando estamos num processo de reflexão crítica centrada na motivação dos alunos para a disciplina de HGP. O significado dado pelos alunos ao presente no estudo e utilidade da história é um indicador relevante para o professor mobilizar no processo de ensino e aprendizagem desta disciplina.

Para o segundo objetivo do questionário, *Conhecer os gostos e preferências em relação à disciplina de HGP*, foram aplicadas duas questões, as questões 3 e 4. A terceira

questão, **Gostas de HGP?**, de resposta fechada, pretendia que os alunos selecionassem as opções sim ou não. A maioria dos alunos (70%) alegou gostar da disciplina. Em relação à quarta questão, **O que mais gostas de estudar na disciplina de HGP?**, esta era uma questão de resposta fechada, na qual os alunos tinham que escolher uma opção ligada ao tema que mais gostavam de estudar (Figura 5).

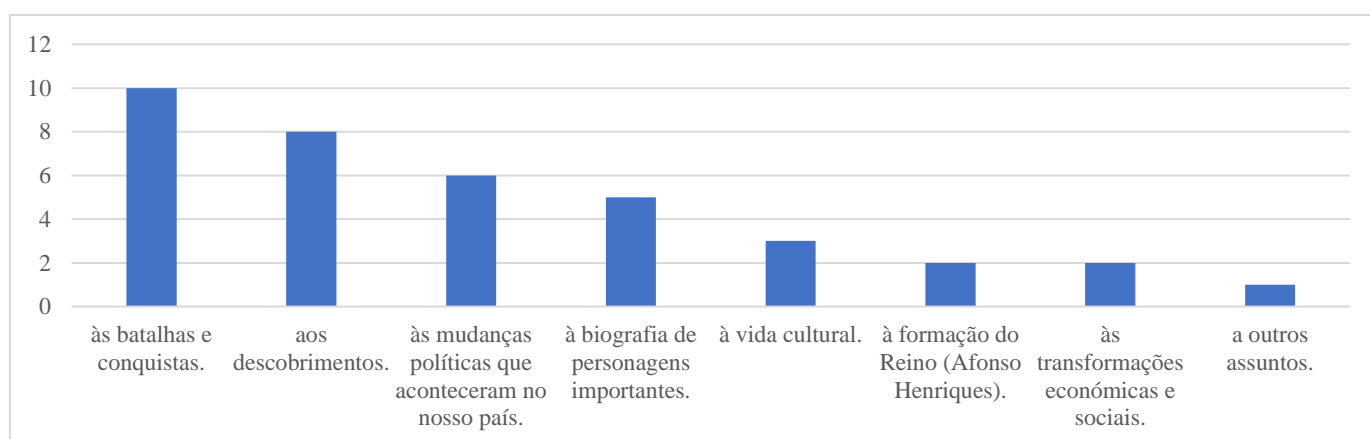


Figura 5: O que mais gostas de estudar na disciplina de história? Da autora. Inquérito por questionário aos alunos.

Podemos verificar que a maioria dos alunos mencionou que gosta mais de estudar temas relacionados com batalhas e descobrimentos. Alguns alunos indicam que gostam de estudar temas relacionados com as mudanças políticas, a biografia de personagens e a vida cultural. E são poucos os alunos que mencionam temas ligados à formação do reino e as transformações económicas e sociais. Há um aluno que indica outros assuntos, mencionando o tema: *A evolução da tecnologia durante a formação do país*. Carlos Libânio (2008) refere que na aprendizagem escolar:

há influência de factores afetivos e sociais, tais como os que suscitam a motivação para os estudos, os que afetam as relações professor-aluno, os que interferem nas disposições emocionais dos alunos para enfrentar as tarefas escolares, os que contribuem ou dificultam a formação de atitudes positivas dos alunos frente às suas capacidades e frente aos problemas e situações da realidade e do processo de ensino aprendizagem. (p. 87).

De reter, o gosto por uma história de “batalhas e conquistas” próxima do seu universo juvenil e do modo como são, predominantemente, abordados os temas da história. É assim que, eventualmente, poderemos interpretar o gosto pelos factos políticos e pelas biografias. A escolha pelos “descobrimentos” poderá estar relacionada com a proximidade destes conteúdos recentemente abordados na disciplina.

Por fim, no que respeita ao ultimo objetivo do questionário, *Identificar as metodologias e recursos mais motivadores para a sua aprendizagem*, foram elaboradas quatro questões. Na quinta questão, **Qual a importância de aprender HGP?**, de resposta fechada, nenhum aluno considerou a história como uma disciplina pouco importante, havendo um equilíbrio entre as restantes opções, ou seja, 50% dos alunos considerou a história como importante e os outros 50% como muito importante.

A sexta questão, **Qual é o modo de ensinar do professor que mais gostas?**, era mais uma vez, uma questão de resposta fechada, na qual os alunos tinham de seleccionar apenas uma opção (Figura 6).

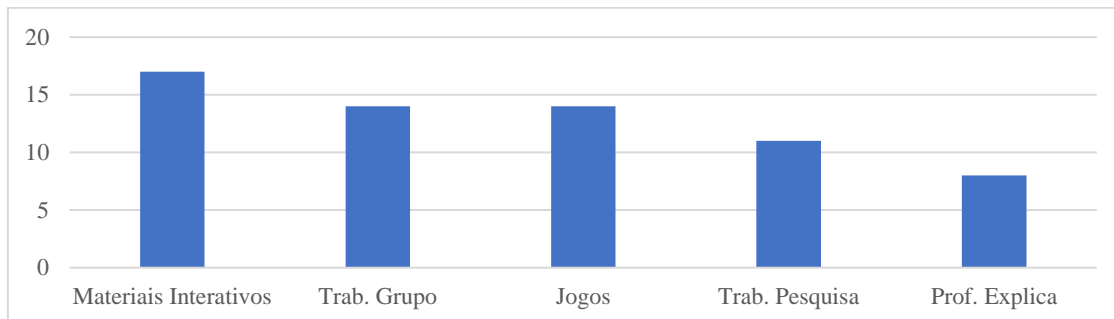


Figura 6: Qual o modo de ensinar do professor que mais gostas? Da autora. Inquérito por questionário aos alunos.

Através do gráfico verificamos que os principais modos de ensinar que a maioria dos alunos mais gosta são os materiais interativos, os trabalhos de grupo e os jogos, que são estratégias com um cariz mais lúdico. No entanto, alguns alunos demonstram preferências pelos trabalhos de pesquisa e pela explicação por parte do professor.

No que respeita à sétima questão, **Se pudesses escolher os materiais que a professora utiliza para dar as aulas de HGP quais escolhias?**, esta era também uma

questão de resposta fechada em que os alunos podiam selecionar duas opções de acordo com as suas preferências (Figura 7).

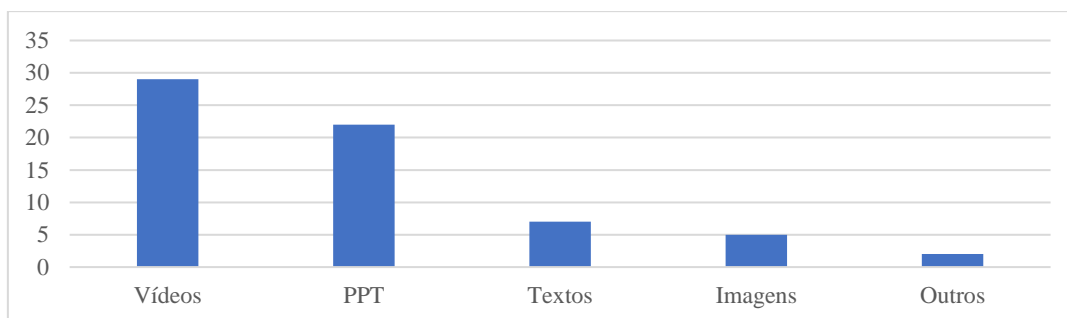


Figura 7: Se pudesses escolher os materiais que a professora utiliza para dar as aulas de HGP quais escolhias? Da autora. Inquérito por questionário aos alunos.

Verifica-se que as opções que a maioria dos alunos escolheu foram o PowerPoint e o Vídeo, no entanto, houve ainda uma minoria que selecionou textos e imagens, ou sugeriu a realização de fichas e trabalhos de grupo.

Por fim, a oitava questão, **Gostas de participar e falar para a turma nas aulas de HGP?**, esta era uma questão de cariz misto, tendo em conta que os alunos tinham que selecionar a opção sim ou não, mas depois justificar a opção escolhida. É possível constatar que a maioria dos alunos (quase 70%) afirma gostar de participar nas aulas de HGP, justificando as suas opções desta forma:

- *assim posso tirar as minhas dúvidas e ao mesmo tempo tentar que os meus colegas também percebam melhor;*
- *ao participar estou a dar a minha opinião;*
- *assim estou a mostrar se sei ou não sei, podendo, se estiver errada, esclarecer as minhas dúvidas;*

Os alunos que referem que não gostam de participar, justificam-no afirmando que têm vergonha, não gostam da disciplina ou têm medo de errar.

Em síntese, importa sublinhar o gosto dos alunos por metodologias mais interativas, utilizando recursos que têm a imagem como principal linguagem. De reter ainda a manifestação pelo gosto de participar, sendo de salientar a causa que é avançada

pelos que o não fazem: a vergonha ou o medo de errar, ao que se junta o menor gosto pela disciplina. Estas respostas, serviram de polo orientador para o estudo que se desenvolveu.

## 6.2. Dados do questionário final

Tal como o questionário inicial, foram consideradas todas as respostas dadas pelos alunos das duas turmas. Ao questionário final corresponderam 40 alunos.

No que respeita ao primeiro objetivo do questionário, *Identificar as metodologias mais motivadoras para a sua aprendizagem*, foram promovidas quatro questões. A primeira questão, **Dos métodos utilizados nas aulas de HGP qual foi o que gostaste mais?** os alunos tinham que selecionar, entre PowerPoint e Vídeo, aquela que ia ao encontro dos seus gostos e justificar. A opção escolhida pela maioria dos alunos foi o vídeo (96%), tendo apresentado justificações para a sua escolha através de respostas como:

- *É mais fácil de entender;*
- *Porque vemos acontecimentos reais e tem som;*
- *Porque o vídeo dá para perceber melhor e olhar.*

Em relação à segunda questão, **Consideras que estes métodos são mais motivadores para aprender?**, tal como a anterior era uma questão de resposta fechada porque os alunos tinham que selecionar as opções sim ou não e justificar o porquê.

Quase todos os alunos responderam de forma afirmativa a esta pergunta (95%), justificando que são métodos mais interessantes, incentivam ao estudo, facilitam a memorização e ajudam a estar mais atentos durante as aulas. Os alunos que responderam que não, justificaram que gostavam que fosse mais ler e escrever ou que deveriam ter sido recompensados com prémios em mais atividades.

A terceira questão, **As questões iniciais e os esquemas síntese ajudaram-te a organizar as ideias relacionadas com os temas abordados?**, era uma questão de resposta fechada na qual os alunos selecionavam as opções sim ou não. Tal como na questão anterior, quase todos os alunos responderam de forma afirmativa (95%).

Relativamente à quarta questão, **Participaste muitas vezes nas aulas?** Era também uma questão de resposta fechada, na qual os alunos selecionavam as opções: participei muito, participei pouco, não participei (Figura 8).

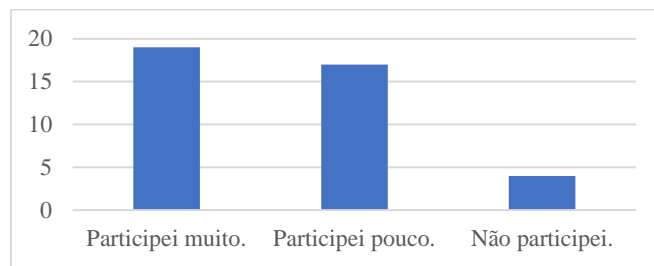


Figura 8: Participaste muitas vezes nas aulas? Da autora. Inquérito por questionário aos alunos.

É possível verificar que há uma proximidade entre os dados dos alunos que acham que participaram muito ou aqueles que consideram que participaram pouco. No entanto, há ainda alguns alunos que consideram não ter participado.

Em relação ao segundo objetivo, *Conhecer os gostos e preferências em relação à disciplina de HGP*, foi colocada a questão, **as aulas ajudaram-te a gostar mais, menos ou não mudou nada em relação à disciplina de HGP?**, na qual os alunos selecionavam uma das opções mencionadas (Figura 9).

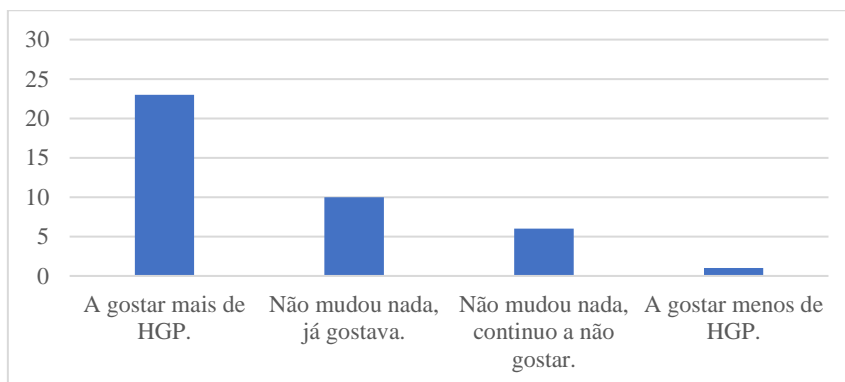


Figura 9: As aulas ajudaram-te a gostar mais, menos ou não mudou nada em relação à disciplina de HGP? Da autora. Inquérito por questionário aos alunos.

Verifica-se que a maioria dos alunos afirma que as aulas o ajudaram a gostar mais de HGP. Alguns alunos afirmam que as aulas não mudaram o seu gosto por HGP porque já gostavam ou porque continuam a não gostar. No entanto, há um aluno que afirma que passou a gostar menos de HGP. Segundo, Mattoso (1999):

o que interessa não é gostar da História mas estar convencido que sem ela não se pode compreender o mundo em que vivemos (...). É a História que nos habitua a descobrir a relatividade das coisas, das ideias, das crenças e das

doutrinas, e a detectar por que razão, sob aparências diferentes, se voltam a repetir situações análogas, se reproduz a busca de soluções parecidas ou se verificam evoluções paralelas. O historiador está sempre a descobrir no passado longínquo e recente o mesmo e o outro, a identidade e a variância, a repetição e a inovação (...). (p.14).

Por fim, o terceiro objetivo, *Identificar mudança nas concepções de História dos alunos*, foi aplicada a questão **Para que serve a história?**, caracterizada por ser uma questão de resposta fechada, na qual os alunos tinham de seleccionar as três frases que consideravam ser mais próximas da sua opinião sobre a utilidade da história, tal como tinham feito no questionário inicial (Figura 10).

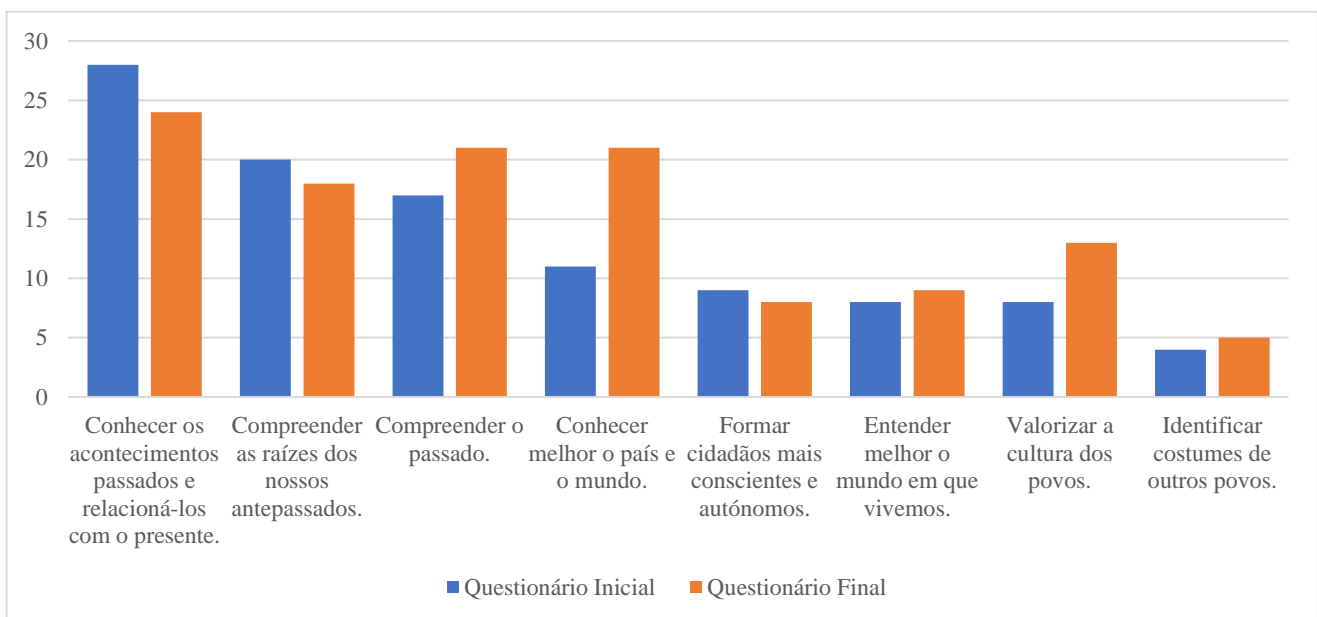


Figura 10: Para que serve a História? Da autora. Inquérito por questionário aos alunos.

Como podemos verificar, tanto no questionário inicial como no final, a maioria dos alunos continua a privilegiar a dimensão temporal da história, reconhecendo-a como a disciplina que serve para conhecer o passado e relacioná-lo com o presente, compreender as raízes dos nossos antepassados e compreender o passado. No entanto, há um aumento relativamente à resposta que indica que serve para conhecer melhor o país e o mundo e na valorização da cultura dos povos. Este facto pode ser justificado com os

conteúdos abordados durante o período de intervenção. O estudo do Estado Novo, das características do regime e da atividade da oposição legal e clandestina reforçaram a vertente nacional da História e a sua dimensão espacial. Por outro lado, o reconhecimento de pessoas que pensam e intervêm na sociedade de modo diferente poderá ter ajudado a reforçar a ideia de que a história é uma área do saber que nos ajuda a reconhecer e a respeitar o outro. A história é por excelência, desde sempre, uma área do saber que tem o “outro” como objeto de estudo, o ser humano e o modo como se pensa a si próprio e a forma como se relaciona com o mundo político, económico, social e cultural em que se desenrola a sua vida.

Enfin, les hommes n'ont rien trouvé de mieux que l'histoire pour rencontrer l'altérité: altérité du temps qui passe, qui nous traverse, nous entame, ou altérité des autres, de tous les autres qui nous ont précédés et envers qui nous sommes redevables à la fois d'un réservoir d'expériences, d'un souvenir à entretenir, d'une dette à acquitter, voire d'un fardeau à porter" (Laurentin, 2010, pp. 163-164/Henry Rousso).

Sintetizando, importa referir que a maioria dos alunos considerou que as metodologias utilizadas foram uma mais-valia para o seu percurso de ensino-aprendizagem, aumentando até, em alguns casos, o gosto pela disciplina. De reter ainda a capacidade reflexiva dos alunos relativamente à sua participação nas aulas, o que está em concordância com os dados recolhidos relativamente a esse parâmetro, os quais serão apresentados no ponto seguinte.

### **6.3. Dados da participação dos alunos**

Durante o período de intervenção no qual foi desenvolvido o estudo, foram recolhidos dados relacionados com a participação dos alunos nas aulas de HGP (cf. Anexo P). Tal como nos pontos anteriores, os dados apresentados dizem respeito ao total da amostra de alunos das duas turmas envolvidas na Intervenção Educativa realizada no 2.º CEB.

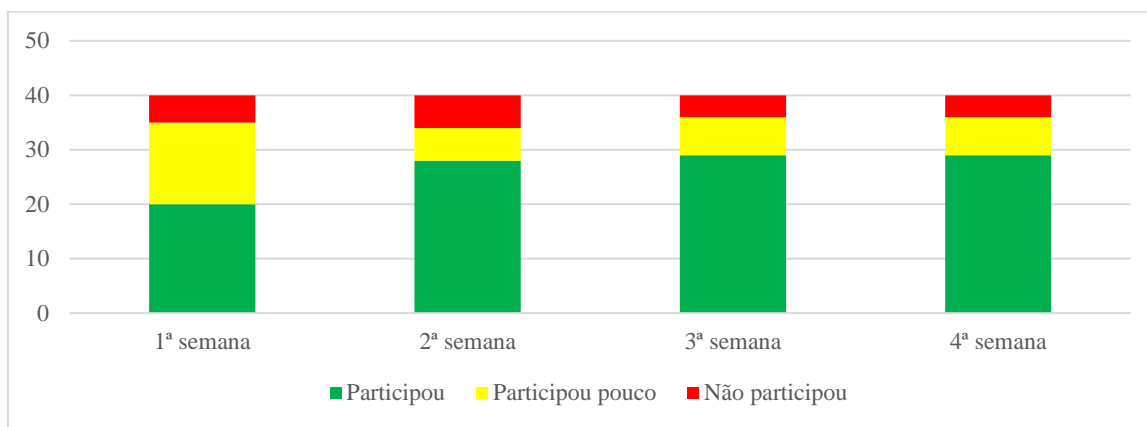


Figura 11: Dados relativos à participação dos alunos. Da autora. Grelhas de observação.

É possível verificar que houve um aumento gradual no nível de participação dos alunos que pouco participavam, ao longo das semanas de desenvolvimento do estudo. No entanto, o número de alunos que, inicialmente não participava, manteve-se inalterado.

Existem diversos fatores que podem explicar estas alterações. O primeiro fator, fazendo uma análise de um modo comparativo com a avaliação diagnóstica já apresentada no ponto 2, poderá ter a ver com as atividades desenvolvidas durante as semanas de observação, que se centraram, fundamentalmente, em momentos de avaliação.

No que respeita ao segundo fator, este pode estar relacionado com o “fator novidade”, ou seja, com a alteração da pessoa responsável na liderança das aulas, alguns alunos ficaram entusiasmados e quiseram mostrar aquilo que sabiam. Também o facto de não conhecermos totalmente o grupo, faz com que, por vezes, aqueles alunos cujo rendimento é mais baixo e que a professora está um pouco desacreditada das suas capacidades, sintam oportunidade de participar e querer mostrar que são capazes.

O terceiro fator poderá estar relacionado com os recursos utilizados ao longo das aulas, indo ao encontro dos recursos escolhidos pelos alunos no questionário inicial. Desta forma, os alunos puderam verificar que a sua opinião foi tida em conta, bem como adequada aos seus gostos e interesses, envolvendo-os assim durante as aulas. Foram também promovidos diversos momentos de diálogo, nomeadamente, no início de cada aula, no qual existia sempre uma questão orientadora que os alunos tinham que dar resposta, de forma a demonstrarem os seus conhecimentos prévios em relação ao tema.

No final da aula, era elaborado, em grande grupo, um esquema síntese de resposta à questão.

Em forma de síntese, é possível considerar a possibilidade de haver uma “ligação” positiva entre a oportunidade de escolha dos recursos, tendo em conta os seus gostos e interesses, para as aulas de HGP, e o nível de participação dos alunos. Tendo em conta que a participação nas aulas pode influenciar o desenvolvimento de competências durante o processo de ensino-aprendizagem, serão apresentados, no ponto seguinte, os dados relativos a esse parâmetro.

#### 6.4. Dados das aprendizagens dos alunos

Como forma de avaliar os conteúdos abordados durante o período de intervenção e as competências associadas à disciplina de HGP (Recolha de informação, Compreensão de fenómenos e Comunicação histórica) foi realizada uma “minificha” (cf. Anexo Q). Os dados apresentados serão, tal como nos pontos anteriores, respetivos ao total da amostra utilizada no estudo. No entanto, os alunos com NEE, que realizaram fichas adaptadas, não serão contabilizados. De modo a perceber o impacto do estudo nas aprendizagens dos alunos, será feita uma comparação dos dados da “minificha” com os dados da ficha de avaliação realizada no período de observação.

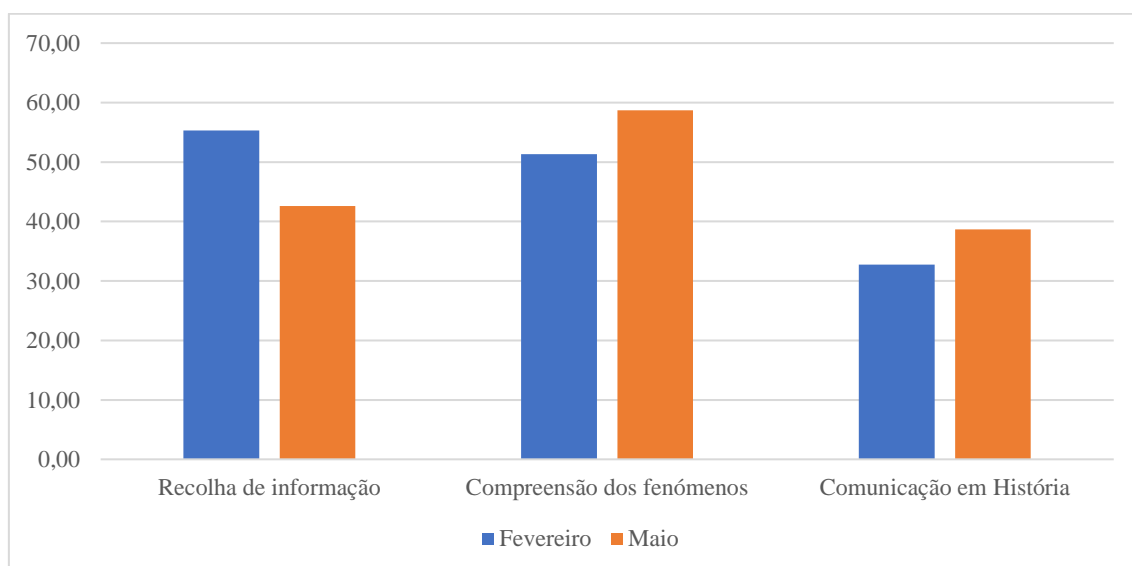


Figura 12: Dados relativos às competências da disciplina de HGP. Da autora.

Através do gráfico apresentado, é possível verificar que não existe uma variação significativa entre a avaliação de fevereiro e de maio, pois a taxa de sucesso geral das competências passou de 49,1% para 50,1, ainda assim, atingindo um valor positivo, superior a 50%.

A competência onde se registou um insucesso mais significativo foi na recolha de informação. Isto pode ser justificado pelo facto de não ter sido a competência mais trabalhada durante o período de intervenção, tendo sido privilegiado o desenvolvimento das competências Compreensão de Fenómenos e Comunicação em História.

Tendo em conta a problemática do estudo, que visava promover a participação dos alunos, é ainda relevante inferir que, ao nível da competência da “Comunicação Histórica” se tenha registado uma melhoria, o que talvez reflita, de algum modo, o impacto do projeto no desempenho dos alunos.

Todavia, não obstante termos consciência das limitações do estudo que aqui se apresenta, muito limitado no tempo devido às características da Intervenção, também não deixamos de deixar no ar a interrogação sobre a influência que a escolha dos recursos tem no processo de ensino e aprendizagem. Por outro lado, também importa fazer uma abordagem mais qualitativa em relação aos resultados e reconhecer que existem competências que se desenvolvem com o aumento da participação dos alunos que nem sempre se traduzem nas percentagens do sucesso numa determinada disciplina.

## 7. CONCLUSÕES

Antes de dar por terminado o presente relatório, serão agora tecidos alguns comentários referentes ao estudo apresentado.

Primeiramente, importa retomar a problemática definida para o estudo desenvolvido, já apresentada anteriormente - *o envolvimento dos alunos na escolha das opções metodológicas e dos recursos a mobilizar durante o processo de ensino e aprendizagem da HGP, do 2.º CEB, promove a participação dos alunos, eleva os seus níveis de motivação e poderá refletir-se no seu sucesso escolar nesta disciplina*. Neste sentido, importa igualmente lembrar que o fator afetivo da motivação teve um papel essencial em todo o processo de ensino-aprendizagem, pois representou o motivo pelo qual o aluno investiu, ou não, na sua aprendizagem ao longo deste processo.

A recolha de dados através do questionário inicial, foi essencial para que o desenvolvimento de todo o trabalho fosse ao encontro dos interesses e necessidades dos alunos. Como refere Rodrigues (2000), “as situações de ensino agradáveis suscitam no aluno um desejo de repetir e renovar a aprendizagem” (p. 179).

Como tal, de modo a aumentar os níveis de motivação e os níveis de participação na sala de aula, foram utilizados, durante as aulas, os recursos que a maioria dos alunos envolvidos no estudo escolheu. A escolha dos recursos a usar na sala de aula foi fundamental, mas mais importante do que isso foi a maneira como foram usados na aula (Harmer, 2003), mostrando aos alunos que a sua palavra é importante e respeitada, por parte do professor, fazendo parte do processo de construção do seu próprio conhecimento.

Ainda no que respeita aos dados dos questionários, foi relevante verificar que a opinião de alguns alunos pode ser influenciada pelas atividades desenvolvidas, pelas opiniões transmitidas pelo professor ou, ainda, pelos conteúdos que estão a ser abordados. Por exemplo, na perspetiva dos alunos em relação à finalidade da disciplina, a quando da realização do questionário inicial, os conteúdos que os alunos tinham abordado, estavam ainda muito centrados no país e nas mudanças ocorridas antes do Estado Novo. Durante o período de intervenção, os conteúdos começaram a referir outros povos e a sua relação com o nosso país, nomeadamente, os colonos em África e a ocorrência da guerra colonial,

que tendo em conta a caracterização do grupo, era um tema presente na vida de algumas famílias dos alunos, e como tal, pode ter influenciado a sua perspetiva.

No que diz respeito à participação dos alunos ao longo das semanas de intervenção, posso afirmar que houve uma mudança positiva nesse sentido, como já foi apresentado no ponto anterior. Penso que foram promovidos diversos momentos de escuta e diálogo entre professor-aluno, que Dalmás (1999) caracteriza como “elemento essencial no processo de intercâmbio de vivências, experiências, interações, diálogos entre os participantes” (p. 27). Este autor refere ainda que, “o encontro de pessoas por meio do diálogo e do debate em que discutem, decidem e assumem as realidades comuns, provoca crescimento pessoal e comunitário, tornando possível uma educação escolar mais humana e mais participativa” (p. 29).

Relativamente às aprendizagens desenvolvidas, tendo em conta o desenvolvimento das competências de HGP, verificou-se algumas melhorias, que apesar de não terem sido muito elevadas, mostrando que os fatores anteriormente referidos, participação e motivação, poderão ter influenciado os resultados. Esta premissa é sustentada pela análise dos resultados explicitados no ponto anterior, no qual se verificou uma melhoria nas competências Compreensão de Fenómenos e Comunicação em História. No entanto, a competência Recolha de Informação, registou um insucesso significativo que pode ser justificado pelo facto de não ter sido tão desenvolvida ao longo do processo de intervenção.

Importa ainda referir que todo o trabalho desenvolvido se pautou pela responsabilidade e empenhamento. Desta forma, estabeleceu-se uma boa relação com os alunos, assente em valores como o respeito, a cooperação e a responsabilidade.

De um modo geral, e através das premissas já apresentadas, posso afirmar que o estudo foi bem conseguido e que de algum modo alcançou todos os objetivos definidos previamente. Apesar do pouco tempo de intervenção, é possível verificar que o envolvimento dos alunos nas escolhas das opções metodológicas e dos recursos a utilizar no processo de ensino-aprendizagem em HGP elevou os seus níveis de motivação e, conseqüentemente, aumentou os níveis de participação e de sucesso escolar nesta disciplina.

## **REFLEXÃO FINAL**

Ao longo de todo o processo de formação, sem dúvida que o momento de reflexão sobre a prática é fundamental, pois como ressalva Nóvoa (1992)

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (p. 13).

Refletindo então sobre a prática pedagógica desenvolvida nos últimos dois anos, penso que foi um processo gradual, no qual tive a oportunidade de colocar o meu conhecimento no campo das didáticas em prática, mas com a consciência de que os grupos com os quais interagi eram diferentes e necessitavam que a minha intervenção se adaptasse às suas necessidades. Levo esta aprendizagem para o meu futuro como docente, pois, ao longo do meu percurso, irei encontrar diferentes contextos escolares, aos quais terei de me adaptar, de forma a poder desenvolver o meu trabalho da melhor forma possível.

Após estes dois anos, adquiri e desenvolvi diversas competências que me serão úteis no futuro profissional, relacionadas com a gestão do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, quero destacar que sinto que desenvolvi uma capacidade reflexiva que me ajuda a perceber o que deve ser feito, como deve ser feito e, no caso de não resultar, que alterações poderão ser feitas para melhorar. Por outro lado, tornei-me alguém que valoriza mais o aluno e percebe que o ensino deve ser equilibrado entre as necessidades e gostos dos alunos e as finalidades de ensino eminentes à profissão docente.

Acredito que, para além do domínio dos conteúdos, o professor deve ser alguém acessível, mediador do processo de ensino-aprendizagem e que não tem medo de mostrar aos alunos que pode errar.

Sem dúvida que ainda tenho muito para aprender e que, a bagagem que levo destes dois anos é ainda muito pequenina, pois ser professor é estar em constante aprendizagem, mas, acima de tudo, dar espaço aos alunos para que exponham as suas experiências e

aprendizagens através de uma participação ativa. No entanto, considero que todas as situações de intervenção, apesar de todo o trabalho que implicaram, foram essenciais.

Durante essas situações de intervenção, existiu inicialmente algum receio e insegurança em relação à forma como o contexto nos iria receber, mas rapidamente desapareceram, porque as professoras cooperantes demonstraram-se acessíveis e abertas à nossa presença, colaborando da melhor forma possível para que tudo corresse pelo melhor.

O apoio dos professores orientadores foi também essencial neste processo, não só na melhoria das planificações e dos recursos utilizados, como também nos momentos assistidos, em que as críticas eram feitas de modo construtivo e com o intuito de melhorarmos a nossa prática.

Sintetizando, considero que todo este processo é resultado de um conjunto de elementos que me permitiu crescer e amadurecer, de forma a ser mais consciente do meu lugar como agente de transformação e de transmissão dos conhecimentos. E que todas as competências desenvolvidas me permitirão contribuir para o desenvolvimento dos alunos com que me cruzar. Sem dúvida que o processo não termina aqui e que este final é apenas o início de uma vida profissional que está prestes a começar.

## REFERÊNCIAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: um guia prático e crítico*. Porto: Asa.
- Alves, L. (2001). *O estado da história – o ensino*. Revista da Faculdade de Letras História, III(2), 24-31.
- Apple, M. & Beane, J. (2000). *Escolas democráticas*. Porto: Porto Editora.
- Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill
- Arends, R. (2008). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill
- Arturo, R (2001). El Cuestionario. Consultado em <http://www.nodo50.org/sindpitagoras/Likert.htm>
- Beane, J. (2003). Integração curricular: a essência de uma escola democrática. *Currículo sem Fronteiras*, 3 (2), 91-110
- Boruchovitch, E. & Bzuneck, A. (2001). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. 3. ed. Petrópolis: Vozes
- Caballero de Rodas, B., Escobar, C., & Masats, D. (2010) *Didáctica de las lenguas extranjeras en la Educación Secundaria Obligatoria*. Madrid: Editorial Síntesis, S.A.
- Canotilho, J. (1981), *Direito Constitucional*. Vol.II. Coimbra: Livraria Almedina.
- Coutinho, C. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Curto, P. (1999). *A Escola e a Indisciplina*. Porto: Porto Editora.
- Dalmás, A. (1999) *Planejamento participativo na Escola: Elaboração, acompanhamento e avaliação*. Petrópolis: Vozes.

- Drew, F., Olds, R., Olds, JR. e Henry F. (1994). Como motivar os seus alunos: Actividades e métodos para responsabilizar os alunos. Amadora, Plátano Editora.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes. Uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Félix, N. (1998). *A história na educação básica*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Fita, E. & Tapia, J (2015). *A Motivação em Sala de Aula: O que é, como se Faz*. São Paulo: Edições Loyola
- Fonte, R. (2012). Formação de animadores socioculturais. *Egitania Sciencia*, (10), 81.
- Fortin, M. (2003). O processo de investigação: Da concepção à realização (3ª edição). Loures: Lusociência.
- Goldani, A., Togatlian, M., Costa, R (2010). *Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola*. Rio de Janeiro: Epapers. Guerra, I. (2002). *Fundamentos e Processos de uma sociologia de acção*. Cascais: Princípiã
- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e Processos de uma sociologia de acção*. Cascais: Princípiã
- Guerra, M. (2002). *Os desafios da participação – desenvolver a democracia na Escola*. Porto: Porto Editora.
- Guerra, M. (2003). *Aprender a conviver na escola*. Lisboa: Edições Asa.
- Gil, A (1994). *Metodologia do Ensino Superior*. São Paulo: Atlas
- Harmer, J. (2003), *The practice of English language teaching*, London: Longman
- Heacox, D. (2006). *Diferenciação curricular na sala de aula*. Porto Editora: Porto.
- Laurentin, E. (dir.). (2010). *À quoi sert l’histoire aujourd’hui?* Montrouge: Bayard
- Libâneo, J. (1999). *Adeus Professor; Adeus Professora? Novas exigências educacionais e a Profissão Docente*. São Paulo: Cortez

- Libânio, C. (2008). *Didática*. São Paulo: Cortez.
- Lopes, A. (1991). Aula Expositiva: Superando o Tradicional. In: VEIGA, Ilma P. A (org.). *Técnicas de Ensino: Por que não?* São Paulo: Papyrus
- Machado, J. e Formosinho, J. (1982), *A Administração das Escolas no Portugal Democrático*. In *Autonomia, Gestão e Avaliação das Escolas*. Porto: Porto Editora.
- Marturano, E. M. (1998). *Ambiente familiar e aprendizagem escolar*. Ribeirão Preto: Legis Summa.
- Masetto, M. (1997). *Didática: A aula como centro*. São Paulo: FTD.
- Mattoso, J. (1999). *A Função social da história no mundo de hoje*. Lisboa: A.P.H.
- Ministério da Educação, Direção Geral dos Ensino Básico e Secundário (1991). *Programa de história e geografia de Portugal – Plano de organização do ensino-aprendizagem – 2.º ciclo*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Miras, M. (1999). O ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios. São Paulo: Editora Ática
- Moresi, E. (2003) *Metodologia da Pesquisa*. Brasília: Universidade Católica de Brasília.
- Nóvoa, A. (1992). *Formação de professores e profissão docente*. Lisboa: Dom Quixote.
- Oliveira-Formosinho, J. (2007). *Pedagogia (s) da Infância: Dialogando com o Passado: Construindo o Futuro*. In J. Oliveira-Formosinho, T.M. Kishimoto, & M.A. Pinazza, *Pedagogia (s) da Infância: Reconstruindo uma Práxis de Participação*. Porto Alegre: Artmed Editora. (pp. 13-35.)
- Prats, J. (2014). *Didáctica de la Geografía y la Historia*. Barcelona: Editorial Graó
- Pluckrose, H. (1996). *Enseñanza y aprendizaje de la historia*. Madrid: Ediciones Morata.
- Pagès J. & Santisteban, A. (Coord.). (2011). *Didáctica del conocimiento del medio social y cultural en la educación primaria*. Madrid: Editorial Síntesis.

- Perrenoud, P. (2005). *Escola e cidadania. O papel da escola na formação para a democracia*. Porto Alegre: Artemed Editora.
- Reyna, L., (2009). El papel de la motivación y las actitudes en el aprendizaje de ELE en contexto de enseñanza formal para adultos alemanes. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de Lenguas*. (pp. 58-73).
- Ribeiro, J. P. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Rorldão, M. C. (1999). Currículo e cidadania. *Inovação*, 12, pp. 9-26.
- Roldão, M. C. (2008). *Gestão do currículo e avaliação de competências: As questões dos professores*. Editorial Presença: Lisboa
- Robbins, S. (2005). *Comportamento Organizacional*. São Paulo: Pearson Prentice Hall
- Rodrigues, D. (2000), O paradigma da educação inclusiva – Reflexões sobre uma agenda possível, In. *Revista Inclusão*, n.º 1, IEC. Braga: Universidade do Minho.
- Sánchez, G., e Ruiz, A. (2016). *Didáctica de las ciencias sociales: fundamentos, contextos y propuestas*. Madrid: Pirâmide.
- Silva, M. (2011). *A aprendizagem significativa no ensino da história: o peddy paper como recurso didático*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade do Porto, Porto.
- Serrano, M., & Bento, A. (2004). *Identificação das redes de apoio social num grupo de famílias de risco*. *Inclusão* (5), 57-111
- Solé, I. (1999). *Estratégias de Leitura*. Artmed: Porto Alegre
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R.(1993). *Motivação na sala de aula*. In *Psicologia Educacional* (pp. 503-525). Lisboa: McGraw-Hill.
- Zabala, A., Coll, C., Martín, E., Solé, I., Onrubia, J., & Mauri, T. (1999). *O Construtivismo na Sala de Aula*. São Paulo: Ática

## **Outros documentos**

Projeto Educativo

Registos Biográficos dos alunos, 2016

Projeto Anual de Turma (2016).

Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas PDC., elaborado para os anos de 2013 a 2017.

Regulamento Interno da Escola PDC, aprovado em 2013.

## **ANEXOS**

## ANEXO A. HORÁRIO DA TURMA DO 1.ºCEB



### Horário – 2ºA

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
8:30 - 10:30	C. Cooperação	Exp. Motora	Expressão Plástica	Apres. Produções	Exp. Musical / TEA
	Trabalho de Texto	Formação Cristã	Expressão Plástica	Trabalho de Texto	C. Cooperação
10:30 – 11:00					
11:00 – 12:30	Matemática Coletiva	Trabalho de Texto	Inglês	Matemática Coletiva	Natação
	Inglês	Trabalho de Texto	Matemática Coletiva	Matemática Coletiva	Apres. Produções
12:30 – 14:00	Almoço				
14:00 – 16:00	TEA	Exp. Musical / TEA	TEA	T. Projeto	C. Cooperação
	Exp. Motora	Formação Humana	Saída às 15:00	Comunicações	
16:00 – 16:15	Lanche				

## ANEXO B. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA 1.º CEB

### Avaliação Diagnóstica de Português

Tabela B1. *Dados da avaliação diagnóstica de Português do 1.º CEB*

PORTUGUÊS																									
Domínio	Objetivos	Indicadores de avaliação	Alunos																						
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
Oralidade	1. Respeitar regras da interação discursiva	1.1. Respeita o princípio de cortesia	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	
		1.2. Utiliza formas de tratamento adequadas.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	2. Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos	2.1. Refere o essencial de textos ouvidos.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	3. Produzir um discurso oral com correção	3.1. Fala de forma audível.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		3.2. Utiliza a entoação adequada.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		3.3. Utiliza o ritmo adequado.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		3.4. Usa vocabulário adequado ao tema e à situação.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde



		7.4. Justifica opiniões em resposta de compreensão crítica.	Green	Red	Red	Red	Yellow	Green	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Green	
		7.5. Ordena cronologicamente acontecimentos de uma história.	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	
8. Redigir corretamente.		8.1. Utiliza sinais de pontuação.	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	
		8.2. Utiliza letra maiúscula para iniciar uma frase e letra minúscula para a terminar.	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Green	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Red	Red	Blue	Green	Green	
		8.3. Atribui um título ao texto.	Red	Red	Green	Red	Green	Green	Green	Green	Red	Red	Green	Green	Red	Red	Green	Green	Red	Blue	Red	Red	Red	
		8.4. Inicia o texto com expressão de abertura.	Green	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Green	Red	Red	Red	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Green	Green	
		8.5. Recorre a uma expressão de fechamento.	Red	Green	Red	Red	Green	Red	Green	Green	Red	Red	Red	Red	Red	Green	Red	Red	Red	Red	Red	Blue	Green	Red
		8.6. Introduz parágrafos para iniciar novo assunto.	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue
9. Planificar a escrita de textos.		9.1. Formula as ideias-chave a incluir num pequeno texto informativo.	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	
10. Rever a escrita de textos.		10.1. Identifica erros de ortografia, mostrando que conhece a grafia correta.	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	
11. Apropriar-se de novos vocábulos		12.1. Reconhecer o significado de palavras	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	



## Avaliação Diagnóstica de Matemática

Tabela B2. Dados da avaliação diagnóstica de Matemática do 1.ºCEB

MATEMÁTICA																									
Domínio	Objetivos	Indicadores de avaliação	Alunos																						
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
Números e Operações	1. Reconhecer a paridade	1.1. Distingue os números pares dos números ímpares.	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde
		1.2. Identifica um número par como uma soma de parcelas iguais a 2	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo
		1.3. Reconhece que um número é par quando é a soma de duas parcelas iguais.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.4. Reconhece a alternância dos números pares e ímpares na ordem natural.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.5. Reconhece a paridade de um número através do algarismo das unidades.	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde
	2. Descodificar o sistema de numeração decimal	2.1. Lê e representa qualquer número natural até 1000, identificando o valor posicional dos algarismos que o compõem.	Amarelo	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo
		2.2. Escreve os números por extenso.	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde



## Avaliação Diagnóstica de Estudo do Meio

Tabela B3. Dados da avaliação diagnóstica de Estudo do Meio do 1.ºCEB

Estudo do Meio																								
Bloco	Tema	Objetivos	Indicadores de avaliação	Alunos																				
				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
1. À descoberta de si mesmo	O seu corpo	1. Localizar, no corpo, os órgãos dos sentidos	1.1. Localiza no corpo os órgãos dos sentidos	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
			1.2. Associa o órgão ao sentido	Verde	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
2. À descoberta do ambiente natural		2. Registrar o tempo que faz.	2.1. Regista o tempo que faz diariamente.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		3. Reconhece os estados do tempo: chuvoso, quente, frio, ventoso, nublado...	3.1. Reconhece os estados do tempo: chuvoso, quente, frio, ventoso, nublado...	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

## Avaliação Diagnóstica de Expressão Musical

Tabela B4. *Dados da avaliação diagnóstica de Expressão Musical do 1.ºCEB*

Expressão Musical																									
Nº alunos		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
Meta																									
Interpreta uma canção controlando vocalmente mudanças súbitas de andamento e de intensidade.		Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Amarelo	Verde	Amarelo
Interpreta uma canção respeitando a sua estrutura rítmica.		Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Amarelo	Verde	Amarelo
Reproduz padrões rítmicos mediante um modelo, utilizando percussão corporal e instrumentos.		Amarelo	Amarelo	Verde	Vermelho	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

## Avaliação Diagnóstica de Expressão Motora

Tabela B5. *Dados da avaliação diagnóstica de Expressão Motora do 1.ºCEB*

### Bloco 1 — Perícia e Manipulação

Objetivos	Crítérios de êxito	Parâmetros
1. LANÇAR para cima (no plano vertical) uma bola (grande) e RECEBÊ-LA com as duas mãos acima da cabeça (o mais alto possível) depois de bater uma palma e de a bola tocar no chão.	a) Mantém-se no mesmo lugar	N/S
	b) Apanha a bola depois de bater uma palma e de a bola tocar no chão	N/S
2. DRIBLAR, com a mão esquerda e direita, em deslocamento, sem perder o controlo da bola.	a) Mantém a bola ao nível da cintura	N/S
	b) Posiciona a mão corretamente para driblar.	N/S
3. PASSAR por dentro de um arco e rolar no chão, sem o derrubar.	a) Salta para dentro do arco antes de cair no chão.	N/S
	b) Roda o arco verticalmente	N/S
4. Fazer TOQUES DE SUSTENTAÇÃO de uma bola de espuma com uma face da raquete ao nível da cintura, parado e em deslocamento.	a) Faz toques de sustentação com a raquete parado.	N/S
	b) Faz toques de sustentação com a raquete em movimento	N/S

### Bloco 2 – DESLOCAMENTOS E EQUILÍBRIOS

Objetivos	Crítérios de êxito	Parâmetros
5. SALTAR em comprimento, após curta corrida de balanço e chamada a um pé numa zona elevada, com receção a pés juntos num colchão ou caixa de saltos.	a) Impulso com um apoio.	N/S
	b) Estica as pernas durante o salto.	N/S
6. SUBIR E DESCER o espaldar percorrendo todos os degraus	a) Sobe o espaldar percorrendo todos os degraus.	N/S
	b) Desce o espaldar percorrendo todos os degraus.	N/S
7. Fazer CAMBALHOTA à frente no colchão, terminando a pés juntos, mantendo a mesma direção durante o enrolamento.	a) Mantém o queixo encostado ao corpo.	N/S
	b) Mantém as pernas juntas.	N/S

	<b>Objetivo</b>	<b>Aluno</b>	<b>Turma (23 crianças)</b>
<b>Avançado (A)</b>	S + S	Mais de 10 S	Pelo menos 16 alunos em nível avançado
<b>Elementar (E)</b>	S + N	De 6 a 10 S	Menos de 16 alunos em nível avançado e menos de 16 alunos em nível introdutório
<b>Introdutório (I)</b>	N + N	Menos de 6 S	Pelo menos 16 em nível introdutório

<b>Nº dos alunos</b>		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
		<b>Objetivos/ Critérios de êxito</b>																						
Objetivo 1	Critério a)	N	S	S	N	S	S	S	S	S	N	N	N	S	N	S	S	S	S	S	N	N	S	N
	Critério b)	N	S	S	N	S	S	S	S	S	N	N	N	S	N	S	S	S	S	S	N	N	S	N
Objetivo 2	Critério a)	S	N	N	N	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	S	S	N
	Critério b)	S	N	N	N	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	S	S	N
Objetivo 3	Critério a)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	Critério b)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Objetivo 4	Critério a)	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
	Critério b)	N	N	N	N	N	S	S	N	S	N	N	N	S	N	S	S	S	S	N	N	S	S	S	
Objetivo 5	Critério a)	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	
	Critério b)	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
Objetivo 6	Critério a)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
	Critério b)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
Objetivo 7	Critério a)	N	N	N	N	N	S	S	N	S	N	N	N	S	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	
	Critério b)	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	
Nível do Aluno		<b>E</b>	<b>E</b>	<b>E</b>	<b>I</b>	<b>A</b>	<b>A</b>	<b>A</b>	<b>A</b>	<b>A</b>	<b>E</b>	<b>E</b>	<b>E</b>	<b>A</b>	<b>E</b>	<b>A</b>	<b>A</b>	<b>A</b>	<b>A</b>	<b>E</b>	<b>E</b>	<b>E</b>	<b>A</b>	<b>E</b>	
Nível do Objetivo 1		Avançado																							
Nível do Objetivo 2		Avançado																							
Nível do Objetivo 3		Elementar																							
Nível do Objetivo 4		Avançado																							
Nível do Objetivo 5		Avançado																							
Nível do Objetivo 6		Elementar																							
Nível do Objetivo 7		Elementar																							

## Avaliação Diagnóstica de Expressão Plástica

Tabela B6. Dados da avaliação diagnóstica de Expressão Plástica do 1.ºCEB

Expressão Plástica																								
Nº alunos		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
<b>Meta</b>																								
Representa plasticamente objetos através da pintura (tintas guache, pastel de óleo, aguarela e papier maché).		Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Cria composições plásticas com manchas livres de cor, utilizando a pintura (tintas, pastel de óleo ou seco, colagem, técnica mista).		Azul	Verde	Verde	Azul	Azul	Azul	Verde	Azul	Azul	Azul	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Azul	Azul	Azul

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

# Avaliação Diagnóstica de Competências Sociais

Tabela B7. Dados da avaliação diagnóstica de Competências Sociais do 1.º CEB

COMPETÊNCIAS SOCIAIS																										
Nº Alunos			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
Descritor de Avaliação																										
Autonomia	Realiza o trabalho	Sozinho	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo
		Com ajuda	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde
Cooperação	Ajuda os colegas na realização de tarefas individuais		Verde	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Amarelo
	Pede ajuda aos colegas nas tarefas individuais		Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo
	Coopera com os colegas em momentos de trabalho de grupo		Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo
Relacionamento	Com a professora		Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	Com os colegas		Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	Resolve conflitos	Recorrendo à professora	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo
		Recorrendo aos colegas	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo
Recorrendo ao C. Cooperação		Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	
Participação	Participa	Espontaneamente de forma pertinente		Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo
		Quando solicitado		Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	Respeita as regras de comunicação	Pede a palavra	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo
		Aguarda a vez	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo
Não participa		Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	



## ANEXO C. OBJETIVOS E ESTRATÉGIAS GERAIS DE INTERVENÇÃO

Tabela C1. *Objetivos e estratégias gerais de intervenção do 1.ºCEB*

Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Estratégias	Descrição de Estratégias
1. Desenvolver a competência de cálculo mental	1.1. Adicionar mentalmente um número de dois algarismos com um número de um algarismo e um número de dois algarismos com um número de dois algarismos; 1.2. Subtrair mentalmente um número de dois algarismos com um número de um algarismo e um número de dois algarismos com um número de dois algarismos; 1.3. Recorrer a diferentes tipos de comunicação de raciocínio.	Implementação de uma tira de cálculo mental semanal	Aplicação de uma tira de cálculo mental, diferenciada para alguns alunos. Série de 6 operações de subtração e adição em 3 minutos. O tempo será ajustado e o número de operações se for necessário. De seguida, há a explicitação e partilha das estratégias utilizadas.
2. Desenvolver estratégias de resolução de problemas	2.1. Resolver problemas de um ou dois passos envolvendo situações de juntar, acrescentar, retirar, comparar e completar; 2.2. Reconhecer a existência de diversas estratégias de resolução de problemas;	Implementação do “Problema da semana”	Resolução individual de um problema selecionado pelos alunos em pesquisas, seguida da partilha dos diferentes raciocínios e possibilidades de resolução, em grande grupo
	2.3. Recorrer a diferentes tipos de comunicação de raciocínio.	Partilha de estratégias	Partilha, pelos alunos, das diferentes estratégias de resolução utilizadas em situações de resolução de exercícios ou de problemas
3. Melhorar a competência de produção textual	3.1. Planificar a escrita de textos. 3.2. Redigir corretamente. 3.3. Rever textos. 3.4. Aprender regras básicas de ortográfica.	Contacto com as três etapas de escrita	Alargar as fases de escrita de, englobando, para além da textualização e da revisão (realizada normalmente em coletivo), a fase de planificação.
		Momento semanal destinado à produção de textos	Atribuição de um tempo semanal à escrita colaborativa de textos (a pares), realizando propostas de escrita orientada a pares.
4. Melhorar o comportamento em sala de aula	4.1. Cumprir as regras pré-estabelecidas pelo grupo; 4.2. Refletir de forma crítica	Proposta de implementação e afixação de regras na sala de aula	Proposta de definição, escrita e afixação das regras de sala de aula, em CC.

	sobre o seu comportamento.	Avaliação das regras	Balço semanal sobre o cumprimento das regras em CC.
		Valorização dos comportamentos adequados	Salientar os comportamentos adequados ao invés dos desadequados.

Nota: Elaboração própria

## ANEXO D. INDICADORES DE AVALIAÇÃO DO 1ºCEB

Tabela D1. *Indicadores de Avaliação do 1.ºCEB*

Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Indicadores de Avaliação
1. Desenvolver a competência de cálculo mental	1.1. Adicionar mentalmente um número de dois algarismos com um número de um algarismo e um número de dois algarismos com um número de dois algarismos.	1.1.1. Adiciona mentalmente um número com dois algarismos com um número de um algarismo; 1.1.2. Adiciona mentalmente um número com dois algarismos com um número com dois algarismos;
	1.2. Subtrair mentalmente um número de dois algarismos com um número de um algarismo e um número de dois algarismos com um número de dois algarismos.	1.2.1. Subtrai mentalmente um número com dois algarismos com um número de um algarismo; 1.2.2. Subtrai mentalmente um número com dois algarismos com um número com dois algarismos;
	1.3. Recorrer a diferentes tipos de comunicação de raciocínio.	1.3.1. Expressa o seu raciocínio por escrito; 1.3.2. Comunica oralmente o seu raciocínio aos colegas.
2. Desenvolver estratégias de resolução de problema	2.1. Resolver problemas.	2.1.1. Apresenta estratégias para a resolução de problemas.
	2.2. Reconhecer a existência de diversas estratégias de resolução de problemas.	2.2.1. Recorre a diversas estratégias de resolução de problemas.
	2.3. Recorrer a diferentes tipos de comunicação de raciocínio.	2.3.1. Expressa o seu raciocínio por escrito; 2.3.2. Comunica o seu raciocínio aos colegas.
3. Melhorar competência de produção textual	3.1. Planificar a escrita de textos	3.1.1. Regista ideias acerca do tema.
	3.2. Redigir corretamente.	3.2.1. Respeita as regras de pontuação; 3.2.2. Utiliza vocabulário adequado e específico dos temas tratados no texto; 3.2.3. Atribui um título ao texto. 3.2.4. Introduce parágrafos para iniciar um novo assunto. 3.2.5. Inicia as frases com letra maiúscula. 3.2.6. Respeita a estrutura do género textual.
	3.3. Rever textos.	3.3.1. Apresenta sugestões de melhoria para o seu texto e para o dos colegas. 3.3.2. Reconhece elementos em falta. 3.3.3. Reflete acerca do texto escrito.
	3.4. Aprender regras básicas de ortografia.	3.4.1. Reconhece que antes de p ou b se escreve m. 3.4.2. Reconhece que quando a sílaba tónica está no meio da palavra esta termina com am.
4. Melhorar o comportamento na sala de aula	4.1. Cumprir as regras pré-estabelecidas pelo grupo;	4.1.1. Reconhece as regras básicas da sala de aula; 4.1.2. Cumpre as regras da sala de aula.

	4.2. Refletir de forma critica sobre o seu comportamento.	4.2.1. Reflete acerca do seu comportamento; 4.2.2. Reflete acerca do comportamento dos outros.
--	---	---

Nota: Elaboração própria

## ANEXO E. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DE PORTUGUÊS

Tabela E1. *Dados da avaliação das aprendizagens de Português do 1.ºCEB*

PORTUGUÊS																								
Objetivos	Indicadores de avaliação	Alunos																						
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
<b>Domínio: Oralidade</b>																								
1. Respeitar regras da interação discursiva	1.1. Respeita o princípio de cortesia																							
	1.2. Utiliza formas de tratamento adequadas.																							
2. Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos	2.1. Refere o essencial de textos ouvidos.																							
3. Produzir um discurso oral com correção	3.1. Fala de forma audível.																							
	3.2. Utiliza a entoação adequada.																							
	3.3. Utiliza o ritmo adequado.																							
	3.4. Usa vocabulário adequado ao tema e à situação.																							
<b>Domínio: Leitura e Escrita</b>																								
6. Ler em voz alta palavras, pseudopalavras e textos.	6.1. Lê o texto com fluência.																							







## ANEXO F. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DE MATEMÁTICA

Tabela F1. *Dados da avaliação das aprendizagens de Matemática do 1.ºCEB*

<b>MATEMÁTICA</b>																									
<b>Objetivos</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>	<b>Alunos</b>																							
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
<b>Domínio: Números e Operações</b>																									
1. Reconhecer a paridade	1.1. Distingue os números pares dos números ímpares.																								
	1.2. Identifica um número par como uma soma de parcelas iguais a 2																								
	1.3. Reconhece que um número é par quando é a soma de duas parcelas iguais.																								
	1.4. Reconhece a alternância dos números pares e ímpares na ordem natural.																								
	1.5. Reconhece a paridade de um número através do algarismo das unidades.																								
2. Descodificar o sistema de numeração decimal	2.1. Lê e representa qualquer número natural até 1000, identificando o valor posicional dos algarismos que o compõem.																								
	2.2. Escreve os números por extenso.																								
	2.3. Escreve os números por ordens.																								



4. Desenvolver estratégias de resolução de problema																							
2.1. Resolver problemas.	2.1.1. Apresenta estratégias para a resolução de problemas.	Green	Red	Yellow	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	
2.2. Reconhecer a existência de diversas estratégias de resolução de problemas.	2.2.1. Recorre a diversas estratégias de resolução de problemas;	Green	Red	Yellow	Red	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Yellow	Green
	2.3.1. Expressa o seu raciocínio por escrito;	Green	Red	Yellow	Red	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Yellow	Green
	2.3.2. Comunica o seu raciocínio aos colegas;	Yellow	Blue	Blue	Blue	Yellow	Yellow	Red	Yellow	Blue	Blue	Blue	Red	Yellow	Blue	Blue	Yellow	Yellow	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue
<b>Domínio: Organização e Tratamento de Dados</b>																							
5. Recolher e representar conjuntos de dados;	5.1. Recolhe dados através de uma tabela de frequências absolutas;	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green
	5.2. Identifica os elementos constituintes de um gráfico de barras;	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow
	5.3. Identifica a variável com maior representatividade.	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green
	5.4. Inquire os colegas, respeitando a recolha a realizar;	Green	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Green	Blue	Green	Green
	5.5. Regista as respostas dos colegas;	Green	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Green	Blue	Green	Green
	5.6. Organiza a informação recolhida pelo grupo num gráfico.	Green	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Green	Blue	Green	Green
	5.7. Atribui um título ao gráfico.	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green

	5.8. Identifica os elementos constituintes do gráfico a construir.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	5.9. Legenda o gráfico.	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

## ANEXO G. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DE ESTUDO DO MEIO

Tabela G1. Dados da avaliação das aprendizagens de Estudo do Meio do 1.ºCEB

Estudo do Meio																										
Bloco	Tema	Objetivos	Indicadores de avaliação	Alunos																						
				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
1. À descoberta de si mesmo	O seu corpo	1. Reconhecer modificações do seu corpo.	1.1. Reconhece a queda de dentes de leite.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde		
			1.2. Reconhece o nascimento de dentes definitivos.	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		2. Identificar de cuidados de higiene oral.	1.3. Identifica os três tipos de dentes (molar, incisivo e canino) e sua função	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
			1.4. Identifica a posição dos dentes na boca.	Verde	Vermelho	Amarelo	Vermelho	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Vermelho	Amarelo	Verde	Verde	Verde
			1.5. Identifica o número de dentes de leite e definitivos.	Verde	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
			2.1. Refere que se deve lavar os dentes diariamente e três vezes ao dia.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
			2.2. Identifica a importância de lavar os dentes para prevenir cáries	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
			2.3. Identifica a necessidade de ir ao dentista.	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

## ANEXO H. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DAS EXPRESSÕES

Tabela H1. Dados da avaliação das aprendizagens da Expressão Dramática do 1.ºCEB

Expressão Dramática																							
<b>Objetivos</b>																							
1. Explorar os movimentos do corpo. 2. Apropriar-se do espaço envolvente 3. Improvisar criativamente. 4. Participar em práticas de faz de conta sugeridas. 5. Cooperar e trabalhar em grupo. 6. Participar ativamente nos momentos de reflexão, recorrendo a vocabulário adequado, expressando uma interpretação pessoal. 7. Autoavaliar-se. 8. Avaliar os colegas.																							
Aluno Indicador de avaliação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
1.1. Explora movimentos do corpo.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
2.1. Utiliza o espaço envolvente.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
3.1. Improvisa de forma criativa, partindo de objetos do quotidiano.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
4.1. Participa em práticas de faz de conta, a partir de objetos do quotidiano.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
5.1. Cooperar com os colegas de grupo.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
5.2. Espera pela sua vez de falar.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
5.3. Sabe ouvir.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
5.4. Justifica a sua opinião.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
6.1. Participa, de forma ativa, em momentos de reflexão.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
7.1. Avalia o seu desempenho.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
8.1. Avalia de forma pertinente o desempenho dos colegas.	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

Tabela H2. Dados da avaliação das aprendizagens de Expressão Plástica do 1.ºCEB

Expressão Plástica																							
<b>Objetivos</b> 1. Colorir a figura recorrendo à técnica de pintura: 1.1. Descodificar o código de cores da imagem a colorir 1.2. Colorir de acordo com o código de cores 1.3. Aplicar a técnica corretamente.  2. Aperfeiçoar a técnica de recorte 2.1. Recortar pelos limites pré-definidos																							
Aluno	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
Indicador de avaliação																							
1.1.1. Descodifica o código de cores da imagem a colorir.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
1.2.1. Colora de acordo com o código de cores	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
1.3.1. Aplica a técnica de pintura corretamente.	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo
2.1.1. Recorta corretamente	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

Tabela H3. Dados da avaliação das aprendizagens de Expressão Musical do 1.ºCEB

Expressão Musical																							
<b>Objetivos</b> 1. Em situação de exploração individual do movimento, com ambiente musical adequado, a partir de movimentos dados pelo professor (e ou sugeridos pelos alunos), seguindo timbres diversificados e a marcação rítmica: 1.1. Reconhecer o compasso e a pulsação de uma música. 1.2. Identificar uma sequência de movimentos. 1.3. Associar mudanças de movimento ao compasso; 1.4. Recorrer à pulsação da música para definir tempo de execução um movimento.																							
Aluno	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
Indicador de avaliação																							
1.1.1. Marca o compasso, levantando o cartão no tempo adequado;	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Verde
1.1.2. Marca a pulsação com palmas;	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo
1.3.1. Relaciona um movimento com o compasso e a pulsação da música;	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho	Verde	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo
1.4.1. Recorre à pulsação da música para definir tempo de execução de um movimento.	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho	Verde	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo

Tabela H4. Dados da avaliação das aprendizagens de Expressão Motora do 1.ºCEB

Expressão Motora																							
Objetivos																							
1. Praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos, designadamente: deslocamentos em corrida:																							
1.1. Cumprir as regras de diferentes jogos de acordo com as indicações do professor.																							
2. Em situação de exploração individual do movimento, com ambiente musical adequado, a partir de movimentos dados pelo professor (e ou sugeridos pelos alunos), seguindo timbres diversificados e a marcação rítmica:																							
2.1. Acentuar determinado estímulo musical com movimentos locomotores e não locomotores dissociando a ação das diferentes partes do corpo.																							
Alunos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
Indicadores de avaliação																							
1.1.1. Reage rapidamente a um estímulo.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
1.1.2. Realiza o tipo de deslocamento indicado pelo professor.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
1.1.3. Calcula rápida e corretamente as operações indicadas pelo professor.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
1.1.4. Reage rapidamente à instrução dada.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
1.1.5. Junta-se a um grupo formado com o número correto de elementos, deslocando-se conforme a instrução antes de o professor acabar de dar a instrução seguinte.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
1.1.6. Reage autonomamente ao comando do professor.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
1.1.7. Realiza o exercício de acordo com a instrução inicial.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
2.1.1. Reproduz os movimentos anteriormente definidos;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
2.1.2. Coordena partes do corpo, que estão com movimentos diferentes;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
2.1.3. Reproduz os movimentos respeitando o ritmo;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
2.1.4. Reproduz os movimentos respeitando o andamento;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
2.1.5. Coordena o seu movimento com o dos colegas;	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

**ANEXO I. HORÁRIOS 2.º CEB**  
**TURMA A**

	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex
8:15 - 9:00			MAT (T) D206		
9:00 - 09:45	HGP (T) A204	EDM (P) C106	ING (T) D206	ING (T) A103	PORT (T) A103
09:45 - 10.10					
10:10 - 10:55					MAT (T) G101
10:55 - 11:40	MAT (T) D204	PORT (T) D203	EDV (T) A203	PORT (T) A103	EDF (P) GIN2
11:40 - 11:55					
11:55 - 12:40	AE-1 (T) D204	AE-2 (T) A202	HGP (T) A206	CNA (T/P) D102	EMRC (T) C106
12:40 - 13:25			EC (T) A206		
13:25 - 13:45					
13:45 - 14:30	CNA (T/P) D108	ETL (T) A203			ATE AE-5 (T) C206
14:30 - 15:15				MAT (T) C206	ATE
15:15 - 15:30					
15:30 - 16:15		AE-3 (T) D207		AE-4 (T) A203	
16:15 - 17:00	EDF (P) GIN2				
17:05 - 17:50					
17:50 - 18:35					

## Turma B

	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex
8:15 - 9:00	EC (T) D205				
9:00 - 09:45	CNA (T/P) D205	PORT (T) D206	PORT (T) D201	CNA (T/P) D106	ING (T) D203
09:45 - 10.10					
10:10 - 10:55					
10:55 - 11:40	EDF (P) GIN3	MAT (T) C204	EDM (P) C106	ETL (T) A106	PORT (T) D201
11:40 - 11:55					
11:55 - 12:40	AE-1 (T) D203	HGP (T) A207	MAT (T) D202	AE-4 (T) A203	EDF (P) GIN3
12:40 - 13:25			ING (T) D202		
13:25 - 13:45					
13:45 - 14:30	ATE AE-2 (T) SGIN5				EMRC (T) C209
14:30 - 15:15	ATE	EDV (T) A106		MAT (T) D204	MAT (T) C209
15:15 - 15:30					
15:30 - 16:15		AE-3 (T) D207			AE-5 (T) A207
16:15 - 17:00				HGP (T) D204	
17:05 - 17:50					
17:50 - 18:35					

## ANEXO J. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA 2.ºCEB - PORTUGUÊS

Os dados seguintes foram recolhidos por observação direta. Nesse sentido, não houve oportunidade de obter dados de todos os alunos porque não foi possível ouvir todos os alunos a ler em voz alta.

Tabela J1. Avaliação da competência de leitura dos alunos da turma A

Objetivo Geral	Objetivo Específico	Indicador de avaliação	Alunos Turma A																					
			1	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
1. Ler em voz alta textos	1. Ler em voz alta com o tom e a fluência adequada, respeitando a pontuação e de forma expressiva.	1.1. Lê o texto com fluência.	Verde	Azul	Amarelo						Verde	Verde	Amarelo	Verde			Verde	Verde			Verde			
		1.2. Lê o texto com expressividade.	Verde	Azul	Verde						Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde			Verde	Verde			Verde		
		1.3. Lê com um tom adequado.	Verde	Azul	Amarelo						Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde			Verde	Verde			Verde		
		1.4. Respeita a pontuação.	Verde	Azul	Verde						Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde			Verde	Verde			Verde		

Nota: Elaboração própria.

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

Tabela J2. Avaliação da competência de leitura dos alunos da turma B

Objetivo Geral	Objetivo Específico	Indicador de avaliação	Alunos Turma B																				
			1	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
1. Ler em voz alta textos	1. Ler em voz alta com o tom e a fluência adequada, respeitando a pontuação e de forma expressiva.	1.1. Lê o texto com fluência.	Verde	Azul	Amarelo					Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde			Verde	Verde			Verde		
		1.2. Lê o texto com expressividade.	Verde	Azul	Verde					Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde			Verde	Verde			Verde		
		1.3. Lê com um tom adequado.	Verde	Azul	Amarelo					Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde			Verde	Verde			Verde		
		1.4. Respeita a pontuação.	Verde	Azul	Verde					Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde			Verde	Verde			Verde		

Nota: Elaboração própria.

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

## Grelhas de avaliação diagnóstica escrita

Tabela J3. Avaliação da competência de escrita dos alunos da turma A

Objetivo Geral	Objetivo Específico	Indicador de avaliação	Alunos – Turma A																					
			1	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21		
1. Redigir corretamente	1.1. Respeitar as regras de ortografia, de acentuação, de pontuação e os sinais auxiliares de escrita.	1.1.1. Respeita as regras de ortografia.	Verde	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Cinza	Amarelo	Azul	Amarelo	Amarelo	Amarelo		
		1.1.2. Respeita as regras de acentuação.	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Azul	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Cinza	Amarelo	Azul	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	
		1.1.3. Utiliza sinais de pontuação e sinais auxiliares de escrita.	Amarelo	Azul	Amarelo	Vermelho	Vermelho	Azul	Amarelo	Vermelho	Vermelho	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Cinza	Amarelo	Azul	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	
	1. 2. Construir dispositivos de encadeamento lógico, de retoma e de substituição que assegurem a coesão e a continuidade de sentido, nomeadamente substituições por pronomes; ordenação correlativa dos tempos verbais; uso de conectores adequados.	1.2.1. Apresenta dispositivos de encadeamento lógico.	Verde	Azul	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Azul	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Cinza	Amarelo	Azul	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	
		1.2.2. Utiliza conectores discursivos.	Amarelo	Azul	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Azul	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Cinza	Vermelho	Azul	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	
		1.2.3. Recorre mecanismos de coesão (p.e. pronomes).	Verde	Azul	Verde	Vermelho	Amarelo	Azul	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Cinza	Amarelo	Azul	Amarelo	Amarelo	Amarelo	
		1.2.4. Inicia o texto com expressão de abertura.	Verde	Azul	Verde	Vermelho	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	
		1.2.5. Respeita a estrutura do género textual.	Verde	Azul	Verde	Vermelho	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	
		1.2.6. Respeita o tema proposto.	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.2.7. Utiliza uma caligrafia legível.	Verde	Azul	Amarelo	Amarelo	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde



Tabela J4. Avaliação da competência de escrita dos alunos da turma B

Objetivo Geral	Objetivo Específico	Indicador de avaliação	Alunos – 6.º B																					
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
1. Redigir corretamente	1.1. Respeitar as regras de ortografia, de acentuação, de pontuação e os sinais auxiliares de escrita.	1.1.1. Respeita as regras de ortografia.	Amarelo	Cinza	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho	Amarelo	
		1.1.2. Respeita as regras de acentuação.	Verde	Cinza	Vermelho	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Verde
		1.1.3. Utiliza sinais de pontuação e sinais auxiliares de escrita.	Amarelo	Cinza	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Vermelho	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Vermelho
	1.2. Construir dispositivos de encadeamento lógico, de retoma e de substituição que assegurem a coesão e a continuidade de sentido, nomeadamente substituições por pronomes; ordenação correlativa dos tempos verbais; uso de conectores adequados.	1.2.1. Apresenta dispositivos de encadeamento lógico.	Verde	Cinza	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde
		1.2.2. Utiliza conetores discursivos.	Verde	Cinza	Vermelho	Amarelo	Vermelho	Vermelho	Amarelo	Vermelho	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde
		1.2.3. Recorre mecanismos de coesão (p.e. pronomes).	Verde	Cinza	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde
		1.2.4. Inicia o texto com expressão de abertura.	Verde	Cinza	Verde	Amarelo	Amarelo	Cinza	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde
		1.2.5. Respeita a estrutura do género textual.	Verde	Cinza	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.2.6. Respeita o tema proposto.	Verde	Cinza	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde
		1.2.7. Utiliza uma caligrafia legível.	Verde	Cinza	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde



## ANEXO K. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA 2.ºCEB - HGP

Para analisar os dados relativos ao desempenho dos alunos nas fichas de avaliação, analisaram-se as perguntas e associaram-se a uma das competências transversais de HGP- Recolha da Informação, Compreensão de Fenómenos e Comunicação Histórica.

<b>Ficha de Avaliação 1</b>		
<b>Recolha de Informação</b>	<b>Compreensão de Fenómenos</b>	<b>Comunicação</b>
1.1	2	1.2
4	3	2.
5.1	7	5.1
5.2	8.2	
6.1	9.2	
8.1	12.2	
10.1	13	
10.2		
12.1		

<b>Ficha de Avaliação 2</b>		
<b>Recolha de Informação</b>	<b>Compreensão de Fenómenos</b>	<b>Comunicação</b>
I.1.1	I.1.4	I.2.3
I.1.2	I.2.1	I.2.4
I.1.3	I.2.2	
I.2.4	I.2.5	
I.3.1	II.2.1	
I.3.2	II.3.1	
II.1.1	II.4.1	
II.1.2	II.5.1	
II.1.3	II.6	
II.7		

<b>Ficha de Avaliação 3</b>		
<b>Recolha de Informação</b>	<b>Compreensão de Fenómenos</b>	<b>Comunicação</b>
2.2	1.1	2.1
2.3	3.2	2.4
3.1	4	6.3
3.3	5	7.1
6.2	6.1	
	7.2	
	7.3	

De seguida, elaboraram-se tabelas em Excel.

Tabela K1. Dados da ficha de avaliação 1 da turma A

Comp.	Recolha da informação								Compreensão dos fenómenos					Comunicação			Nota final (90)	Nota final (%)
	1.1.	4	5.2.	6.1.	8.1	10.1.	10.2.	12	3	7	8.2.	9.2	13	1.2.	2	5.1.		
Questão	2	10	4	2	3	9	8	6	6	5	15	6	4	4	3	3		
Cotação	2	10	4	2	3	9	8	6	6	5	15	6	4	4	3	3		
1	2	10	4	2	3	9	5	0	6	3	14	6	4	4	3	1.5	75,0	83,3
2																	0,0	0,0
3	*	2	2	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	6,0	6,7
4		2	10	3	2	0	0	8	6	3	11	2	4	3	0	3	63,0	70,0
5		2	10	3	2	3	1	4	2	6	3	9	6	1	2	0	54,0	60,0
6		2	10	4	2	3	9	8	6	6	5	14	6	4	3	3	85,0	94,4
7		1	2	0	0	0	6	0	0	2	0	0	2	0	0	0	13,0	14,4
8		2	10	3	2	0	6	0	0	6	3	6	6	4	0	0	48,0	53,3
9		2	0	0	0	0	1	0	0	2	2	1.5	0	0	0	0	7,0	7,8
10		2	0	0	0	3	4	0	4	2	2	1	2	1	0	0	21,0	23,3
11		0	2	4	0	0	0	0	0	2	2	0	2	0	0	0	12,0	13,3
12		2	10	3	2	3	9	8	6	6	3	14	5	4	0	3	81,0	90,0
13		2	0	4	0	3	9	6	0	4	3	3	2	4	0	1.5	40,0	44,4
14		1	6	3	2	3	3	4	0	6	5	12	4	4	4	0	58,0	64,4
15		1	6	4	0	0	1	3	0	4	2	6	4	1	0	0	33,0	36,7
16																	0,0	0,0
17		1	2	4	0	3	1	4	0	2	3	6	0	1	0	0	27,0	30,0
18		2	10	4	0	0	3	0	0	2	3	5	6	1	0	0	36,0	40,0
19		2	10	4	2	3	7	6	6	2	3	13	4	2	4	0	70,0	77,8
20		1	6	0	0	3	7	0	3	4	3	3	0	4	0	1.5	34,0	37,8
21		2	6	3	2	0	9	4	0	6	4	9	2	2	4	0	53,0	58,9
Pont obtida	31,0	112,0	50,0	18,0	30,0	85,0	60,0	33,0	76,0	52,0	126,0	59,0	41,0	24,0	9,0	10,0	38,9	43,2
Pont máxima	38	190	76	38	57	171	152	114	114	95	285	114	76	76	57	57		
Taxa de sucesso	81,6	58,9	65,8	47,4	52,6	49,7	39,5	28,9	66,7	54,7	44,2	51,8	53,9	31,6	15,8	17,5		
Taxa de sucesso/competência	50,1								51,8					22,6				

\* testes adaptados

Nota: Elaboração própria.

Tabela K2. Dados da ficha de avaliação 2 da turma A

Comp.	Questão	Recolha da informação									Compreensão de fenómenos									Comunicação		Nota final (100)	Nota final (%)
		1.1.	1.2.	1.3.	3.1.	3.2.	1.1.	1.2.	1.3.	7	1.4.	2.1.	2.2.	2.5.	2.1.	3.1.	4.1.	5.1.	6	2.3.	2.4.		
	Cotação	4	4	6	4	3	8	6	3	6	3	5	3	6	9	5	4	3	6	6	6		
1		4	4	6	4	3	6	6	3	4	3	5	3	6	9	6	5	3	6	6	6	98,0	98,0
3		2	-	-	5	-	2	2	-	2	-	6	0	-	4	6	0	5	8	5	0	47,0	47,0
4		2	4	6	4	3	8	0	0	4	0	5	3	4	9	6	5	3	5	3	6	80,0	80,0
5		2	4	5	1	3	6	3	3	3	0	5	2	2	2	2	0	0	3	2	3	51,0	51,0
6		4	4	6	4	3	8	6	3	6	3	5	3	6	9	5	4	3	5	6	6	99,0	99,0
7		8	-	-	0	-	0	0	-	3	-	2	5	-	0	8	0	5	8	0	0	39,0	39,0
8		2	4	1	1	0	4	0	0	6	0	1	0	0	4	4	3	0	6	1	0	37,0	37,0
9		0	0	3	1	0	0	0	0	3	0	0	0	0	2	0	3	5	0	0	0	17,0	17,0
10		6	-	-	0	-	0	0	-	0	-	2	5	-	4	2	0	5	8	5	4	41,0	41,0
11		2	4	5	0	0	4	3	0	3	0	0	3	0	0	1	0	3	2	0	0	30,0	30,0
12		4	4	6	4	3	6	6	3	6	3	5	3	6	9	4	4	3	6	6	6	97,0	97,0
13		4	4	6	4	3	8	3	3	3	3	5	3	0	9	5	0	3	6	6	5	83,0	83,0
14		4	4	6	4	3	8	6	3	3	3	5	3	6	6	5	3	3	6	6	6	93,0	93,0
15		2	2	6	3	3	0	6	3	3	0	1	3	2	3	3	0	3	4	6	2	55,0	55,0
17		0	4	6	3	0	4	0	0	3	0	2	3	0	8	5	1	3	5	6	3	56,0	56,0
18		2	4	5	4	3	4	3	0	0	0	3	0	0	6	1	0	3	6	2	3	49,0	49,0
19		4	4	6	4	3	8	3	3	6	3	5	3	0	6	5	1	3	4	6	5	82,0	82,0
20		2	4	6	4	3	6	3	3	3	0	3	0	0	6	5	1	0	4	0	0	53,0	53,0
21		2	4	6	4	3	8	6	3	6	3	5	3	6	9	5	1	3	6	5	5	93,0	93,0
Pont obtida		56,0	58,0	85,0	54,0	36,0	90,0	56,0	30,0	67,0	21,0	65,0	45,0	38,0	103,0	80,0	28,0	54,0	103,0	71,0	60,0		
Pont máxima		76	76	114	76	57	152	114	57	114	57	95	57	114	171	95	76	57	114	114	114		
Taxa de sucesso		73,7	76,3	74,6	71,1	63,2	59,2	49,1	52,6	58,8	36,8	68,4	78,9	33,3	60,2	84,2	36,8	94,7	90,4	62,3	52,6	57,1	57,1
Taxa de sucesso/competência		63,6									64,2									57,5			

\* testes adaptados

Nota: Elaboração própria.

Tabela K3. Dados da ficha de avaliação 3 da turma A

Comp.		Recolha da informação											Comunicação				Nota final (73)	Nota final (%)	
Questão		2.2.	2.3.	3.1.	3.3.	6.2.	1.1.	3.2.	4	5	6.1.	7.2.	7.3.	2.1.	2.4.	6.3.			7.1.
Cotação		3	4	2	2	4	8	3	9	3	3	6	14	4	2	3	3		
1		2	4	1,5	2	2	6	0	8	3	0	3,5	14	3	2	2	0	53,0	72,6
3	*	5	0	2	4	-	3	0	1	2	0	3	9	2	-	0	-	31,0	42,5
4		3	4	2	2	4	7	0	8	3	2	4,5	14	4	2	0	1,5	61,0	83,6
5		2	0	0	2	0	4	0	5	3	0	0,5	7	4	0	1,5	0	29,0	39,7
6		3	4	1	2	4	7	0	8	3	3	5,5	14	2	2	3	3	64,5	88,4
7	*	0	0	0	4	-	7	0	0	0	0	6	1	1	-	0	-	19,0	26,0
8		3	0	1	2	4	6	0	8	2	0	1,5	9	0	0	0	0	36,5	50,0
9		2	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	9	0	0	0	0	14,0	19,2
10		5	0	1	4	-	5	0	2	4	0	1	1	0	-	0	-	23,0	31,5
11		0	0	1	2	0	5	0	0	3	0	1,5	10	1	0	0	0	23,5	32,2
12		2	4	2	2	4	8	0	5	3	3	5	14	4	2	3	3	64,0	87,7
13		3	0	2	2	4	4	2,5	8	3	0	4,5	14	2	2	3	3	57,0	78,1
14		2	4	0	2	4	6	0	7	2	0	5	14	4	2	1,5	3	56,5	77,4
15		3	0	1	2	0	5	0	6	3	3	3	10	0	2	0	0	38,0	52,1
17		0	0	1	2	0	4	0	2	1	0	2	8	1	0	0	0	21,0	28,8
18		2	0	0	2	0	4	0	5	2	0	2,5	1	0	0	0	0	18,5	25,3
19		1	0	2	2	4	6	0	6	2	0	3	14	0	2	3	0	45,0	61,6
20		2	0	1	2	4	4	0	5	2	0	2	13	0	2	0	0	37,0	50,7
21		2	4	1,5	2	0	2	0	2	3	3	0	10	4	2	0	0	35,5	48,6
<b>Pont obtida</b>		<b>42,0</b>	<b>24,0</b>	<b>20,0</b>	<b>44,0</b>	<b>34,0</b>	<b>94,0</b>	<b>2,5</b>	<b>86,0</b>	<b>44,0</b>	<b>14,0</b>	<b>54,0</b>	<b>186,0</b>	<b>32,0</b>	<b>20,0</b>	<b>17,0</b>	<b>13,5</b>	<b>34,6</b>	<b>47,4</b>
<b>Pont máxima</b>		<b>57</b>	<b>76</b>	<b>38</b>	<b>38</b>	<b>76</b>	<b>152</b>	<b>57</b>	<b>171</b>	<b>57</b>	<b>57</b>	<b>114</b>	<b>266</b>	<b>76</b>	<b>38</b>	<b>57</b>	<b>57</b>		
<b>Taxa de sucesso</b>		<b>73,7</b>	<b>31,6</b>	<b>52,6</b>	<b>115,8</b>	<b>44,7</b>	<b>61,8</b>	<b>4,4</b>	<b>50,3</b>	<b>77,2</b>	<b>24,6</b>	<b>47,4</b>	<b>69,9</b>	<b>42,1</b>	<b>52,6</b>	<b>29,8</b>	<b>23,7</b>		
<b>Taxa de sucesso/</b>		<b>57,5</b>					<b>55,0</b>						<b>36,2</b>						

\* testes adaptados

Nota: Elaboração própria.

Tabela K4. Dados da ficha de avaliação 1 da turma B

Comp.	Recolha da informação								Compreensão dos fenómenos					Comunicação			Nota final (90)	Nota final (%)
Questão	1.1.	4	5.2.	6.1.	8.1	10.1.	10.2.	12	3	7	8.2.	9.2	13	1.2.	2	5.1.		
Cotação	2	10	4	2	3	9	8	6	6	5	15	6	4	4	3	3		
1	2	6	4	2	3	9	8	0	6	5	12,5	6	4	4	3	1,5	76,0	84,4
3	2	8	0	0	-	-	-	-	4	2	-	-	-	0	4	8	28,0	31,1
4	2	6	4	2	3	0	8	2	6	5	11	6	4	4	3	1,5	67,5	75,0
5	2	10	3	0	0	0	8	0	2	2	0	0	0	0	0	1	28,0	31,1
6	1	10	4	2	3	1	3	0	6	3	4	2	2	0	3	1,5	45,5	50,6
7	2	6	4	0	3	8	1	0	6	4	3	4	4	4	3	1	53,0	58,9
8	2	2	0	0	0	3	4	0	2	2	0	0	2	2	3	1,5	23,5	26,1
9	2	4	0	0	0	1	1	3	2	0	1	4	4	0	0	0	22,0	24,4
10	2	6	3	0	3	6	8	2	6	5	4	2	4	0	0	0	51,0	56,7
11	2	2	4	2	3	4	1	0	2	4	3	2	4	2	2,5	0	35,0	38,9
12	2	10	4	2	3	9	8	2	4	5	7,5	6	4	4	3	1,5	75,0	83,3
13	2	10	3	2	3	9	8	3	6	5	14,5	6	4	4	3	3	85,5	95,0
14	2	6	3	2	0	4	3	0	4	3	5	2	0	0	3	0	37,0	41,1
15	2	6	3	2	9	0	7	0	2	3	9	4	0	4	3	1,5	55,5	61,7
16	2	6	4	0	0	8	7	0	6	2	7	6	4	0	6	1,5	59,5	66,1
17	1	6	0	2	0	3	4	2	6	2	4	4	2	0	0	0	36,0	40,0
18	2	6	0	0	3	1	3	3	2	2	6	0	0	2	2	0	32,0	35,6
19	0	8	5	10	-	-	-	-	0	0	-	-	-	0	4	4	31,0	34,4
20	2	10	3	2	3	3	4	0	2	3	9	4	2	4	3	1,5	55,5	61,7
21	2	6	4	0	0	6	5	2	2	2	8	2	1	2	0	3	45,0	50,0
22	1	6	4	2	0	0	4	2	4	3	8	2	2	2	0	3	43,0	47,8
<b>Pont obtida</b>	<b>37,0</b>	<b>140,0</b>	<b>59,0</b>	<b>32,0</b>	<b>39,0</b>	<b>75,0</b>	<b>95,0</b>	<b>21,0</b>	<b>80,0</b>	<b>62,0</b>	<b>116,5</b>	<b>62,0</b>	<b>47,0</b>	<b>38,0</b>	<b>46,0</b>	<b>35,0</b>	<b>46,9</b>	<b>52,1</b>
<b>Pont máxima</b>	<b>42</b>	<b>210</b>	<b>84</b>	<b>42</b>	<b>63</b>	<b>189</b>	<b>168</b>	<b>126</b>	<b>126</b>	<b>105</b>	<b>315</b>	<b>126</b>	<b>84</b>	<b>84</b>	<b>63</b>	<b>63</b>		
<b>Taxa de sucesso</b>	<b>88,1</b>	<b>66,7</b>	<b>70,2</b>	<b>76,2</b>	<b>61,9</b>	<b>39,7</b>	<b>56,5</b>	<b>16,7</b>	<b>63,5</b>	<b>59,0</b>	<b>37,0</b>	<b>49,2</b>	<b>56,0</b>	<b>45,2</b>	<b>73,0</b>	<b>55,6</b>		
<b>Taxa de sucesso/competência</b>	<b>53,9</b>								<b>48,6</b>					<b>56,7</b>				
<b>* testes adaptados</b>																		

Nota: Elaboração própria.

Tabela K5. Dados da ficha de avaliação 2 da turma B

Comp.	Recolha da informação									Compreensão de fenômenos									Comunicação		Nota final (100)	Nota final (%)
	1.1.	1.2.	1.3.	3.1.	3.2.	1.1.	1.2.	1.3.	7	1.4.	2.1.	2.2.	2.5.	2.1.	3.1.	4.1.	5.1.	6	2.3.	2.4.		
<b>Cotação</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>6</b>		
1	4	4	6	4	3	4	6	3	6	3	5	3	6	9	5	4	3	6	6	6		
3	2	-	-	0	-	0	4	-	3	-	10	0	-	-	10	4	5	12	0	0		
4	2	4	5	4	3	2	3	3	6	0	5	3	4	0	0	2	3	4	2	6		
5	2	4	3	0	3	6	6	3	3	3	5	0	6	9	5	0	3	3	0	0		
6	2	4	4	1	0	2	6	3	4	3	2	3	4	0	5	3	0	4	0	0		
7	2	4	5	4	0	2	3	3	6	3	1	3	4	6	5	2	3	5	4	0		
8	2	4	5	4	3	0	3	0	6	0	1	3	0	9	5	1	0	3	4	3		
9	0	0	2	1	0	2	0	3	1	0	3	3	0	9	2	0	0	4	4	0		
10	2	4	5	4	3	2	3	3	3	0	5	3	2	3	5	0	3	6	4	0		
11	2	4	5	4	3	2	3	3	3	3	5	0	0	0	5	0	0	6	6	0		
12	2	4	6	4	3	8	6	3	6	3	5	0	4	6	5	4	3	4	6	6		
13	2	4	6	4	3	8	6	3	6	3	5	3	6	9	4	4	3	6	6	6		
14	2	4	6	4	0	2	3	3	6	0	1	3	0	9	5	4	0	3	6	3		
15	4	4	6	4	0	0	3	3	6	3	3	3	4	6	0	2	3	5	6	3		
16	2	4	5	1	4	0	6	3	6	3	5	3	0	9	5	4	0	6	6	3		
17	4	4	6	4	3	4	3	3	6	3	0	3	5	6	0	3	0	6	6	4		
18	2	2	3	0	3	0	6	3	6	0	1	3	0	6	5	0	0	5	2	0		
19	6	-	-	0	-	2	0	-	0	-	10	5	-	-	10	0	5	6	0	0		
20	2	2	5	1	3	6	3	3	3	2	1	0	4	6	3	1	3	4	0	0		
21	2	4	5	3	0	0	6	3	6	0	2	0	2	6	3	2	0	4	6	0		
22	2	4	5	4	3	0	3	3	6	3	5	3	4	6	5	3	3	6	4	6		
<b>Pont obtida</b>	<b>50,0</b>	<b>68,0</b>	<b>93,0</b>	<b>55,0</b>	<b>40,0</b>	<b>52,0</b>	<b>82,0</b>	<b>54,0</b>	<b>98,0</b>	<b>35,0</b>	<b>80,0</b>	<b>47,0</b>	<b>55,0</b>	<b>114,0</b>	<b>92,0</b>	<b>43,0</b>	<b>40,0</b>	<b>108,0</b>	<b>78,0</b>	<b>46,0</b>		
<b>Pont máxima</b>	<b>84</b>	<b>84</b>	<b>126</b>	<b>84</b>	<b>63</b>	<b>168</b>	<b>126</b>	<b>63</b>	<b>126</b>	<b>63</b>	<b>105</b>	<b>63</b>	<b>126</b>	<b>189</b>	<b>105</b>	<b>84</b>	<b>63</b>	<b>126</b>	<b>126</b>	<b>126</b>		
<b>Taxa de sucesso</b>	<b>59,5</b>	<b>81,0</b>	<b>73,8</b>	<b>65,5</b>	<b>63,5</b>	<b>31,0</b>	<b>65,1</b>	<b>85,7</b>	<b>77,8</b>	<b>55,6</b>	<b>76,2</b>	<b>74,6</b>	<b>43,7</b>	<b>60,3</b>	<b>87,6</b>	<b>51,2</b>	<b>63,5</b>	<b>85,7</b>	<b>61,9</b>	<b>36,5</b>		
<b>Taxa de sucesso/competência</b>	<b>64,1</b>									<b>66,5</b>									<b>49,2</b>		<b>63,3</b>	<b>63,3</b>

\* testes adaptados

Nota: Elaboração própria.

Tabela K6. Dados da ficha de avaliação 3 da turma B

Comp.	Recolha da informação											Comunicação				Nota final (73)	Nota final (%)	
Questão	2.2.	2.3.	3.1.	3.3.	6.2.	1.1.	3.2.	4	5	6.1.	7.2.	7.3.	2.1.	2.4.	6.3.			7.1.
Cotação	3	4	2	2	4	8	3	9	3	3	6	14	4	2	3	3		
1	1	4	0	2	4	7	0	8	3	0	5.5	13	4	2	0	3	51,0	69,9
3	2	0	1	4	-	5	0	0	2	0	0	1	8	-	0	-	23,0	31,5
4	3	4	2	2	4	4	0	6	3	0	4	10	4	1	0	0	47,0	64,4
5	3	0	0	0	0	3	0	0	1	0	0.5	4.5	0	0	0	0	7,0	9,6
6	0	0	2	1	-	7	0	6	2	0	4	5	2	-	1.5	-	29,0	39,7
7	1.5	4	1	2	0	5	0	5	3	0	1.5	13	1.5	0	1	0	34,0	46,6
8	3	0	1	2	2	3	0	0	3	0	1.5	9	0	0	0	0	23,0	31,5
9	0	0	1	2	0	1	0	0	2	0	1	1	0	0	0	0	8,0	11,0
10	3	0	0	2	0	3	0	0	3	0	2	8.5	1	0	3	0	17,0	23,3
11	0	0	1	4	-	3	0	0	6	0	3	5	0	-	0	-	22,0	30,1
12	3	4	1	2	4	7	0	8	3	0	4.5	14	3	1	1.5	0	50,0	68,5
13	3	4	2	2	4	7.5	0	8	3	3	6	14	3.5	2	3	3	57,0	78,1
14	1.5	4	2	2	2	3	0	5	3	0	2.5	12	2	0	0	0	35,0	47,9
15	0	0	0	2	0	4	0	8	2	3	2	8.5	2	1	0	0	24,0	32,9
16	1	3	1	2	2	4	0	6	3	0	2.5	14	2	0	2	3	43,0	58,9
17	3	0	1	2	2	8	0	6	3	0	5.5	14	1	1	0	0	41,0	56,2
18	3	0	1	2	0	2	0	5	3	0	1.5	4	1	0	0	0	21,0	28,8
19	5	4	1	4	-	6	0	0	2	0	3	8	0	-	0	-	33,0	45,2
20	1.5	4	2	2	0	4	0	7	3	1	5.5	12	3	2	0	0	40,0	54,8
21	1.5	2	1	2	4	2	0	5	2	0	1	10.5	0	0	0	0	19,0	26,0
22	1.5	0	2	2	2	6	0	8	3	0	6	14	4	1	0	0	48,0	65,8
<b>Pont obtida</b>	<b>33,0</b>	<b>37,0</b>	<b>23,0</b>	<b>45,0</b>	<b>30,0</b>	<b>87,0</b>	<b>0,0</b>	<b>91,0</b>	<b>58,0</b>	<b>7,0</b>	<b>32,0</b>	<b>163,0</b>	<b>37,0</b>	<b>11,0</b>	<b>9,0</b>	<b>9,0</b>	<b>32,0</b>	<b>43,8</b>
<b>Pont máxima</b>	<b>63</b>	<b>84</b>	<b>42</b>	<b>42</b>	<b>84</b>	<b>168</b>	<b>63</b>	<b>189</b>	<b>63</b>	<b>63</b>	<b>126</b>	<b>294</b>	<b>84</b>	<b>42</b>	<b>63</b>	<b>63</b>		
<b>Taxa de sucesso</b>	<b>52,4</b>	<b>44,0</b>	<b>54,8</b>	<b>107,1</b>	<b>35,7</b>	<b>51,8</b>		<b>48,1</b>	<b>92,1</b>	<b>11,1</b>	<b>25,4</b>	<b>55,4</b>	<b>44,0</b>	<b>26,2</b>	<b>14,3</b>	<b>14,3</b>		
<b>Taxa de sucesso/competência</b>	<b>59,5</b>					<b>45,3</b>					<b>26,2</b>							

\* testes adaptados

Nota: Elaboração própria.

## Análise dos dados das fichas de avaliação

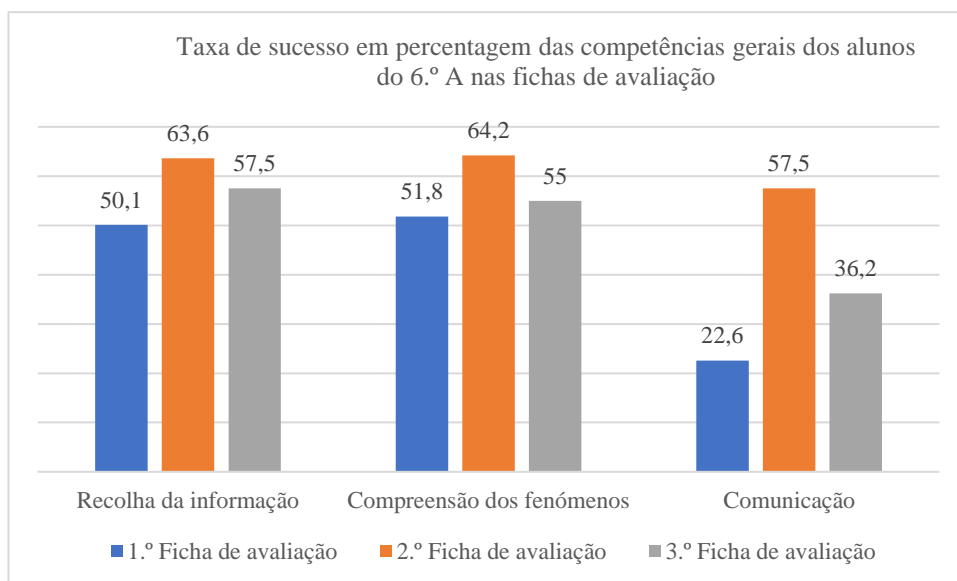


Figura K1. Taxa de sucesso em percentagem das competências gerais dos alunos da turma A nas fichas de avaliação. Elaboração própria a partir das grelhas apresentadas anteriormente em Excel.

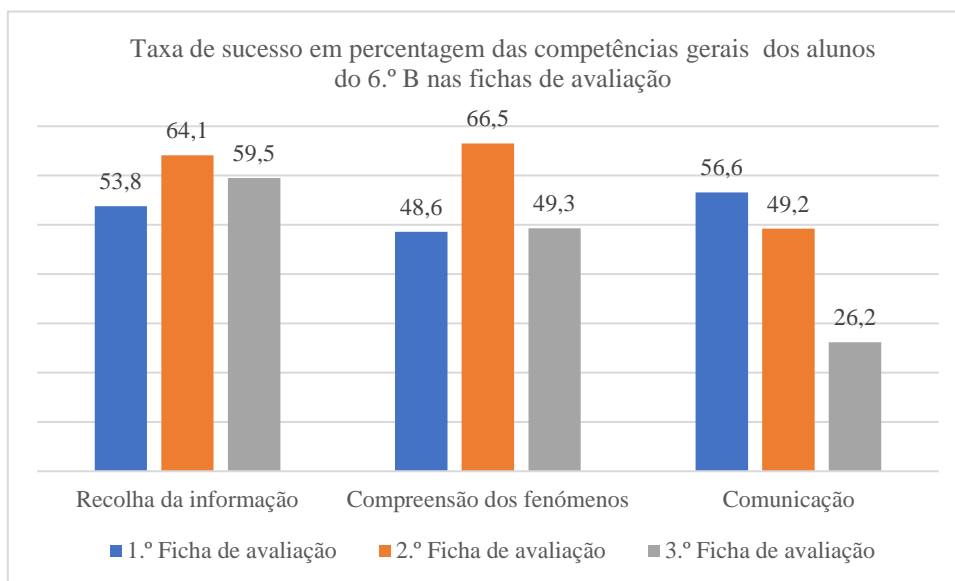


Figura K2. Taxa de sucesso em percentagem das competências gerais dos alunos do 6.º B nas fichas de avaliação. Elaboração própria a partir das grelhas apresentadas anteriormente em Excel.

Analisando as figuras K1 e K2 é possível verificar que a taxa de sucesso em cada uma das competências das duas turmas varia muito de ficha para ficha de avaliação. Este facto pode justificar-se pelas diferenças entre as questões e dificuldade dos vários instrumentos de avaliação. Se se realizar uma média das taxas de sucesso de cada competência nos três testes (Tabela K1), constata-se que, na turma A, a taxa de sucesso

mais baixa é a da competência de Recolha de Informação, enquanto na turma B é a competência da Comunicação Histórica.

Tabela K7. Média das taxas de sucesso das competências gerais dos alunos das turmas A e B

Competência	Média das taxas de sucesso nas três fichas de avaliação	
	Turma A	Turma B
Recolha da informação	41,5	53
Compreensão dos fenómenos	61,8	59,9
Comunicação	49,6	45

Nota: Elaboração própria

## ANEXO L. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA 2.ºCEB – COMPETÊNCIAS SOCIAIS

Tabela L1. Avaliação das competências sociais dos alunos da turma A

Objetivo Geral	Objetivo Específico	Indicador de avaliação	Alunos – 6.º A																					
			1	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	17	18	19	20	21			
1. Cumprir as regras estabelecidas.	1.1. Respeitar os seus deveres de aluno.	1.1.1. É pontual.	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde		
		1.1.2. É assíduo.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	
		1.1.3. Traz o material necessário para a aula.	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.5.1. Realiza a atividade proposta	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	1.2. Participar de forma adequada.	1.2.1. Participa espontaneamente	Verde	Amarelo	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Amarelo	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Verde	Vermelho	Verde
		1.2.2. Participa quando solicitado.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.2.3. Participa de forma pertinente.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	1.3. Respeitar as regras de interação discursiva	1.3.1. Pede a palavra	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.3.2. Aguarda a vez	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	1.4. Respeitar o outro.	1.4.1. Respeita os colegas	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.4.2. Cooperar com os colegas.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde

Nota: Elaboração própria.

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

Tabela L2. Avaliação das competências sociais dos alunos da turma B

Objetivo Geral	Objetivo Específico	Indicador de avaliação	Alunos – 6.º B																					
			1	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
1. Cumprir as regras estabelecidas.	1.1. Respeitar os seus deveres de aluno.	1.1.1. É pontual.	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Vermelho	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	
		1.1.2. É assíduo.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.1.3. Traz o material necessário para a aula.	Verde	Vermelho	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.1.4. Realiza a atividade proposta.	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	1.2. Participar de forma adequada.	1.2.1. Participa espontaneamente.	Verde	Vermelho	Vermelho	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Verde	Amarelo	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Amarelo	Vermelho
		1.2.2. Participa quando solicitado.	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.2.3. Participa de forma pertinente.	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	1.3. Respeitar as regras de interação discursiva	1.3.1. Pede a palavra.	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.3.2. Aguarda a vez.	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
	1.4. Respeitar o outro.	1.4.1. Respeita os colegas.	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
		1.4.2. Cooperar com os colegas.	Verde	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul

Nota: Elaboração própria

**Legenda:** Vermelho – Não/Nunca; Amarelo – Às vezes/ com dificuldades; Verde – Sim; Azul – Não observado/ não se aplica

## ANEXO M. QUESTIONÁRIO INICIAL

**Escola Básica 2,3 PDC**  
**História e Geografia de Portugal**  
**Guião de Questionário**

<b>Objetivos</b>	<b>Questões</b>
A. Definir o conceito de “história”.	1. O que é a história? 2. Para que serve a história?
B. Conhecer os gostos e preferências em relação à disciplina de HGP.	3. Gostas de História e Geografia de Portugal? 4. O que mais gostas de estudar na disciplina de História e Geografia de Portugal?
C. Identificar as metodologias e recursos mais motivadores para a sua aprendizagem.	5. qual a importância de aprender história e geografia de Portugal? 6. Qual é o modo de ensinar do professor que mais gostas? 7. Se pudesses escolher os materiais que a professora utiliza para dar as aulas de História quais escolhias? 8. Gostas de participar e falar para a turma nas aulas de História?

**Escola Básica 2,3 PDC**  
**História e Geografia de Portugal**  
**Questionário**

Lê com atenção todas as perguntas e responde de forma sincera, pois só assim poderás contribuir de forma positiva para o nosso trabalho! Bom Trabalho 😊

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: Masculino  Feminino

**1. Para ti, o que é a História?**

---

---

---

---

---

**2. Com um X escolhe as três frases que achas serem mais corretas.**

A História e Geografia de Portugal serve para:

- Identificar costumes de outros povos.
- Conhecer os acontecimentos passados e relacioná-los com o presente.
- Valorizar a cultura dos povos.
- Conhecer melhor o país e o mundo.
- Compreender as raízes dos nossos antepassados.
- Entender melhor o mundo em que vivemos.
- Formar cidadãos mais conscientes e autónomos.
- Compreender o passado.

**3. Gostas da disciplina “História e Geografia de Portugal”?**

- Sim
- Não

**4. O que mais gostas de estudar na disciplina de História e Geografia de Portugal?**  
(Assinala apenas uma opção).

Temas ligados:

- à formação do Reino (Afonso Henriques).
- aos descobrimentos.
- às batalhas e conquistas.
- à vida cultural.
- às transformações económicas e sociais.
- às mudanças políticas que aconteceram no nosso país.
- à biografia de personagens importantes.
- a outros assuntos:

Refere quais. \_\_\_\_\_

**5. Consideras que saber História e Geografia de Portugal é:**

- Pouco importante.
- Importante.
- Muito importante.

**6. Gostas mais das aulas de História, quando:** (Assinala duas opções).

- o professor explica a matéria.
- tens de fazer trabalhos de pesquisa.
- realizas trabalhos de grupo.
- são usados materiais interativos (por exemplo, ver vídeos).
- fazes jogos didáticos nas aulas.

**7. Se pudesses escolher os materiais que a professora utiliza para dar as aulas de História quais preferias:** (Assinala duas opções).

- Vídeos
- Power Point
- Imagens
- Textos/Artigos
- Outro: \_\_\_\_\_

**8. Gostas de participar e falar para a turma nas aulas de História?**

- Sim, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- Não, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

***Obrigada pela colaboração!***

## ANEXO N. OBJETIVOS E ESTRATÉGIAS GERAIS DE INTERVENÇÃO 2º CEB

Tabela N1. *Objetivos e estratégias gerais de intervenção do 1.º CEB*

<b>Objetivos gerais</b>	<b>Competências gerais</b>	<b>Estratégias</b>
1. Desenvolver a compreensão oral	Compreensão do oral Registo e tratamento de informação escutada Identificação da informação essencial	- Visualização de vídeos e/ou audição de ficheiros áudio com realização de guiões de compreensão - Incentivo à tomada de notas
2. Desenvolver a competência de escrita e de compreensão leitora	Competência escrita Competência de compreensão leitora (compreensão crítica, inferencial, literal, significado, reorganização)	<b>Escrita</b> - Planificação, textualização e revisão textual - Escrita colaborativa - Melhoramento de textos em coletivo - Investimento nas dificuldades dos alunos (pontuação e ortografia) com a realização de fichas explorativas desse conteúdo - Circuito de comunicação – apresentação dos textos aos colegas; - Auto e heteroavaliação sobre os textos escritos; <b>Compreensão leitora</b> - Atividades antes, durante e depois da leitura - Guiões de compreensão com todas as dimensões de compreensão leitora <b>CEL</b> - Investimento nas dificuldades dos alunos com a realização de fichas desse conteúdo;
3. Melhorar os níveis de motivação para HGP	Participação espontânea Motivação para realizar atividades extra sala de aula	- Seleção dos recursos didáticos escolhidos pelos alunos nos questionários realizados; - Promoção de diálogos em grande grupo; - Sínteses no final de cada sessão.
Outras competências sociais e de aprendizagem a desenvolver	Comunicação histórica Compreensão de fenómenos Recolha da informação	- participação ativa dos alunos nas diversas atividades; - integração curricular. - conhecimentos prévios - interesses dos alunos

Nota: Elaboração própria

## ANEXO O. INDICADORES DE AVALIAÇÃO 2º CEB

Tabela O1. *Indicadores de avaliação do 2.ºCEB*

<b>Objetivos Gerais</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>	<b>Instrumentos de avaliação</b>
1. Desenvolver competências no domínio da compreensão oral.	<p>Toma notas.</p> <p>Preenche grelhas de registo</p> <p>Sintetiza enunciados ouvidos.</p> <p>Faz deduções e inferências.</p> <p>Manifesta, justificando, a reação pessoal ao texto ouvido.</p>	<p>Grelhas de registo de observação</p> <p>Fichas formativas e sumativas</p> <p>Produções dos alunos</p>
2. Desenvolver a competência de escrita e de compreensão leitora.	<p>Resume textos narrativos e expositivos/informativos</p> <p>Organiza a informação segundo a categoria e o género indicados.</p> <p>Respeita as regras de ortografia</p> <p>Respeita as regras de pontuação e os sinais auxiliares de escrita</p> <p>Respeita a estrutura do género textual</p> <p>Exprime uma opinião crítica a respeito de ações das personagens ou de outras informações que possam ser objeto de juízos de valor.</p> <p>Justifica a sua opinião a respeito de um texto ou parte dele.</p>	<p>Grelhas de registo de observação</p> <p>Fichas formativas e sumativas</p> <p>Produções dos alunos</p> <p>Auto e heteroavaliação</p>
3. Melhorar os níveis de motivação para HGP.	<p>Realiza as atividades na aula.</p> <p>Participa espontaneamente na aula.</p> <p>Realiza o trabalho de casa proposto.</p> <p>Exprime opinião a respeito das estratégias utilizadas em aula.</p>	<p>Grelhas de registo de observação</p> <p>Fichas formativas e sumativas</p> <p>Autoavaliação</p>

## ANEXO P. QUESTIONÁRIO FINAL

Escola Básica 2,3 PDC  
História e Geografia de Portugal  
Questionário

Lê com atenção todas as perguntas e responde de forma sincera, pois só assim poderás contribuir de forma positiva para o nosso trabalho! Bom Trabalho 😊

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: Masculino  Feminino

### 1. Dos métodos utilizados nas aulas de HGP qual foi o que gostaste mais?

Vídeo  Power Point

Porquê?

---

---

### 2. Consideras que estes métodos são mais motivadores para aprender?

Sim  
 Não

Porquê?

---

---

### 3. As questões iniciais e os esquemas síntese ajudaram-te a organizar as ideias relacionadas com os temas abordados?

Sim  
 Não

**4. Participaste muitas vezes nas aulas?**

- Participei muito.
- Participei pouco.
- Não participei.

**5. As aulas ajudaram-te:**

- A gostar mais de HGP.
- A gostar menos de HGP.
- Não mudou nada, já gostava.
- Não mudou nada, continuo a não gostar.

**6. Com um X escolhe as três frases que achas serem mais corretas.**

A História e Geografia de Portugal serve para:

- Identificar costumes de outros povos.
- Conhecer os acontecimentos passados e relacioná-los com o presente.
- Valorizar a cultura dos povos.
- Conhecer melhor o país e o mundo.
- Compreender as raízes dos nossos antepassados.
- Entender melhor o mundo em que vivemos.
- Formar cidadãos mais conscientes e autónomos.
- Compreender o passado.

***Obrigada pela colaboração!***

## ANEXO Q. DADOS DA PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS

### Turma A

Tabela Q1. *Dados da participação dos alunos da turma A*

<b>Alunos Aula</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>17</b>	<b>18</b>	<b>19</b>	<b>20</b>	<b>21</b>
<b>19/04/2017</b>	Green	Yellow	Green	Red	Green	Green	Green	Green	Yellow	Yellow	Blue	Yellow	Green	Green	Red	Yellow	Green	Yellow	Green
<b>24/04/2017</b>	Yellow	Red	Green	Yellow	Green	Green	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Yellow	Yellow	Green	Red	Yellow	Green	Green	Blue
<b>26/04/2017</b>	Green	Red	Green	Yellow	Green	Green	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green
<b>3/05/2017</b>	Yellow	Red	Green	Green	Green	Yellow	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Yellow	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green
<b>8/05/2017</b>	Green	Yellow	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Yellow	Green	Yellow	Green	Green	Yellow	Green
<b>10/05/2017</b>	Yellow	Red	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Yellow	Yellow	Green	Yellow	Yellow	Green	Red	Yellow	Green	Green	Green

## **Turma B**

Tabela Q2. *Dados da participação dos alunos da turma B*

<b>Alunos Aula</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>17</b>	<b>18</b>	<b>19</b>	<b>20</b>	<b>21</b>	<b>22</b>
<b>20/04/2017</b>	Green	Yellow	Yellow	Red	Red	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Red	Yellow	Green	Green	Yellow	Red	Green	Yellow	Yellow
<b>26/04/2017</b>	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Red	Yellow	Green	Green	Green	Yellow	Green	Yellow	Red
<b>27/04/2017</b>	Green	Red	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Yellow	Red	Green	Yellow	Yellow
<b>2/05/2017</b>	Green	Yellow	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Red	Yellow	Green	Green
<b>4/05/2017</b>	Green	Red	Green	Green	Red	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Green
<b>9/05/2017</b>	Green	Yellow	Green	Green	Yellow	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Green	Green	Yellow	Red	Yellow	Green	Green
<b>11/05/2017</b>	Blue	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Yellow	Yellow	Blue	Green	Blue

## ANEXO R. MINIFICHA DE AVALIAÇÃO



**Agrupamento de Escolas**

**E.B. 2,3**

Ano letivo: 2016 / 2017

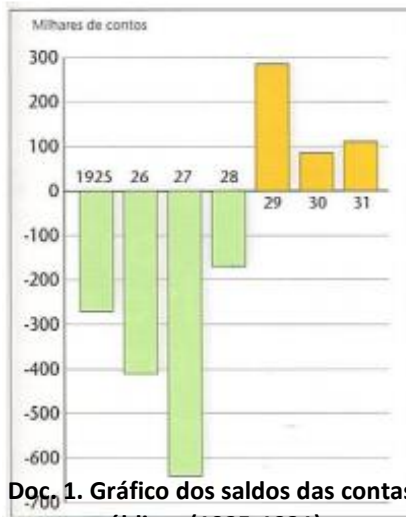
**Minificha de Avaliação – 6º Ano**

NOME: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_

**1. Assinala com X se as afirmações são verdadeiras ou falsas. Corrige as falsas.**

	Verdadeiro	Falso
No final da 1ª República, vivia-se uma situação de grande descontentamento.		
A 1ª República conseguiu a estabilidade necessária ao país.		
A situação económica agravou-se com a subida de preços e a baixa de salários.		
A ditadura militar iniciou-se com um golpe chefiado pelo General Óscar Carmona.		
Este período de ditadura militar prolongou-se de 28 de maio de 1926 até 1933.		

**2. Observa o documento 1 e responde às questões.**



**Doc. 1. Gráfico dos saldos das contas públicas (1925-1931).**

**2.1. O gráfico representa os saldos das contas públicas de 1925 a 1931. O que podes concluir?**

---

---

---

**2.2. Identifica quem era o Ministro das Finanças responsável pela situação representada no gráfico.**

---

---

**2.3. Em 1932, Salazar foi convidado para ser Presidente do Conselho de Ministros. Porquê?**

---

---

---

**3. Completa os espaços em branco com as palavras corretas sobre o início do Estado Novo.**

Após ter atingido o cargo de \_\_\_\_\_, Salazar organizou o Estado de acordo com as suas ideias políticas. Para isso, promoveu uma \_\_\_\_\_, elaborada pelo \_\_\_\_\_, e aprovada em plebiscito, no ano de \_\_\_\_\_. Ficaram, deste modo, estabelecidos quatro órgãos de soberania: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_. Estes órgãos eram controlados, os partidos políticos proibidos e a imprensa sujeita à \_\_\_\_\_. O país continuou num regime de \_\_\_\_\_, que Salazar designou por \_\_\_\_\_.

#### 4. Liga os órgãos às respetivas funções.

A Polícia Política ...	•	•	... era uma organização militarizada que se propunha combater as ameaças contra o Estado.
A Censura ...	•	•	... era uma organização juvenil que procurava inculcar nos jovens os valores do Estado Novo e o culto do chefe.
A Legião Portuguesa ...	•	•	... era uma forma de impedir a circulação de ideias desfavoráveis ao Estado Novo, através do controlo de meios de divulgação (jornais, rádio, revistas, etc.).
A Mocidade Portuguesa ...	•	•	... era um organismo do Estado cuja missão era perseguir e deter todos os indivíduos que se manifestassem contra o regime.
A Propaganda ...	•	•	... era uma forma de moldar a mentalidade da população e de promover os valores e ideais do Estado Novo.

#### 5. “Tudo era controlado, até o Ensino.” Indica uma medida de controlo aplicada pelo Estado, sobre o Ensino.

---

---

#### 6. Seleciona com X as frases corretas.

- O MUD, formado em 1945 é a sigla de Movimento de Unidade Democrática.
- As eleições foram livres e isentas de fraude.
- Em 1949, o General Norton de Matos era o candidato às eleições presidenciais, apoiado por Salazar.
- Em 1958, o Estado Novo sofreu um sério abalo com a candidatura presidencial do General Humberto Delgado.
- Salazar alterou a lei eleitoral e o Presidente da República passou a ser eleito por um colégio eleitoral.

**7. Observa o mapa.**

**7.1. Refere porque razão Salazar não quis reconhecer a independência das suas colónias.**

---

---

---

---

**Doc. 2. "Portugal não é um país pequeno."**



**7.2. Explica, por palavras tuas, o que foi a Guerra Colonial.**

---

---

---